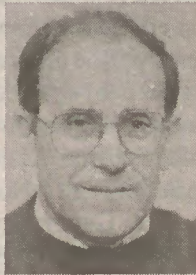


Pobreza no Alentejo

Só falta dizerem-nos que afinal de contas os trabalhadores, os reformados e outros portugueses que lutam por uma vida melhor não passam de um bando de ingratos.



■ José Soeiro

Pág. 12

NACIONAL

Candidatos CDU nos Açores e Madeira

Entregues as listas para as eleições regionais de Outubro

Págs. 6 e 8

INTERNACIONAL

França Solidariedade com imigrantes

• Manifestações em todo o País

Pág. 9

La festa!

Para a semana há Festa



Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 29 de Agosto de 1996 • Preço: 150\$00 (IVA Incluído) • N.º 1187 • Director: Carlos Brito



Carlos Carvalho em Mértola

Reforço

e dinamismo do PCP

«As inaugurações de Centros de Trabalho feitas já este ano, bem assim como as novas inscrições na JCP e no PCP nomeadamente de jovens, testemunham o reforço do nosso partido, o seu rejuvenescimento e o seu dinamismo», afirmou Carlos Carvalho na inauguração do CT de Mértola.

Pág. 5



TRABALHO EM CHAMAS

Oito anos depois do incêndio no Chiado, os trabalhadores dos estabelecimentos comerciais atingidos pelo sinistro vêm protestar e exigir responsabilidades aos patrões, ao Governo e à Câmara Municipal de Lisboa. Depois de todos os sacrifícios por que passaram desde 1988, os empregados do comércio recusam ser excluídos na hora da reabertura das lojas.

Centrais



Carlos Carvalhas na inauguração do centro de trabalho de Mértola

RESUMO

21 Quarta-feira

Depois de lançar uma operação de controlo nas pensões da baixa lisboeta, o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras pede o repatriamento de 64 estrangeiros ilegais ■ Os agricultores da zona da Marateca e a Quercus exigem que a fábrica da Parmalat não polua mais a ribeira, enquanto o Ministério do Ambiente acusa a empresa de actuar ilegalmente ■ Milhares de pessoas saem à rua, em Paris, solidarizando-se com os imigrantes ilegais ■ Ao chegar a Grozny, o general Lebed apresenta-se como «portador da paz», acrescentando que o confronto entre os separatistas e o exército russo deve ser resolvido «humanamente» ■ De Klerk, ex-presidente sul-africano, rejeita a responsabilidade das violações dos direitos humanos cometidas na altura em que ele dirigia o país.

22 Quinta-feira

Termina a greve dos funcionários de restaurantes do Aeroporto de Lisboa ■ A Assembleia Municipal de Vila do Conde aprova o contrato-promessa da Siemens por unanimidade ■ A partilha de Grozny entre russos e independentistas é assinada por Lebed e Maskhadov ■ Durante um encontro na Faixa de Gaza, Yasser Arafat e Shimon Peres, o líder da oposição israelita, reafirmam o seu empenho em promover a paz ■ O Governo grego antecipa as eleições legislativas, especialmente devido à questão do Chipre ■ Bill Clinton assina uma lei que desmantela parcialmente o sistema de segurança social nos EUA.

23 Sexta-feira

Em Oleiros, o processo de transferência da comunidade cigana é marcada por cenas de violência, apupos e insultos ao Governador Civil de Braga ■ A polícia francesa arromba a porta da igreja de São Bernardo e evacua os emigrantes clandestinos ■ O acordo de cessar-fogo é globalmente respeitado na Tchetchénia ■ Bill Clinton anuncia uma série de medidas a fim de impedir a venda de tabaco a menores ■ A Croácia e a Jugoslávia formalizam o estabelecimento de relações diplomáticas, após cinco anos de hostilidades.

24 Sábado

Carlos Carvalhas desloca-se a Mértola para inaugurar o novo centro de trabalho local ■ Em Oleiros, o bloqueio à comunidade cigana mantém-se ■ As autoridades indonésias detêm mais sete timorenses,

entre eles quatro crianças ■ Na Tchetchénia, começa a ser abordada a questão do estatuto da república ■ No norte da Córsega, quatro atentados visam edifícios públicos e a sede eleitoral de um deputado centrista.

25 Domingo

Em visita à América Latina, a resistência timorense e membros da oposição a Suharto pedem ao presidente argentino que intervenha a favor dos presos políticos do regime indonésio durante a sua visita a Jacarta ■ Inicia-se o repatriamento dos cerca de 300 imigrantes ilegais evacuados da igreja de S. Bernardo, em Paris ■ O general Lebed interrompe as negociações com os tchetchenos e regressa a Moscovo para consultas ■ Depois do presidente palestiano ordenar o encerramento de três gabinetes da OLP em Jerusalém Oriental, é anunciado que o presidente israelita Weizman se irá encontrar com Arafat ■ A menos de três semanas da realização de eleições gerais na ex-Jugoslávia, os refugiados bósnios na Turquia começam a votar em Ancara e Istambul.

26 Segunda-feira

Sabe-se que foram capturados mais cinco timorenses pelos soldados indonésios, em Viqueque, quando saíam de uma missa ■ Na Galiza, várias bombas da ETA são desactivadas ■ Mais quatro pessoas são presas na Bélgica na sequência das investigações à volta da rede de pedofilia ■ Os «sem-papéis» desalojados da igreja de S. Bernardo, em Paris, mudam-se para um teatro vanguardista ■ Chu Doo Hwan, ex-presidente da Coreia do Sul, é condenado à morte.

27 Terça-feira

Em protesto contra a falta de escoamento das vacas, agricultores concentram-se no Mindelo, ameaçando com o «fuzilamento sumário» dos animais e o seu enterro em vala comum ■ Em conferência de imprensa, UGT aplaude Plano Mateus e defende combate ao desemprego ■ Inicia-se, em Estocolmo, o Congresso Mundial sobre Exploração Comercial de Crianças ■ Começam os trabalhos de recuperação do navio Titanic ■ Um grupo de iraquianos desvia um avião das linhas aéreas sudanesas para Londres com o objectivo de obter asilo político no Reino Unido ■ UNITA rejeita nomeação de Jonas Savimbi para uma das vice-presidências angolanas ■ Boris Ieltsin recusa audiência a Alexander Lebed, que lhe pretende expor a sua iniciativa para a paz.

EDITORIAL

A irreconciliação

É

a vários títulos significativo que Guterres tenha ido buscar para o seu discurso do passado fim-de-semana, apresentado como a «rentrée» do PS, as propostas a que chama «reforma do sistema político», de que anda a falar há mais de dois anos, sem nunca ter explicado exactamente o que pretende, pelo menos na parte eleitoral.

Mais significativo ainda foi o de ter justificado fazê-lo com a necessidade de reconciliar o país com a política.

Para quem chefia um Governo que se formou há menos de um ano e se reclamou de portador de uma nova esperança, é uma pesada confissão vir agora reconhecer que persiste o estado de irreconciliação entre o país e a política.

Há dez meses, quando formou o seu governo e era visível que uma grande parte do país acreditava, no seguimento das eleições de 1 de Outubro, que ia haver uma mudança na política nacional e que muitos problemas seriam resolvidos, Guterres nunca se lembraria de falar da necessidade de uma reconciliação.

A invocação da necessidade de reconciliação vem-lhe aos lábios como reflexo do estado de desencanto e decepção que alastra no país, que grassa nas próprias fileiras do PS, por ter sido defraudada a vontade de mudança manifestada naquelas eleições e frustrado o clima de esperança que se lhe seguiu.

A razão fundamental do estado de irreconciliação é, pois, a continuação por parte do Governo PS da política seguida pelos governos de Cavaco Silva, nomeadamente, das opções essenciais da política económica e social e da política de integração europeia, tudo subordinando às exigências da moeda única.

O que pesa no país é não só o agravamento das condições de vida de uma grande maioria das famílias portuguesas - com o desemprego, a precarização do emprego, os salários em atraso, a quebra dos salários reais, o caos na educação, as incertezas quanto à segurança social e à saúde - mas também o sentimento de que, continuando a política de direita, mais se aprofundará a degradação em todas estas áreas.

O Primeiro-Ministro bem se esforçou por sugerir, com um optimismo e uma fundamentação em que ninguém acredita, que as coisas vão melhorar em relação ao emprego e à retoma, e insistiu até à exaustão na palavra estabilidade. No entanto, as perspectivas que apresentou para a política económica do próximo ano são a de um Orçamento a doer, com a imposição de mais sacrifícios para os trabalhadores e as classes e camadas intermédias, que constituirão só por si novos factores de conflitualidade e de instabilidade.

A irreconciliação não é, pois, entre o país e a política, mas entre o país e a política de direita e, por isso, uma política de reconciliação significa uma nova política baseada em valores e opções de esquerda, como o PCP defende.

A invocação por parte do líder do PS das suas propostas para a «reforma do sistema político» são, na presente conjuntura, igualmente significativas na medida em que

coincidem com as novas pressões do PSD para entendimentos entre os dois partidos em torno da revisão da Constituição e surgirem no próprio discurso em que Guterres vai ao encontro dessas pressões e propõe, do seu lado, encontros para Setembro com essa matéria na agenda.

Lembrando essas propostas, o Primeiro-Ministro como que adianta o que lhe interessa debater.

Ora as propostas de Guterres que passam pela atribuição aos cidadãos eleitores de novas prerrogativas de iniciativa legislativa, no desencadeamento do referendo e de apresentação de listas em todas as eleições, onde esse direito é actualmente reservado aos partidos políticos, visam sobretudo uma profunda reforma da legislação eleitoral com a introdução dos círculos uninominais.

Sendo por si só muito grave esta referência, pois conflita radicalmente com o princípio de representação proporcional em que assenta o nosso direito eleitoral, nunca foi possível até hoje avaliar completamente o seu alcance, pois o PS nunca o quis esclarecer, ao longo de mais de dois anos, limitando-se a dizer que quer combinar círculos uninominais de apresentação de candidatos com círculos proporcionais de apuramento dos resultados. Foi o que Guterres voltou a dizer.

Esta atitude reservada da direcção do PS em relação à base do próprio partido, onde há grandes defensores do princípio de representação proporcional, torna ainda mais inquietantes

os projectos de Guterres de profunda alteração do sistema eleitoral vigente.

Não é com certeza para aumentar as condições de igualdade das forças concorrentes às eleições e a representatividade eleitoral, mas para facilitar as chamadas maiorias de governo, favorecer os partidos de maior representação eleitoral na Assembleia, reduzir ou fazer desaparecer a representação dos outros, diminuindo, por consequência, o número daqueles que se revêem no órgão de soberania constitucionalmente representativo.

É então completamente falaciosa a ideia de que seja este o caminho para reconciliar o país com a política. Mas este vai ser um dos embustes que o país vai ter de enfrentar e combater se a revisão da Constituição for para a frente.

A política de direita, tanto nos seus desenvolvimentos socioeconómicos como nos planos político e institucional, não será nunca um factor de estabilidade e reconciliação, por mais que Guterres repita estas palavras, será sempre um factor de desestabilização e conflito, que agravará as discriminações, as marginalizações e as irreconciliações sociais e políticas.

A luta contra a política de direita exige por isso muita firmeza e perseverança e a força de um grande partido, como o PCP, incondicionalmente ao lado dos trabalhadores e do país e com um projecto de futuro que tem por perspectiva o socialismo.

O reforço do PCP é, assim, uma tarefa essencial neste combate. Pois como Carlos Carvalhas afirmou em Mértola, no sábado passado: «O reforço do nosso Partido, o aumento da sua influência é fundamental para que Portugal venha a ter de facto uma nova política, uma política ao serviço do povo e do país.»

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex. 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7.º A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$00. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE's
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis, 90, 7.º A,
— 1100 Lisboa
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira.
Telef. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTAPRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra
Telef. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B L. 227 — 4470 Maia
Telef. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7.º A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7.º A 1100 Lisboa
— Telef. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal n.º 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EUROPA
50 números: 6 750\$00;	50 números: 24 750\$00
25 números: 3 487\$50	
ESPAÑA	EXTRA-EUROPA
50 números: 13 300\$00	50 números: 39 950\$00
GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU — 50 números: 26 650\$00	
* IVA e portes incluídos	
Nome _____	
Morada _____	Telef. _____
Código Postal _____	
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.	

ACTUAL

Fome de palavras

É habitual ouvir os comentadores desportivos afirmarem no final do defeso futebolístico que os jogadores estão com «fome de bola». Entretanto, os resultados que se verificam depois, quando as competições se iniciam, mostram, geralmente, que a fome não era assim tão grande...

Mas já em relação à política, bem se pode dizer depois dos comícios da «rentrée» do PSD, do PS e do PP, a avaliar pelas grandes peças oratórias aí produzidas, que os respectivos líderes estavam com uma fome de palavras verdadeiramente devastadora.

E não foi preciso mais do que umas três semanas de silêncio incompleto...

As televisões e outros grandes meios de comunicação social também mostraram, pela cobertura que reservaram àqueles comícios, que estavam com muita fome de palavras. Mas não de todas as palavras... As de Carvalhas ou foram ignoradas ou reflectidas com a maior frugalidade. A justificação para alguns é que não eram palavras da «rentrée». A verdade, é que foram palavras a tratar dos problemas sérios dos portugueses.

As abundantes palavras da «rentrée» serviram para encobrir a falta de ideias, sobretudo de ideias que interessem ao país, no jeito da muita parra e pouca uva. Mas os oradores fizeram curiosas piruetas verbais.

É o caso do discurso de Marcelo Rebelo de Sousa quando ameaçou que «se Guterres conferir à aprovação do Orçamento o carácter de uma moção de confiança, então... o PSD reagirá viabilizando-o através de uma abstenção». Parece que conclusão devia ser a contrária, ou que Marcelo perdeu uma boa ocasião de estar calado, porque o PS pode conferir o carácter de moção de confiança a qualquer outra matéria.

É também o caso do discurso de Monteiro, quando afirma que «as pêras doces acabaram», referindo-se às ajudinhas que tem prestado a Guterres e ameaçando que nunca viabilizará o próximo Orçamento... a não ser que o PS aceite referendar a moeda única.

São só negócios...

Em matéria de palavras ninguém ganha, porém, ao Primeiro-Ministro que até anunciou como grande desígnio do seu Governo o de «levar Portugal para o centro da Europa» - desígnio só permitido a Deus ou a Atlas, ou à incontinência verbal de Sua Excelência.

E não serão fruto dessa mesma incontinência as boas novas que anunciou em relação ao desemprego, à retoma, à corrupção? Não lhe ocorreu que o país já viu esse filme?

Cavaco Silva rodou-o repetidamente e usando os mesmíssimos truques: a manipulação de números conjunturais e não generalizáveis e à invocação de autoridades estrangeiras.

O país mais prevenido reagiu logo ao «oásis cor-de-rosa». Mas o restante país, não se iludam os estrategos de Guterres, também já tem experiência destes golpes oratórios...

É um facto que as lideranças partidárias regressam de férias ainda mais palavrasas.

O mais triste é que a sua fome de palavras não mata a fome a ninguém.

■ Carlos Brito

Abençoada memória

Os «factos políticos» desta segunda quinzena de Agosto vieram pôr de novo em evidência que PS, PSD e PP constituem o tripé de uma poderosa máquina de endominação que quer basear a sua impunidade na rasura da memória, no assassinio da capacidade de relacionar e confrontar as palavras com os actos, no exílio do espírito crítico e na abdicação da soberania individual de reflexão e julgamento.

A este respeito, entre dezenas de possíveis exemplos, vejamos três casos em que basta alguma memória para dissipar alguns flocos do nevoeiro lançado pelo PS, pelo PSD e pelo PP.

Primeiro exemplo: o Ministro das Finanças e toda uma corte de comentadores celebraram a grande «transparência» da decisão governamental de, para a privatização do Banco de Fomento e Exterior, apenas seleccionar o BPI de Artur Santos Silva. Graças a alguma memória, estamos em perfeitas condições de testemunhar tal «transparência». Porque nos lembramos que Santos Silva foi Secretário de Estado no Ministério das Finanças, confiado ao PS, do VI Governo Provisório, e também que o BPI foi o primeiro banco privado a ser autorizado, por decisão de um Governo de Mário Soares. E sobretudo porque nos lembramos de, já há dez meses, termos lido no «Semanário» (de 21.10.95) que «Artur Santos Silva persegue esta estratégia de ataque ao BFE desde pelo menos Abril e manteve vários contactos com Eduardo Catroga que se manifestou agradado com esta estratégia» e que «o ex-Ministro das Finanças já explicou o caso ao novo Ministro Sousa Franco que também se terá mostrado receptivo».

Segundo exemplo: sábado passado, o «Expresso» publicitava a faiscante «novidade» de que «Marcelo põe reticências a referendo sobre Europa» e de que «o líder do PSD avisa agora Guterres de que poderá não votar ao lado do Governo». Certamente por falta de memória, o «Expresso» não confrontou as suas «fontes» no PSD com as perguntas que verdadeiramente se impunham, tais como: «Mas, desculpe lá, qual referendo sobre a Europa? Então não é verdade que o PSD já acordou com o PS, na revisão constitucional, uma formulação que impede o referendo sobre a revisão do Tratado de Maastricht e sobre a participação de Portugal na moeda única? E, assim sendo, o que é que sobra para o referendo? As presidências rotativas? As línguas oficiais? A não sei quê do 3º pilar?»

Terceiro exemplo: certamente munido de autorização por escrito da CIP, Manuel Monteiro dá a prevista cambalhota da passagem a uma firme «oposição» ao Governo do PS, declarando que «acabaram as pêras doces». Mas quem tiver alguma memória recordar-se-á que, ao longo dos últimos seis meses de estreita cumplicidade do PP com o PS, ninguém viu Manuel Monteiro a falar do PP como uma «pêra doce» para o PS, antes toda a gente o viu a justificar essa colaboração com sublimes razões nacionais e com as imensas rectificações do Orçamento que tinha conseguido e de que já nem ele se lembra. E é quanto basta para se concluir que este campeão nacional da politiquice e da falta de escrúpulos não deixa o título por mãos alheias.

Tudo visto, que ninguém duvide: nos tempos que correm, a memória é mesmo uma grande arma.

■ Vítor Dias

Ricos e poucos

Um fenómeno aparentemente insólito ocorre em Portugal: ao mesmo tempo que se multiplicam os estudos referentes à pobreza e à exclusão social (alguns dos quais de indiscutível interesse e qualidade), são, pelo contrário, em número extremamente reduzido os trabalhos referentes à riqueza e à sua concentração. E o Instituto Nacional de Estatística não disponibiliza regularmente estatísticas sobre a riqueza, ao contrário do que acontece com departamentos congêneres de outros países - como é o caso, por exemplo, do Insee, de França, que todos os três anos publica um extenso relatório sobre a concentração do património e do rendimento dos lares.

E, contudo, ninguém pode negar que a pobreza e a riqueza constituem como que duas faces

da mesma moeda. E que não é possível analisar ao nível do porquê das coisas os fenómenos que estão a conduzir ao alastramento e ao aprofundamento da pobreza e da exclusão social, sem observar e analisar os processos que estão simultaneamente a conduzir à crescente concentração da riqueza e do rendimento num segmento cada vez mais estreito da população.

Tem um particular interesse, por isso, os resultados agora vindos a público, que constam do Boletim económico do Banco de Portugal de Junho último, referentes à questão da riqueza e do rendimento no nosso país. E que apresentam uma análise preliminar do primeiro Inquérito ao Património e Endividamento das Famílias (IPEF), relativo ao ano

de 1994, conduzido com base numa amostra de 11324 agregados familiares recolhida em todo o território nacional. Que 1% da população portuguesa concentre 16,8% do total da riqueza, que 5% da população disponham de 34,3%, e que um quarto da população monopolize 72% da riqueza - não são dados inteiramente inesperados para quem conhece o país real, mas que mesmo assim não deixam de ser particularmente expressivos.

Como não surpreende que os estudos realizados sobre a distribuição do rendimento em Portugal para os anos de 1980, 1990 e 1994 apontem que «o imperceptível decréscimo de desigualdade registado na década de 80 parece não encontrar continuação na primeira metade dos

anos 90, onde se regista um crescimento significativo da desigualdade». Não mostra isso que durante esse período o primeiro e fundamental objectivo da política de direita foi atingido?

O debate do próximo Orçamento do Estado - cujo carácter fortemente restritivo e cujas opções favoráveis ao grande capital o Governo tem vindo a fazer surgir na comunicação social através de sucessivos «balões de ensaio» - vai certamente constituir um momento privilegiado para discutir o tema da riqueza. E a necessidade, imperativa e urgente, de discutir a sua (muito melhor) distribuição.

■ Edgar Correia

JORDÂNIA
- FMI

Balas em vez de pão

Nos últimos anos, sobretudo após o colapso da URSS, os ideólogos do capitalismo vão espalhando e bombardeando as mentes com a ideia que o sistema é eterno, que a vida só se pode organizar em sociedades cujo motor se funda no lucro, na exploração, desprezando os valores que colocam o homem no centro da sociedade.

Nos tempos que correm, o deus-cifão tornou-se numa espécie de único deus, fundando um «novo» monoteísmo em torno daquele deus maior do capitalismo.

Os tempos parecem estar de feição para organizações internacionais como o FMI e o Banco Mundial. De Moscovo a Caracas, de Kinshasa ao Rio de Janeiro, de Lagos a New Dili, um pouco por todo o mundo, o FMI com os seus programas de ajustamentos estruturais vai aplicando a sua terapia de choque para prolongar o poder do capitalismo. São os trabalhadores, os povos, os mais desfavorecidos, que vivendo já em condições infra-humanas sofrem os efeitos devastadores dos programas do FMI.

Em nome do mercado, do lucro, da competição, o FMI impõe aos seus vassallos as mesmas receitas de sempre: aumentos vertiginosos dos preços dos bens de primeira necessidade (pão, leite, arroz, carne), cortes nas despesas sociais (saúde, educação) e entrega dos sectores rentáveis ao sector privado. O receituário não muda porque os objectivos são os mesmos: engordar os lucros, tornar mais difícil a vida dos que vivem do trabalho.

É por isso que os homens e mulheres do FMI ao aplicarem os seus programas provocam verdadeiras devastações sociais.

Agora na Jordânia, apesar da oposição de 11 partidos políticos, incluindo o Partido Comunista, da maioria dos parlamentares, dos sindicatos, de representantes de tribos, o governo impôs as medidas do FMI que consistiram em brutais aumentos dos bens de primeira necessidade, do qual sobressaiu o aumento do pão em 300%. Não se pode esquecer que a Jordânia do Rei Hussein desempenha neste momento um importante papel na estratégia dos EUA para a região, mantendo relações amistosas com o novo governo de direita de Israel.

Os todo-poderosos senhores do FMI, ao pretenderem meter o mundo na nova ordem, não hesitam, para sacar lucros fabulosos, em obrigar povos a passar fome à custa de uma cruel repressão. Esta é a imagem de marca do FMI.

O capitalismo pode encontrar organizações do tipo do FMI que à escala mundial tornam um conjunto de países mais dependentes do centro e simultaneamente mais ligados à dinâmica do próprio sistema. Mas não conseguem torná-lo mais justo e humano. Os ideólogos do capitalismo podem pregar a eternidade do sistema, mas não conseguem esconder que as bases em que assenta são tão injustas e desumanas que se torna urgente e vital encontrar outras mais justas.

Em nome do mercado, dos chamados programas de ajustamento estruturais podem as grandes multinacionais obter lucros fabulosos, semeando a miséria e a morte entre os que para defender o pão se lhes opõem. Só que os trabalhadores e os povos não estão condenados a suportar eternamente este calvário. Lutando, encontrarão os caminhos para a alternativa ao capitalismo: o socialismo.

■ Domingos Lopes

Melka despede ilegalmente

Os trabalhadores da Melka, em Évora, continuam a acusar a administração da empresa de ter procedido a um despedimento ilegal e afirmam que nada justifica o fim da laboração de uma unidade que nos últimos anos obteve 3,5 milhões de contos de lucros. Recordam, concretamente, que a lei só prevê este tipo de despedimento quando a situação financeira da empresa é má - o que não era manifestamente o caso -, pelo que consideram que a administração terá de explicar judicialmente este encerramento que lançou no desemprego 163 trabalhadores.

(leia-se, segundo as vantagens comparativas oferecidas pelo nosso país, designadamente em mão-de-obra barata, não conseguir garantir as mesmas condições de reprodução do capital). Vai daí, como qualquer pequena diminuição nos lucros é entendida como prejuízo, não hesitaram em fazer as malas para se instalarem noutras paragens, falando-se já - depois de recentemente terem inaugurado uma unidade na Coreia do Sul - que a próxima aposta terá como destino a Europa do Leste.



O horror de Charleroi

O drama das crianças de Charleroi, vítimas de uma rede de pedofilia, deixaram em estado de choque a Bélgica. Com o aparecimento dos cadáveres de duas meninas de oito anos - Julie Lejeune e Melissa Russo, raptadas em Junho de 1995 - e a prisão do principal acusado de crimes sexuais sobre elas cometidos, Marc Dutroux, o caso trouxe para primeiro plano as sinistras ligações e complicitades que se desenvolvem no submundo da pornografia e da prostituição infantil. A prisão de um inspector da Polícia mostra entretanto que tais ligações e complicitades vão mais longe e mais alto.

As informações vindas a lume apontam para a existên-

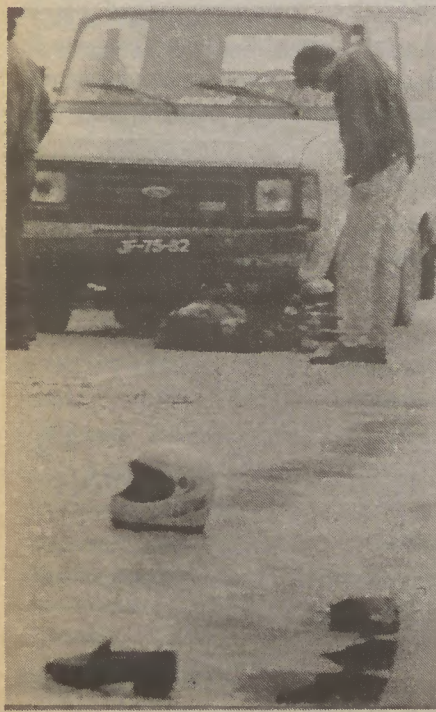
cia de complexas redes que lançam todos os anos para a prostituição um número incalculável de crianças. Desse ignóbil crime que proporciona lucros de muitos milhões às várias «mafias», já se sabia. Não faltam relatos sobre a exploração sexual de crianças em países da Ásia ou da América Latina. Longe da porta... Só que agora, o caso, foi em plena Europa. O que não pode ter deixado de ampliar a indignação e revolta pelo horror dos crimes cometidos. E de pôr em causa, como está a suceder na Bélgica, o próprio Poder Executivo, a polícia, o sistema judicial e a natureza de algumas leis.

Morte nas estradas

Em matéria de acidentes rodoviários, no plano europeu, Portugal ocupa, destacado, o lugar cimeiro. A nível mundial, só mesmo a Coreia do Sul consegue bater-nos. Entre 28 de Junho e 19 de Agosto, por exemplo, o número de acidentes registados foi de 15.360, de que resultaram 320 mortos, 1252 feridos graves e 6975 considerados de menor gravidade. E o pior é que, comparan-

do este quadro com o ocorrido em idêntico período do ano anterior, constata-se que há um agravamento da situação, facto em si mesmo revelador do quanto está por fazer no domínio da educação e prevenção rodoviária, designadamente na educação escolar e na formação dos que intervêm na segurança e fiscalização.

Para esta lamentável posição, indicada por estatísticas oficiais, concorrem as asneiras cometidas por um elevado número de pessoas que reconhecidamente praticam uma má condução. Apontadas como responsáveis pela tragédia, para além dos aspectos inerentes ao comportamento cívico, são ainda as manobras perigosas, bem como o frequente desrespeito pela sinalização, ela própria, já de si, quantas das vezes, padecendo de inconveniências várias.



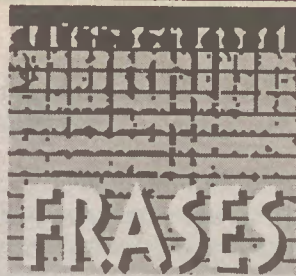
Repartição da riqueza

Cerca de dez por cento dos cidadãos mais ricos concentra metade da riqueza, enquanto a metade mais pobre da população não vai além de pouco mais de seis por cento. A conclusão resulta de um estudo do Instituto Nacional de Estatística, analisado no boletim trimestral do Banco de Portugal de Junho passado e divulgado na semana transacta. Incidindo numa amostra de 11.324 agregados familiares, este inquérito ao património e endividamento das famílias revela um nítido acréscimo das desigualdades na distribuição do rendimento nos anos 90. Desagregando um

pouco mais a informação que nos fornece o estudo em causa, com valores reportados a Setembro de 1994, ficamos a saber que cerca de 0,5 por cento dos habitantes mais ricos possuíam perto de 13 por cento da riqueza ou ainda que os cinco por cento mais ricos concentravam um terço da riqueza.

Trata-se de uma clara e chocante desigualdade na repartição do rendimento que - não por acaso - coincide com idêntica tendência (segundo estudos da OCDE) ocorrida nos anos 80 em vários países que incrementaram políticas enfeudadas às teses ultraliberais, como foi o caso do Reino Unido de Thatcher ou dos EUA de Reagan.

Alastramento das manchas de pobreza, aumento dos fenómenos de exclusão social, concentração da riqueza, para não irmos mais longe, foram alguns dos resultados de tais orientações. Por cá, seguindo-lhes a pegada, Cavaco Silva aplicou ciosamente idêntica fórmula. Os portugueses, nas urnas, deram-lhe a resposta. Mas tudo indica que não falta quem queira continuar a aplicar a mesma receita...



“O cargo em si era qualquer coisa que eu julgo que sabia fazer. Isto pode parecer imodéstia mas não é: há coisas que eu igualmente assumo não ser capaz. Agora presidente da Câmara de Lisboa, julgo que saberia desempenhar bem o cargo”

(Ferreira do Amaral - «Semanário» 24/08/96)

“A Madeira corre o risco de ver um pseudo-padre (Edgar Silva, candidato da CDU) ter mais votos do que o meu principal adversário”

(João Jardim, referindo-se ao PS/Madeira - «Diário de Notícias» 26/08/96)

“Se Paulo Portas e Manuel Monteiro forem sensatos e inteligentes, esta nova ligação poderá durar por algum tempo”

(Lobo Xavier - «Semanário» 24/08/96)

“A direcção do PP quer vingar-se de mim”

Idem, Ibidem

“A oportunidade que demos ao PS não poderá continuar a funcionar, em 1997, nos moldes em que funcionou até agora”

(Manuel Monteiro - «Diário de Notícias» 26/08/96)

“As peras doces acabaram”

Idem - «Público» 25/08/96)

“Não deixa de ser extraordinário que os mesmos tecnocratas que se têm revelado incapazes de prever a evolução da economia a seis meses de distância, já quando se trata das nossas magras garantias sociais, não hesitem em ameaçar com défices, calculados à décima, para daqui a... 40 anos”

(Manuel Villaverde Cabral, a propósito das previsões alarmistas sobre o futuro das pensões e reformas - «Diário de Notícias» 26/08/96)

“Este não é o partido que sob a capa do nome socialista, ou dizendo-se defensor dos interesses populares, faz o jogo e promove os interesses dos grandes senhores do dinheiro”

(Carlos Carvalhas - discurso em Mértola 24/08/96)

“Estes dois partidos (PS e PSD) são como a raspadinha: anunciam muito, prometem muito, mas depois, na prática para a maioria, ou sai muito pouco ou quase sempre não sai nada”

Idem, Ibidem

GRUPO PLAN

Horriblo crime, horrible société

Chers collègues socialistes-rouges ? Il y a plus de morts pour dieux l'homme qui devrait servir les faibles et les jeunes filles abusées par des pédophiles comme Dutroux.

Dans quel système vivons-nous où de telles atrocités peuvent s'inscrire en l'absence de tout contrôle ?

La peine de mort pour un système qui génère de tels crimes !

Exploitation sexuelle des enfants : branche de l'économie capitaliste

Le socialisme seul capable d'une lutte efficace contre la criminalité

Le socialisme seul capable d'une lutte efficace contre la criminalité

Le socialisme seul capable d'une lutte efficace contre la criminalité



Fiscalizar imigrantes

Nos seus objectivos, anunciou-o o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), estava alegadamente a prevenção de situações fraudulentas quanto ao processo em curso de regularização de imigrantes. A operação, apelidada de fiscalização e controlo documental, mantida em segredo, acabou por ser desencadeada de madrugada, incidindo em pensões da baixa lisboeta. Parece que com êxito, na perspectiva dos seus promotores, já que da intervenção resultou a detecção em situação irregular de entrada ou permanência no nosso país de 64 cidadãos estrangeiros. Pormenorizada, a listagem oficial refere que 26 dos detidos são originários do Senegal, 21 de Marrocos, dez da Mauritânia, dois do Gabão, dois da Argélia, um da

Líbia, um da Libéria e outro da Palestina. A ausência de qualquer visto que lhes permitisse entrar ou permanecer legalmente em Portugal foi o motivo para os levar presentes ao Tribunal de Pequena Instância Criminal. Como destino certo têm a expulsão e a provável readmissão, na melhor das hipóteses, em território espanhol e francês, de onde provieram na sua maioria.

Cumprindo escrupulosamente o estabelecido pelos acordos de Schengen, na esteira aliás do que vêm fazendo os governos francês e espanhol, ninguém pode duvidar de que o governo socialista está a cumprir com zelo o seu papel de «porteiro» no bunker europeu.

Inauguração do Centro de Trabalho de Mértola

Reforçar o PCP com confiança no futuro

Foi um dia diferente o que os comunistas e amigos do Partido viveram no último sábado, em Mértola. Sem exagero pode falar-se mesmo de um dia especial e, em rigor, o motivo não era para menos. Tratava-se nada mais nada menos do que a inauguração do novo Centro de Trabalho.

Não que o facto tenha algo de incomum ou de surpreendente num Partido que encara a sua casa como um espaço aberto a toda a população e que soube enraizar hábitos de vivência que conferem aos seus mais de 200 centros de trabalho uma operacionalidade que é suporte do trabalho e da luta. No caso vertente é também disso que se trata. Mas, para além do seu inegável significado político, a razão adicional para a satisfação partilhada pelos presentes ao acto inaugural residiu na circunstância de entre os adversários políticos poucos terem acreditado ser possível edificar com as características que o enformam e distinguem - seja nos seus aspectos funcionais, seja em termos de área, seja ainda no plano da arquitectura - um Centro de Trabalho que, para além de se constituir em

legítimo motivo de orgulho dos comunistas daquele concelho do Baixo Alentejo, representa um testemunho do reforço do PCP, do seu rejuvenescimento e do seu dinamismo.

Compreensível, pois, o clima de festa que rodeou esta inauguração, última etapa de um longo processo - desde a fase de concepção e projecto, até ao financiamento e construção do edifício -, só possível graças à vontade, dedicação e empenho de muitos militantes e simpatizantes do Partido.

Isso mesmo foi realçado pelo secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, no decorrer da sessão que encheu a deitar por fora o amplo salão do novo centro de trabalho situado bem no coração de Mértola e a que assistiram muitos independentes e até membros de outras forças políticas.

Presidido por António Raposo, responsável da concelhia e vereador na Câmara, este momento político foi iniciado com uma intervenção de Teresa Martins, da JCP, que falou da actividade desenvolvida pelos jovens comunistas desde que se constituíram em núcleo há cerca de um ano. Por si realçadas foram também as excelentes condições que se abrem ao trabalho nas escolas, bem como quanto às perspectivas existentes no que se refere ao recrutamento de novos militantes.

presidente do Município, falando em nome da comissão concelhia, destacou, por sua vez, a importância do novo centro no desenvolvimento do trabalho partidário, sublinhando, designadamente, o seu papel no que se refere à melhoria da organização e ao reforço e dinâmica da intervenção dos comunistas junto dos trabalhadores e da população. Num concelho onde a desertificação e o desemprego constituem dois dos principais problemas, recordado foi ainda o excelente trabalho de recrutamento desenvolvido

desde a realização da assembleia de organização em Fevereiro último, acção essa que trouxe ao Partido 50 novos militantes e que, frisou, tem de continuar para que "o PCP seja mais forte" e, nessa medida, esteja em melhores condições de defender "os interesses do povo de Mértola".

Depois do acto público, já ao ar livre, nas traseiras do edifício, os numerosos presentes participaram num convívio que se prolongou pelo fim da tarde e que contou com a animação do Grupo Coral das Minas de S. Domingos.



O amplo salão do Centro de Trabalho encheu-se a rebentar pelas costuras por um auditório interessado em ouvir Carlos Carvalhas



Cláudio Torres (à conversa com o dirigente comunista José Soeiro) foi um dos muitos independentes que participaram no acto inaugural e no animado convívio que se lhe seguiu



Carlos Carvalhas

Um Partido ao serviço do povo

(...)

As inaugurações de Centros de Trabalho feitas já este ano, bem assim como as novas inscrições na JCP e no PCP, nomeadamente de jovens, testemunham o reforço do nosso partido, o seu rejuvenescimento e o seu dinamismo.

Reforço, rejuvenescimento e dinamismo que se verifica pelo esforço, pela militância dos seus membros, pela confiança no futuro, mas também porque o partido aparece cada vez mais e para cada vez mais portugueses, como a grande força nacional que, com firmeza, coerência e verdade, defende os interesses nacionais e populares, a grande força nacional que marca a diferença, que honra os seus compromissos, que levanta as bandeiras dos valores da esquerda e que tem propostas e soluções para fazer sair o país da crise.

O reforço do nosso partido, o aumento da sua influência é fundamental para que Portugal venha a ter de facto uma nova política, uma política ao serviço do povo e do país.

Este novo Centro de Mértola, que é também um exemplo do esforço de militância e de uma atitude colectiva voltada para o futuro, será uma casa aberta ao povo e a todos aqueles que conosco querem lutar e intervir em defesa dos interesses populares. E este reforço do partido que também este novo Centro de Trabalho testemunha é significativo no ano em que comemoramos o 75º Aniversário, a 20ª Festa do Avante e no ano em que realizamos o nosso XV Congresso.

Na verdade, este não é o partido que

sob a capa do nome socialista, ou dizendo-se defensor dos interesses populares faz o jogo e promove os interesses dos grandes senhores do dinheiro.

Este não é o partido que tem de fazer grande gritaria no Pontal ou na Pontinha para mostrar que tem de facto uma política diferente do fundamentalismo neoliberal, da concentração de riqueza e da marcha para a moeda única pela arreata do Bundesbank, com as inevitáveis consequências do desemprego, trabalho precário, destruição do tecido produtivo, estagnação da economia e regressão de importantes conquistas sociais e civilizacionais do Século XX.

Este não é o partido que tem de inventar factos políticos para fingir discordâncias inexistentes e que em relação, por exemplo, à regionalização diz que o PSD está prisioneiro de Cavaco, quando toda a gente vê que é o próprio PS que se tem deixado aprisionar pela estratégia do PSD, comprometendo profundamente a possibilidade de regionalizar o país.

Este não é o partido, como fez o PSD no Pontal, que identifica a proposta de Orçamento de Estado do Governo PS com uma «moção de confiança» para assim ter desculpa para o deixar passar, enquanto o PS, por encomenda do PSD, invoca o argumento da «estabilidade governativa», simulando ambos grandes divergências sobre coisa nenhuma e escondendo, PS e PSD, a sua concordância quanto a um Orçamento estritamente «maastrichtiano» e à sua aprovação pela Assembleia da República.

Este não é o partido, como o fez PSD

no Pontal, que anda a sugerir planos de emergência para o desemprego, que aliás o país tem conhecido vários, quer na gestão PSD, quer agora na do PS, jogando assim com as legítimas esperanças e dificuldades dos desempregados quando o PSD e o PS sabem muito bem que a política que defendem leva à criação de mais desemprego e de mais trabalho precário.

Estes dois partidos são como a raspadilha: anunciam muito, prometem muito, mas depois na prática para a maioria ou sai muito pouco ou quase sempre não sai nada.

Este não é também o partido que promete planos de emergência para o Alentejo e que continua com a sua política a aumentar o desemprego e a desertificação e envelhecimento do interior do país, como é o caso da região de Mértola, onde se instaurou o latifúndio e se mantêm milhares de hectares nas mãos de dois ou três senhores, que pouco mais criam que meia dúzia de empregos. (...)

Mostrem as vossas discordâncias

Daqui lançamos ao PS e ao PSD quatro desafios.

Daqui os desafiamos, por exemplo, a esclarecer o que os divide quanto à formação dos agentes dos serviços de informações portuguesas pela CIA, que, sem desmentido, foi noticiado ir começar em Setembro, no que constitui uma clara alienação de independência e soberania nacionais?

O que os distingue quanto à cobertura das actividades do SIS se agora o Governo do PS fez arquivar o inquérito por espionagem aos partidos da oposição no tempo do Governo PSD, se o PS não alterou significativamente as condições de controlo democrático da actividade do SIS, nem fez quaisquer alterações na sua direcção?

O que os diferencia quanto ao acordo secreto entre o governo PSD e Champalimaud, em que este recebeu de mão beijada do Estado 17 milhões de contos - uma verba semelhante à que pagou pela privatização da Mundial Confiança, acordo que desapareceu misteriosamente e que o Governo PS não descobriu nem denuncia?

E o que os separa nos benefícios fiscais dados em sede de Orçamento de Estado, quer no governo PSD, quer no governo PS, ao capital financeiro, que montam a muitos milhões de contos que fazem falta no investimento produtivo, na criação de emprego e na melhoria do nível e qualidade de vida das populações?

(...)

Temos mudado de ministros e de primeiros-ministros. Mas o que a experiência prova é que não basta mudar de pessoal político, mas sim pôr em prática uma outra política que corresponda às aspirações sociais e às aspirações de desenvolvimento. E para isso é necessário o reforço do PCP, o grande partido da esquerda. Vamos continuar a trabalhar nesse sentido, ao serviço do povo e do país.

(...)

Eleições Regionais na Madeira

CDU divulga listas

No passado dia 18, no Centro de Trabalho do Partido Comunista Português no Funchal, a Coligação Democrática Unitária apresentou as listas com que concorre em Outubro às eleições legislativas regionais da Madeira, nos concelhos do Funchal, Santa Cruz e Câmara de Lobos.

Assim, a encabeçar a lista da CDU para o círculo eleitoral do Funchal encontra-se o padre Edgar Silva, independente, seguido de Leonel Nunes do PCP. A lista de Câmara de Lobos é, por sua vez, encabeçada pelo padre Mário Tavares, da Paróquia das Corticeiras, e actual deputado, apresentando-se em segundo lugar o sindicalista Diamantino Alturas, do PCP. Em Santa Cruz, é Fátima Gonçalves, independente, quem, em representação do Partido Ecologista «Os Verdes», encabeça a lista da CDU por este círculo eleitoral, seguindo-se-lhe o candidato comunista Rui Teixeira.

Na sessão de apresentação das listas, Leonel Nunes divulgou algumas das linhas programáticas e das propostas com que a CDU se apresenta ao eleitorado. Considerando a necessidade de uma profunda mudança a nível das políticas sociais, Leonel Nunes diria que «as estratégias contra a pobreza não são apenas uma necessidade em sentido ético mas, sobretudo, um imperativo político». E defendendo uma participação «lúcida na gestão da vida pública» e sobre «questões fundamentais que a todos dizem respeito», Leonel Nunes abordou alguns dos problemas mais sentidos pelos madeirenses, como a habitação, o ensino, a saúde, a segurança social.

Por sua vez, Mário Tavares, na intervenção que fez, e a propósito das palavras do bispo do Funchal sobre o comunismo, considerou que elas estão ultrapassadas e que a atitude do padre Edgar, ao entrar neste espaço, serve «para garantir ainda mais a libertação».

Entretanto, Edgar Silva, num manifesto que distribuiu ao eleitorado funchalense, denuncia as incorrectas orientações políticas seguidas pelo poder dominante na região há 20 anos e apresenta algumas das mudanças preconizadas pela CDU: novo desenvolvimento, com direitos sociais; novo investimento, que coloque os problemas sociais no centro do agir político; uma nova autonomia baseada no alargamento das exigências da democraticidade.

Privatizações Governo hipoteca futuro

O Governo PS desferiu «mais um profundo golpe no património público», considera o Organismo de Direcção dos Bancários de Lisboa do Partido Comunista Português num comunicado emitido na passada sexta-feira a propósito da decisão do Governo de levar por diante as privatizações do Banco de Fomento Exterior (BFE) e do Banco Borges e Irmão (BBI).

Perante os resultados líquidos destes dois bancos em 1995, de 15 milhões de contos, que em 1996 devem ultrapassar os 16 milhões, os comunistas consideram ridícula a verba que o Governo diz que o Estado vai encaixar. «Com esta operação extingue-se um grupo financeiro do Estado importantíssimo para a economia nacional em favor de um grupo privado»,

onde os interesses estrangeiros detêm uma posição de destaque, acusam os comunistas de Lisboa. Mas não só: diz a experiência já obtida que as privatizações põem também em causa os interesses dos trabalhadores, nomeadamente direitos adquiridos, traduzindo-se ainda por redução de postos de trabalho, reformas antecipadas e precarização das relações de trabalho.

Os aparelhos de propaganda do PSD e do PS proclamam ganhos de milhões de contos, sempre que privatizam uma empresa, dizem os bancários comunistas, mas a «crua realidade» é que, quando não restar qualquer património público para privatizar, «o financiamento do Orçamento do Estado, na obediência às directivas de Maastricht, será feito à custa dos trabalhadores portugueses, designadamente através do aumento de impostos».

É por tudo isto - afirma o PCP - que ao Livro Branco sobre as privatizações, que o Governo se prepara para apresentar, devem os trabalhadores contrapor o «Livro Negro» da «despudorada venda ao desbarato do património público e da hipoteca do futuro e da independência nacional».

CAMARADAS FALECIDOS

José Joaquim Costa

Com 48 anos de idade, faleceu de forma súbita, quando se encontrava no gozo de férias, o camarada José Joaquim Costa.

Era militante do PCP desde 1974 e, enquanto dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Construção, Madeiras e Mármore, trabalhou activa e dedicadamente em prol da defesa dos interesses da classe.

Geordano Inácio

Vítima de acidente de viação, faleceu recentemente, com 70 anos de idade, o camarada Geordano Inácio. Pertenceu à célula da Portucel e à organização local do Faralhão onde desenvolvia a sua actividade partidária.

Gregório Gil Gaudêncio

Faleceu, no passado dia 18 de Agosto, o camarada Gregório Gil Gaudêncio. Militante do Partido desde 1975, o camarada estava organizado na célula da Carris.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Vítor Dias comenta intervenção de António Guterres

Um discurso que foge da realidade

A propósito dos discursos que o primeiro-ministro e secretário-geral do PS, António Guterres, e o líder do CDS-PP, Manuel Monteiro, proferiram no passado fim-de-semana, Vítor Dias, membro da Comissão Política do PCP, divulgou à comunicação social o comentário que a seguir se transcreve.

«Sem prejuízo de posteriores comentários, consideramos ser de salientar desde já que a intervenção do Secretário-Geral do PS representa no essencial uma cortina de palavras, mais ou menos vistosas, visando esconder realidades de sinal e natureza bem diferentes, a começar pela realidade de um partido que chegou ao Governo em nome da mudança e que desde há 10 meses se mantém numa linha de clara continuidade das opções e políticas fundamentais antes seguidas pelo PSD.

Aliás, é certamente em coerência profunda com esta realidade que o discurso de António Guterres está cheio de temas absolutamente recorrentes do cavaquismo, a começar no «pelotão da frente» agora eufemisticamente baptizado de «centro da construção europeia» e a acabar na estranha e obsessiva insistência na «estabilidade» política.

Como breves exemplos de como este discurso foge da realidade e procura o conforto da palavra e das fórmulas, assinalamos apenas que o Primeiro-Ministro, mais uma vez, falou com muita preocupação e indignação do desemprego, sem resistir a festejar uma ligeira quebra do seu valor que toda a gente pressente ser um efeito meramente sazonal, mas esqueceu-se obviamente de assumir que a política económica e de integração europeia que defende é a principal cau-

sadora do aumento do desemprego.

O Primeiro-Ministro falou, mais uma vez, de solidariedade e direitos sociais, mas esqueceu-se, entre outros exemplos, de recordar que foi o PS que inviabilizou a justa proposta da reposição da idade da reforma das mulheres nos 62 anos.

Falou, mais uma vez, nos direitos de quem trabalha, mas esqueceu-se de recordar a aprovação da lei da flexibilidade e da polivalência.

Falou de um referendo nacional sobre a Europa, mas escondeu que o PS já chegou a acordo com o PSD em sede de revisão constitucional para que não seja possível referendar nem a revisão do tratado de Maastricht nem a participação de Portugal na 3ª fase da UEM.

Falou, mais uma vez, de «rigor» e «consciência social», mas esqueceu-se de reconhecer que as principais consequências das opções de fundo do seu Governo só podem ser o agravamento das injustiças sociais, o fortalecimento do poder e dos privilégios do grande capital, maiores dificuldades e sacrifícios para quem trabalha.

Quanto ao discurso de Manuel Monteiro, tudo se resume em poucas palavras: o CDS-PP foi substituído pelo PSD no papel de muleta do PS, designadamente, mas não só, na viabilização do Orçamento para 1997. Restava a Manuel Monteiro e ao CDS-PP a rábula e o fingimento de que teria sido o PP a pôr termo ao matrimónio com o PS.»

Setúbal

Situação social degrada-se

Na sua reunião de 19 de Agosto, depois de analisar a situação social que se vive na região, a Comissão Concelhia de Setúbal reiterou, em conferência de imprensa, a sua solidariedade activa com a luta dos trabalhadores e da população do concelho, assegurando-lhes o seu empenhamento na criação de condições para uma alternativa política e saudou a organização do PCP pelo seu envolvimento nas iniciativas partidárias em curso.

Constatando a continuada degradação social no concelho de Setúbal, particularmente a nível das empresas, o PCP, no seu diagnóstico, atribui-a à conjugação da política económica do PSD, agora prosseguida pelo PS, com o à-vontade com que o patronato - incentivado pelas medidas legislativas do partido do Governo - desrespeita a legalidade democrática.

Assim, os comunistas de Setúbal denunciam algumas situações gritantes. São os mais de 100 despedimentos efectuados ou em vias de efectivação na Iola, JEM, ELIDE e Sadoce, consubstanciados muitas vezes em rescisões de contratos sem regalias correspondentes e tendo como pano de fundo a recusa por parte do patronato de negociar

com os sindicatos; é o que se passa na Gonvarri (Vendas de Azeitão), onde os turnos atingem por vezes as 12 horas e a administração, para dividir os trabalhadores, efectua agora aumentos mínimos prometendo para 1997 aumentos diferenciados entre zero e 10%; é o caso da Merloni, onde, para impor o caderno reivindicativo, os trabalhadores tiveram de recorrer à greve que atingiu, aliás, 90 por cento dos efectivos da empresa.

Os comunistas referem ainda a Renault, a Valfrío e a Torralta como exemplos de casos em que a luta dos trabalhadores impediu que tivessem o pior dos desfechos (encerramento puro e simples), mas sobre os quais paira uma política de «faz de conta», que ignora as estruturas representativas dos trabalhadores e prima pelo silêncio em relação a estes, desmentindo a política de «diálogo» e «transparência» de que o Governo se fazia arauto.

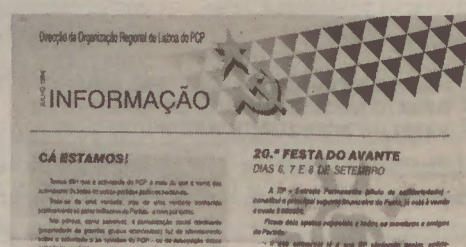
Por fim, a Concelhia de Setúbal do PCP denuncia o «golpe baixo» do PS e dos seus eleitos nos órgãos municipais de Setúbal que, quais «cavaquistas», impuseram a privatização dos Serviços Municipalizados à revelia de qualquer discussão.

DORL lança Informação

Um novo Boletim informativo acaba de ser lançado pela Direcção da Organização Regional de Lisboa.

Com o formato A5, dobrado, a cores e em papel couché, a *Informação* da DORL do PCP que saiu em Julho, e que foi enviada aos membros do Partido no distrito, justifica no editorial o seu aparecimento: «fazer chegar o mais longe possível a informação sobre a nossa actividade, o conteúdo dessa actividade, as posições que defendemos, as opiniões que temos». Este Boletim corresponde a uma necessidade sentida e manifestada por muitos camaradas junto da DORL, preocupados com o silenciamento ou deturpação pela comunicação social da actividade, opiniões e propostas do PCP.

E prova que «ao contrário do que a comunicação social pretende fazer crer, o PCP está vivo, activo, interveniente e com grandes possibilidades de reforçar a sua influência social, eleitoral, política», segundo ainda o editorial que termina afirmando



que os comunistas continuam «na primeira linha da luta contra a política de direita».

Apesar de a organização de Lisboa ter neste momento a sua actividade centrada nas três principais iniciativas partidárias em curso - a campanha de recrutamento do Partido de 5000 novos militantes, a XX Festa do Avante e o XV Congresso do Partido, a realizar em Dezembro -, nesta primeira folha informativa dos comunistas de Lisboa são ainda abordados temas como a revisão da Constituição, as propostas do PCP para uma reforma democrática da Segurança Social e o grave retrocesso social que representa a proposta de lei do Governo PS sobre flexibilização e polivalência.

TRABALHADORES

Com propostas para redução das despesas de saúde Sindicatos levam à ministra problemas da indústria farmacêutica

Na passada sexta-feira, a Federação dos Sindicatos da Química, Farmacêutica, Petróleo e Gás (Fequifa/CGTP-IN) foi recebida, a seu pedido, pela ministra da Saúde.

A delegação sindical expôs a Maria de Deus «as suas preocupações e os principais problemas que afectam os trabalhadores» representados pelos sindicatos filiados «e as suas repercussões no sector da Saúde» - como se refere na nota que a federação divulgou após a audiência.

Extinção progressiva

À cabeça das questões colocadas à ministra surgiram «as graves consequências que vêm resultando do progressivo desaparecimento da indústria farmacêutica nacional», das quais a federação destaca:

- o «impressionante crescimento do volume de desemprego», expresso na extinção de mais de 6 mil postos de trabalho entre 1991 e 1995 (o que, salienta a Fequifa, representa uma redução de 37,5 por cento do emprego no sector farmacêutico);

- «os sérios perigos que poderão resultar do controlo total da produção e abastecimento» de

medicamentos por sociedades transnacionais que «poderão provocar rupturas no abastecimento e pôr em risco o próprio sistema nacional de saúde, em face da sua total dependência do exterior»;

- os prejuízos que tal extinção acarreta para o desenvolvimento técnico e científico e para a economia nacional.

Reafirmando que é indispensável a participação sindical «em todos os mecanismos especiais existentes ou a criar que apliquem ou estudem medidas nos campos do comércio e produção de medicamentos», a federação apresentou diversas propostas que, a serem adoptadas, «objectivamente contribuiriam para alterar a situação».

Para a Fequifa, a indústria farmacêutica deve ser considerada como um sector industrial estratégico, e os medicamentos devem ser classificados «exclusivamente» como instrumentos de saúde, deixando de ser tratados como meros objectos de consumo.

Há que criar incentivos à investigação na química farmaco-



A produção e o abastecimento de medicamentos está a cair sob o controlo total de sociedades transnacionais, ao mesmo tempo que vai sendo destruída a indústria farmacêutica nacional - alerta a federação sindical do sector

lógica, defendendo a Fequifa que tais incentivos devem incidir sobre novos produtos e métodos de produção. Propugna também o estímulo ao surgimento de protocolos entre empresas e universidades.

Medidas legislativas que penalizam a indústria farmacêutica nacional, no que toca a registos e patentes, devem ser eliminadas. Deve ser incentivada a exportação, tanto de matérias-

primas, como de produtos acabados.

A federação da Química e Farmacêutica propõe «apostar na produção dos chamados genéricos», afirmando que tal permitiria reduzir os custos da saúde, «quer em termos de despesas públicas, quer a nível das despesas dos cidadãos».

Foi reclamada a urgente adopção de «um verdadeiro e actualizado Formulário Nacional de Medi-

camentos», bem como a activação do Conselho Nacional de Publicidade de Medicamentos, criado (e parado) desde Abril de 1994.

Os dirigentes da Fequifa informaram ainda que na reunião com a ministra da Saúde foram abordadas as recentes declarações da associação patronal Norquifar, que pretendeu responsabilizar o Infarmed (Instituto Nacional da Farmácia e do Medicamento, dependente do

Ministério da Saúde) por um eventual encerramento de empresas do sector grossista de medicamentos e pela ameaça de desemprego pendente sobre centenas de trabalhadores.

A este propósito, informaram Maria de Deus que, apesar de diversas diligências já realizadas, ainda não foi possível esclarecer com o Infarmed as questões suscitadas pela associação empresarial do Norte.

Trabalho extra não pago é escândalo na CGD

Mantém-se na Caixa Geral de Depósitos o recurso a horas extraordinárias que não são remuneradas, enquanto a administração «até agora, tem-se limitado a desvalorizar a gravidade da situação, a escamotear os dados que a justificam e a exigir sempre mais e mais, numa demonstração de absoluto autismo» -

acusa a comissão de trabalhadores daquela instituição bancária.

Num comunicado recente, a CT considera como surrealismo ou humor negro a atitude da administração, que vem publicamente dizer que não quer ninguém a trabalhar fora do horário normal e até

responsabiliza os gerentes das agências por eventuais irregularidades.

Para a comissão de trabalhadores, é do conhecimento geral na CGD que «a ilegalidade campeia»: «As regras que pautam o recurso ao trabalho suplementar são pura e sim-

plesmente ignoradas. Chega-se ao cúmulo de penalizar trabalhadores porque cumprem o horário de trabalho! E, pasme-se, há mesmo situações de ameaça para aqueles que se atrevem a sair apenas uma hora depois das 16h30!»

A CT aponta alguns responsáveis que «afirmam arrogantemente, alto e bom som, que primeiro está a Caixa e só depois a vida particular e familiar de cada um».

Números irreais

No mesmo documento, a comissão de trabalhadores da Caixa Geral de Depósitos critica duramente a relação nominal de trabalho suplementar relativa ao segundo semestre de 1995, que os responsáveis da CGD, nos termos da legislação em vigor, enviaram à CT para esta «apor o visto».

Segundo os números oficiais indicados naquela relação, apenas se efectuaram horas extraordinárias

em 285 das 505 agências abrangidas. A CT considera tal dado «absurdo, porque irrealista», precisando que aquelas foram apenas as horas extraordinárias pagas. Acresce que este trabalho suplementar registado foi devido, segundo a CT, à instalação de um novo sistema informático, pelo que, «passado este período, se regressará à habitual ilegalidade: a CGD não paga a generalidade das horas extraordinárias».

A CT decidiu não dar o seu «visto» a tal listagem e, no comunicado aos trabalhadores, transcreve a carta que a propósito enviou à administração e na qual declara que «é perfeitamente irreal admitir sequer que nas outras 230 agências os trabalhadores cumpriram integralmente o horário de trabalho normal, quando todos sabemos que, por norma, o trabalho nas agências se prolonga para além das 7 horas diárias e que, actualmente, existem locais de trabalho em que sistematicamente se encontram trabalhadores a laborar para além das 19 e 20 horas».



A prestação de trabalho extraordinário que não é remunerado é um dos grandes motivos de descontentamento dos bancários (foto de arquivo)

Sindicatos contra «Bolama» arquivado

Ao tomar conhecimento da decisão judicial de arquivar o processo relativo ao afundamento do «Bolama», a União dos Sindicatos de Lisboa expressou publicamente o seu «mais veemente protesto».

Numa nota que divulgou segunda-feira, a USL/CGTP manifesta a sua solidariedade para com as posições assumidas

pelo Sindicato Livre dos Pescadores e refere que aquela deliberação contraria a posição acusatória do Ministério Público.

«Com efeito, ignorando por completo o conjunto dos pareceres técnicos que serviram de base à instrução do inquérito, o tribunal assumiu uma decisão que relega para fora da mínima importância a vida dos que fale-

ceram no afundamento daquele navio mercante», afirma a estrutura distrital da CGTP. E conclui: «Tratando-se de trabalhadores que morreram a trabalhar, como com tantos outros continua a acontecer neste nosso país, esta decisão envergonha-nos e impõe-se que o assunto fique deveras esclarecido, apurando-se cumulativamente responsabilidades».

Medipress não aumenta salários em 1996

Reunidos na semana passada em plenário, os trabalhadores da Medipress/A Capital repudiaram a intenção da empresa de não actualizar salários no corrente ano, argumentando o conselho de gerência que tal se prende com a exploração negativa do jornal em 1995 e com a alegada necessidade de fazer investimentos na Redacção — refere uma nota de imprensa do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação do

Papel, Gráfica e Imprensa do Sul e Ilhas.

Perante tal situação, informa a nota, os trabalhadores aprovaram dia 20 uma moção condenando o congelamento dos salários, «facto que acontece pela primeira vez na vida da empresa». Na moção é criticado o facto de, com dinheiro que devia servir para o aumento dos salários, estarem a ser aliciados trabalhadores para rescindirem os contratos.

O sindicato condena as preten-

sões da empresa, apela à unidade dos trabalhadores para que estes dêem «a devida resposta em defesa de melhores condições de vida e de trabalho» e conclui que, «numa fase em que o Governo de Guterres anuncia aos quatro ventos que o poder de compra sobe e que os salários dos trabalhadores portugueses se aproximam dos dos seus colegas europeus, casos como o de A Capital são bem o exemplo do contrário».

NACIONAL

Açores

CDU entrega listas de candidatos

No passado dia 19 encerrou-se, na Região Autónoma dos Açores, o processo de entrega das listas de candidatos às próximas eleições regionais de Outubro.

É o seguinte o registo dos primeiros candidatos da CDU: Santa Maria - Eng^a Ana Maria Nogueira dos Santos Louro, membro do Conselho Regional dos Açores do PCP; S. Miguel - José Eduardo Bicudo Decq Mota, Coordenador do PCP/Açores, membro do Conselho Nacional; Terceira - António Francisco Nunes, tipógrafo, dirigente sindical, membro do Secretariado da DORAA do PCP; Graciosa - Abílio Gonçalves Pereira, vigilante, membro do Conselho Regional dos Açores do PCP; São Jorge - José Maria Castel Branco, professor do ensino secundário, membro do PCP; Pico - João Garcia Rodrigues, taxista, independente; Faial - Dr. Luís da Costa Rosa Bruno, médico, membro da DORAA do PCP; Flores - Dr. Paulo António Freitas Valadão, médico veteri-

nário, membro do Secretariado da DORAA do PCP, deputado na Assembleia Legislativa Regional.

A CDU/Açores apresenta um total de 84 candidatos dos quais 15 são independentes.

A par do processo de finalização das listas, a CDU/Açores tem mantido uma intensa actividade de pré-campanha, dando continuidade às iniciativas "Em Diálogo com os Açorianos".

Entretanto, o Secretariado da DORAA do PCP reuniu no passado dia 22 para analisar a situação específica regional e, em conferência de imprensa, anunciou um conjunto de iniciativas, das quais se destacam: apresentação pública das listas; debates sobre toxicoddependência; contactos com agentes económicos; intensificação de acções locais e para encerramento das iniciativas "Em Diálogo com os Açorianos"; um Encontro Regional de Candidatos e Activistas da CDU, em 21 de Setembro, a realizar em Ponta Delgada.

Ambiente e desenvolvimento em debate em Grândola

Educação, Ambiente e Desenvolvimento é o tema de fundo dos VI Encontros de Educação Ambiental da Europa do Sul, a decorrer em Grândola, e que reúnem cerca de meia centena de participantes (especialistas em questões ambientais, autarcas e educadores) de França, Espanha, Itália, Grécia e Portugal.

Esta reunião enquadra-se nos encontros promovidos pelo Ceres, organismo autónomo não governamental com sede em Estrasburgo, e que reúne investigadores ligados a questões de ambiente e desenvolvimento do Sul da Europa.

A Comissão Organizadora é constituída pelas Escolas Profissionais Agrícolas de Grândola e Paiã e Câmara Municipal de Grândola, em estreita colaboração com o Departamento do Ensino Secundário do Ministério da Educação - Núcleo do Ensino Profissional.

Tendo como objectivo genérico *contribuir para a formação ambiental*, esta reunião visa *sensibilizar os agentes educativos para a problemática da região; detectar conflitos e pro-*

blemas ambientais; elaborar e discutir propostas que contribuam para a resolução dos problemas e, finalmente, valorizar a necessidade de uma planificação adequada ao desenvolvimento sustentável da região.

Neste quadro, o programa inclui visitas às Minas do Lousal, Lagoa de Melides, Serra de Grândola e Estuário do Sado, cabendo aos participantes discutir e elaborar propostas adequadas a cada um destes casos.

Grândola já tinha sido anteriormente centro de debates em torno de questões idênticas. Em Fevereiro passado, teve lugar o Seminário "Meio Ambiente e Desenvolvimento - o Papel da Educação Ambiental", organizado pela Escola Profissional Agrícola de Grândola (EPAG), também agora envolvida na concretização destes Encontros.

Trata-se, nas palavras do director da EPAG, António Cháinho, "de ver, em cada caso, se desenvolvimento e ambiente são compatíveis, e como".

Montijo

Serviço de Urgências em risco

Atenta às condições de trabalho e de vida dos trabalhadores, a Comissão Concelhia do Montijo, através do seu Gabinete de Imprensa, emitiu um comunicado à população, alertando-a para um novo golpe que se prepara com o encerramento ou redução do Serviço de Urgências do Hospital Distrital.

Informando as medidas que em relação ao assunto tomou - apresentação de uma moção na Câmara Municipal; pedido de sessão extraordinária da Assembleia Municipal onde apresentou uma moção; colocação do assunto às Juntas e Assembleias de Freguesia, onde foram tomadas posições - os comunistas do Montijo dizem ainda que colocaram o assunto à Assembleia da República, tendo este merecido do Grupo Parlamentar do PCP um pedido de requerimento ao Governo, cuja resposta não os deixou «tranquilos».

São as mesmas «bonitas palavras» que se ouviram quando do encerramento da Maternidade, afirmam os comunistas: ficou-se a saber que se encontra "em estudo a Rede de prestação de Serviços de Urgência", não havendo "qualquer decisão quanto ao Serviço de Urgência do Hospital do Montijo". Que "está afastada a possibilidade de vir a ser encerrado este Serviço" mas "é necessário articular devidamente o Serviço com o Hospital Distrital do Barreiro", e que o Hospital do Montijo "deverá corresponder a uma Urgência Básica".

Referindo que as 7.000 assinaturas entregues na Assembleia da República em forma de Petição Parlamentar aguardam resposta, os serviços de imprensa do PCP do Montijo consideram que neste caso, como noutros, «é determinante» a vigilância, a mobilização e a luta das populações.

INTERNACIONAL

Israel e Palestina

De portas abertas para a paz

Tudo indica que nas próximas semanas o processo de paz entre a Palestina e Israel irá dar um passo em frente.

Yasser Arafat vai ser recebido pelo presidente israelita, Ezer Weizman, na sua residência em Cesareia. Weizman, numa atitude de clara pressão a Benjamim Netanyahu, decide encontrar-se com o presidente da Autoridade Palestiniana numa altura em que teme «a perigosa lentidão» do processo de paz. «Ele tem poder sobre dois milhões de pessoas e dirige municípios limítrofes do nosso território, é normal que me encontre com ele», afirmou, numa conferência de imprensa.

Entretanto, o primeiro-ministro israelita concordou em encontrar-se também com Arafat antes de 10 de Setembro, data da sua viagem para os Estados Unidos.

Os palestinianos também têm feito cedências. Com o encerramento de três gabinetes da Autoridade Palestiniana em Jerusalém oriental (o departamento de geografia encarregado de supervisionar a expansão da colonização judaica, o gabinete da juventude e desportos e o gabinete de estatísticas), Arafat não permitiu que o executivo israelita apresentasse pretextos para o não prosseguimento do processo de paz. Netanyahu tinha avisado na semana passada que, só depois do departamento de geografia palestiniano ser encerrado, as conversações seriam retomadas e

se iniciaria o adiado reposicionamento militar em Hebron.

Contudo, um porta-voz de Arafat afirmou que o primeiro-ministro israelita «não tem o direito» de ordenar o encerramento de nenhuma instituição palestiniana, pois todas «receberam licença de funcionamento de anteriores governos israelitas e foram criadas antes do acordo entre Israel e a OLP, assinado em 1993».

Entretanto, o ministro da Planificação e Cooperação



A tão exigida paz na Palestina e em Israel parece estar mais próxima

Internacional palestiniano anunciou que a maioria dos 33 países doadores da autonomia na Faixa de Gaza e Cisjordânia não cumpriram o acordado há três anos, em Washington. Dos 1 350 milhões de dólares que prometeram dar para diversos programas de desenvolvimento, apenas 140 milhões foram entregues.

Esta situação afecta gravemente a Palestina, que, lidando há seis meses com um bloqueio à Margem Ocidental e à faixa de Gaza, tem um défice de 150 milhões de dólares.

Jordanos unidos pelo pão

O Partido Comunista da Jordânia, face aos recentes acontecimentos no seu país, pede aos comunistas do resto do mundo, às forças progressistas e democratas e às organizações de direitos humanos que expressem solidariedade com o povo jordano e exijam a libertação imediata das centenas de pessoas que se encontram detidas por participarem em manifestações pacíficas contra os brutais aumentos do preço do pão.

No início do mês, o governo

decidiu aumentar os impostos do pão e subiu os preços do trigo e de outros cereais em mais de 300 por cento. Estas medidas foram ditadas pelo Fundo Monetário Internacional para a implementação do Programa de Ajustamento Estrutural e que choca directamente com os interesses dos estratos médios e baixos da sociedade da Jordânia.

Onze partidos políticos, em encontros mantidos com o primeiro-ministro, alertaram para

o agravamento da crise económica e, conseqüentemente, do desemprego e pobreza. Também os parlamentares, numa sessão extraordinária de três dias, manifestaram-se contra esta política.

Por seu lado, todos os sindicatos profissionais, juntamente com associações de trabalhadores, movimentos femininos e estudantis e várias personalidades, manifestaram-se contra estas medidas, em acções de rua, greves, «sit in» e petições.

Chipre

Ajuda internacional, precisa-se

O Partido Progressista dos Trabalhadores (AKEL, comunista) condenou «os odiosos e cobardes assassinatos a sangue-frio» dos dois jovens cipriotas-gregos. Numa nota à imprensa, o partido considera que estes acontecimentos vêm mostrar, mais uma vez, a verdadeira face do regime de ocupação turca que se vive na parte norte da ilha.

Apesar dos sentimentos de ódio e indignação dos cipriotas, o AKEL defende que as acções de protesto devem caracterizar-se por um grande autocontrolo. Os comunistas insistem, desde

1974, na necessidade de se formar um governo federal de Unidade Nacional, reivindicando um Chipre independente, soberano, com integridade nacional, não-alinhado e desmilitarizado.

Para os membros do AKEL, Denktash, o presidente da República Turca do Norte do Chipre, pretende provar com estes acontecimentos que é impossível que cipriotas-gregos e cipriotas-turcos vivam juntos, uma mensagem que, sublinham, não deve ser levada em conta.

A resolução pacífica do problema passa necessariamente por um maior envolvimento

internacional com base nas resoluções da ONU, nomeadamente através de uma campanha de condenação das atrocidades levadas a cabo pelo regime turco.

As negociações para a abolição da República Turca do Chipre iniciaram-se em 1985 e multiplicaram-se até 1993, sem, no entanto, alcançarem qualquer sucesso. Desde então, a Turquia reivindica dois Estados soberanos, ligados apenas por um acordo de negociações, enquanto os cipriotas-gregos propõem o estabelecimento de um Estado Federal de carácter unitário.

INTERNACIONAL

Franceses, imigrantes, solidariedade!

Vergonha. Vergonha foi uma das expressões mais repetidas entre os muitos manifestantes, solidários com os imigrantes expulsos da Igreja de Saint-Bernard por uma brutal carga policial, como nas declarações das mais diversas personalidades da vida cultural, política e sindical francesa. Vergonha para a França da *Liberdade, Igualdade e Fraternidade*. Sem dúvida representada pelos muitos que acudiram ao toque a rebate dos sinos de Saint-Bernard. Mas claramente arredada dos círculos do poder.

A carga policial que expulsou os 300 imigrantes de Saint-Bernard - bastões e gases lacrimogéneos contra famílias e cerca de uma centena de crianças, a porta da igreja aberta à machadada - num momento em que, significativamente, o padre da paróquia lia um texto de Martin Luther King, não acabou com a luta dos *sem papéis*, como logo ficou claro nas muitas manifestações que se seguiram, em Paris e noutras cidades francesas, reunindo largos milhares de pessoas.

No próprio dia da invasão policial, uma dezena de milhar de pessoas desfilou em Paris exigindo *Libertem os sem papéis!* Às nove horas da manhã (a carga policial deu-se às 7h45) havia já uma multidão compacta em torno da igreja e organizava-se a primeira manifestação de protesto.

Manifestações de protesto e solidariedade decorreram igualmente em muitas outras cidades, nomeadamente em Lille, Toulouse, Clermont-Ferrand, Villefranche-sur-Saône, Amiens, Troyes, Lyon, Nice, Montpellier.

Sucederam-se os protestos de múltiplas associações e organizações de solidariedade que, tal como a associação SOS-Racismo, condenaram o "cinismo e a violência do governo".

Em declarações a "L'Humanité", o secretário nacional do Partido Comunista Francês, Robert Hue, sublinhou não ser "demasiado tarde para exigir do governo uma outra forma de resolver os problemas, respeitando as pessoas e a sua dignidade".

Para além de contestar as leis Pasqua, que "não só têm um



Polícia de choque contra os imigrantes

carácter desumano", como "levam a aumento do número de clandestinos", Robert Hue referiu-se às verdadeiras causas que estão na origem dos crescentes fluxos de imigração.

"Esta miséria que empurra milhões de seres humanos não é de forma alguma consequência de uma qualquer fatalidade", disse. Os governos "dos países mais ricos e as instituições internacionais como o Banco Mundial e o Fundo

Monetário Internacional têm aqui pesadas responsabilidades".

Em causa estão, neste momento, as leis Pasqua, de Agosto e Dezembro de 1993, que alteraram profundamente os direitos dos residentes estrangeiros em França.

Assim, desde Janeiro de 1994, as autorizações de residência deixaram de ser concedidas normalmente aos pais estrangeiros de crianças francesas ou aos cônjugues de franceses residentes em França. Todo um arsenal repressivo que automaticamente conduziu a uma inflação de situações irregulares, ampliando assim o problema da imigração clandestina, e criando situações pessoais e familiares particularmente dramáticas.

Paralelamente, e de acordo com os acordos de Schengen, restringiu-se radicalmente o direito ao asilo político. Em 1995 só 11,56% dos pedidos de asilo político tiveram resposta positiva (contra 23,65% em 1994).

O drama dos *sem papéis*, e a razão da luta dos 300 imigrantes agora expulsos da igreja de Saint-Bernard, está directamente ligada à necessária contestação destas leis. Uma luta que está longe de ter terminado.

Neste momento, os desalojados de Saint-Bernard concentraram-se no teatro do Soleil, uma antiga fábrica de armamento em Vincennes, enquanto se ponderam novas formas de luta contra as expulsões do país entretanto iniciadas pelo governo francês.

Portugal Protesto e solidariedade

As centrais sindicais portuguesas tomaram posição contra a expulsão dos imigrantes da igreja de Saint-Bernard.

Em comunicado entretanto divulgado, a CGTP-IN afirma que a repressão, sobre os imigrantes em situação ilegal, não soluciona a raiz dos problemas socioeconómicos e é contrária às tradições de acolhimento e humanismo do continente europeu.

A CGTP exige que seja concedido aos imigrantes indocumentados aquilo a que têm moralmente direito: a legalização, a segurança e o bem-estar.

A Frente Anti-Racista tomou igualmente posição, solidarizando-se com a luta

dos imigrantes africanos em França e denunciando a política do governo francês - "uma política conduzida pelos ditames dos Acordos de Schengen e da União Europeia, por inteiro contrária à busca de soluções positivas para a integração social, cultural e política dos imigrantes".

A Frente Anti-Racista defende uma política de diálogo e respeito pelos direitos humanos, "para que nunca, e em lado algum, em nome da defesa de um Estado se permita o espezinhamento dos direitos à Liberdade, à Igualdade e à Fraternidade entre os Homens".

Imigrantes A lógica da expulsão

A França não é exemplo único, na forma imoral e desumana como trata os seus imigrantes. Os exemplos sucedem-se, e a lógica é sempre a mesma - o imigrante é considerado tão-só como mero instrumento de trabalho. Quando já não serve, deita-se fora. Que o mesmo é dizer - reenvia-se para os países de origem, só ou em família, de forma mais ou menos pacífica ou pela força.

Israel

Cem mil imigrantes - o que corresponde a cerca de metade dos imigrantes recrutados nos últimos anos para substituir os trabalhadores palestinos - estão actualmente ameaçados de expulsão pelo governo israelita.

O Ministério do Trabalho avalia em 200.000 a 250.000 o número de trabalhadores imigrantes em Israel - cerca de 10% da população activa. Metade destes imigrantes não estariam legalizados. Trata-se, maioritariamente, de tailandeses, romenos e búlgaros. A maioria trabalha na agricultura e na construção civil, actividades em que foram substituindo os palestinos, bloqueados nos territórios ocupados mercê de decisões políticas de Tel-Aviv.

Segundo o Ministério da Justiça, o plano governamental prevê a expulsão de 20.000 trabalhadores clandestinos por ano, ao longo de cinco anos.

Foi entretanto anunciada a criação para breve de um corpo especial da polícia para localizar e prender, em campos de detenção, os imigrantes ilegais. O objectivo, nas palavras do

ministro da Segurança Interna, é "convencê-los a regressarem aos seus países ou embarcá-los em aviões e mandá-los de volta".

Espanha

O Ministério do Interior rejeitou alargar até 1 de Janeiro o prazo para a regularização da situação dos imigrantes ilegais, que terminou dia 23 de Agosto.

Sindicatos, Organizações Não Governamentais e o Procurador da Andaluzia tinham solicitado um alargamento do prazo, pois os imigrantes não dispuseram de informação suficiente e atempada sobre este processo, iniciado em Abril.

Os sindicatos calculam em 50.000 os imigrantes em condições de obterem a regularização da sua situação em Espanha.

Nos últimos dias - coincidindo com o fim do prazo de regularização - registou-se uma avalanche de africanos que tentaram entrar no país, atravessando o estreito de Gibraltar em embarcações precárias - as *pateras*. A fuga à miséria nos seus países é explorada por verdadeiras mafias, enquanto, do outro lado do estreito, os espera a expulsão.

Entretanto, nestes dias, o alto-comissário da ONU para os Direitos do Homem, criticou as autoridades espanholas por terem feito ingerir sedativos a um grupo de três centenas de imigrantes clandestinos africanos, expulsos em Junho. Uma situação igualmente denunciada pela oposição espanhola e por grupos de defesa dos direitos humanos.

Birmânia

Onze membros da Liga Nacional para a Democracia, dirigida pela Prémio Nobel da Paz, San Suu Kyi Aung, foram condenados a sete anos de prisão, na semana passada, por filmarem as condições de vida nas zonas rurais e a degradação e pobreza do quotidiano dos camponeses. Kyi Aung tem vindo sucessivamente a acusar o governo birmanês de exagerar os números da produção agrícola e de falsear as informações sobre o dia-a-dia no campo.

Turquia

Na sexta-feira, um tribunal de segurança do Estado turco acusou formalmente de separatismo 41 membros do Partido Democrático do Povo, pró-curdo, a que corresponde penas até 22 anos de prisão. Outra das acusações passa pela hipótese de este partido manter relações directas com o PKK, que luta contra o regime de Ancara desde 1984 por uma maior autonomia dos 12 milhões de curdos que vivem no leste e sudeste da Turquia. Entretanto, no mesmo dia, 17 separatistas curdos e sete soldados turcos morreram durante os confrontos que se registaram em três províncias no sudeste do país.

Grécia

O Governo grego decidiu antecipar as eleições legislativas, previstas para o Outono do próximo ano e agora marcadas para 22 de Setembro. Esta decisão prende-se principalmente com a situação em Chipre, mas Costas Simitis, o primeiro-ministro, referiu ainda «os desafios da Grécia face à unificação europeia, os desenvolvimentos nos Balcãs, a ameaça turca e a necessidade de modernização da sociedade».

Indonésia

O regime de Elias Suharto está já a preparar-se para as próximas eleições legislativas, a decorrer em 1997. Para evitar confrontos eleitorais, os três partidos reconhecidos pelas autoridades firmaram um acordo em que se comprometem a apoiar Suharto. Dos 500 elementos que integram o parlamento indonésio, 425 são eleitos e os restantes 75 são escolhidos pelo presidente de entre as várias instituições estatais, especialmente as Forças Armadas.



Onde estão?

As oito ou nove centenas de pessoas que ficaram impedidas de trabalhar após o incêndio do Chiado tiveram um percurso comum durante alguns meses.

A 3 de Setembro de 1988, o Governo criou um subsídio eventual de emergência, garantindo-lhes o pagamento de uma verba equivalente a 80 por cento do salário; este subsídio seria prorrogado depois até à Primavera de 1989. Em Maio, novo decreto veio equipará-los a trabalhadores em situação de desemprego involuntário, o que trazia consigo o subsídio de desemprego e o perigo de identificação entre a impossibilidade temporária de trabalhar (até os estabelecimentos reabrirem) e a cessação dos contratos de trabalho.

O tempo foi ditando rumos diferentes. Alguns trabalhadores atingiram a idade de reforma, outros procuraram novos empregos, enquanto muitas dezenas ainda continuam sem trabalho. Nos diferentes destinos, comungam de sérias dificuldades.

Os reformados foram gravemente prejudicados no cálculo do valor das suas pensões, que foram definidas sobretudo a partir dos subsídios recebidos nos anos seguintes ao incêndio, e não na base dos ordenados. Em média, recebem hoje de reforma os 43 contos que há oito anos eram o ordenado mínimo do contrato colectivo.

Os desempregados vivem situações verdadeiramente dramáticas, dependendo das famílias ou do apoio de instituições de solidariedade social; num plenário sindical, em Junho, que preparou o tribunal de sexta-feira, estava sem emprego metade dos 50 trabalhadores presentes.

Os que conseguiram novos empregos têm vivido em permanente instabilidade, com vínculos precários e sem perspectivas de carreira profissional, deixando para trás a antiguidade de muitos anos ao serviço das empresas no Chiado.

O CESL afirma que os trabalhadores foram marginalizados pelo poder e pelas entidades patronais no processo do Chiado, situação tanto mais inaceitável quanto foram disponibilizados apoios do Estado e da União Europeia para a reconstrução.

Passaram no domingo oito anos sobre o violento incêndio que deflagrou nos «Grandes Armazéns do Chiado» e alastrou pela área adjacente, destruindo edifícios que albergavam firmas tão antigas quanto prestigiadas no comércio lisboeta.

Em 1988, o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços de Lisboa (CESL) mobilizou os funcionários dos estabelecimentos sinistrados e alertou a opinião pública e os responsáveis políticos para a necessidade de acorrer às cerca de 900 pessoas que o fogo deixou sem trabalho. Na altura, da Câmara de Abecassis ao Governo de Cavaco, passando por dirigentes socialistas então na oposição e hoje em altos cargos do poder, abundaram as declarações e promessas solenes.

Ao passar outro dia 25 de Agosto, o mais recordado compromisso será, talvez, o da reconstrução num prazo de três anos...

A demora das obras, no entanto, poderá ser amenizada pela mais próxima perspectiva da sua conclusão. Até já estão terminados alguns edifícios, que ganharam de novo vida, dirão os entusiastas.

Pouco interesse haverá — porque interesses maiores assim mandam — em lembrar, nesta altura decisiva para o futuro do Chiado, o que se passa hoje com aqueles que deram anos e anos do seu trabalho às prestigiadas casas que faziam daquela uma zona nobre de compras.

Contra essa corrente dos interesses predominantes, os trabalhadores e o seu sindicato realizaram na passada sexta-feira um tribunal público e afirmaram a sua disposição de continuarem a exigir que lhes seja feita justiça. Os destinatários das reivindicações são as entidades patronais (que vão facturando com a especulação imobiliária), o Governo (através dos ministérios do Emprego e da Solidariedade Social) e a CML (que lidera o processo de reconstrução).

Dúvidas e certezas

Após todos estes anos, os dirigentes sindicais consideram que ainda não foi dada uma explicação plausível acerca das origens do incêndio e dos motivos por que ganhou tão devastadoras proporções. Aham que faltou uma investigação que fosse até às últimas consequências e esclarecesse as muitas dúvidas vindas a lume logo após a catástrofe. E recordam algumas interrogações sem resposta: a que se deveu o intervalo de quase três horas entre o início do fogo

Trabalho

Oito anos depois do incêndio no Chiado, os trabalhadores dos estabelecimentos comerciais atingidos pelo sinistro vêm protestar e exigir responsabilidades aos patrões, ao Governo e à Câmara Municipal de Lisboa. Depois de todos os sacrifícios por que passaram desde 1988, os empregados do comércio recusam ser excluídos na hora da reabertura das lojas.

e o contacto com os bombeiros? Houve alguma razão especial para nessa noite ter sido mudado o vigilante nos «Armazéns»? Como foi conseguido o acordo entre proprietários de imóveis e companhias de seguros, se as causas do incêndio não foram esclarecidas?

Para além de todas as dúvidas, evidenciam-se algumas certezas, à medida que o novo Chiado vai ganhando forma. Destas, para sindicalistas e trabalhadores, a mais chocante tem a ver com o facto de o incêndio propiciar agora elevados lucros nos negócios do imobiliário, que vertem para proprietários de edifícios e de lojas, mas que não chegam para garantir os direitos mínimos dos empregados do comércio.

O sinistro de 25 de Agosto de 1988, ao provocar o encerramento dos estabelecimentos atingidos, deixou centenas de pessoas sem trabalho. As empresas deixaram imediatamente de pagar salários, ficando mesmo por liquidar dívidas anteriores ao incêndio. Começaram assim oito longos anos de dificuldades, de desemprego e de revolta para estes trabalhadores, na generalidade com muitos anos de serviço e que, não sendo jovens, também não tinham atingido a idade da reforma.

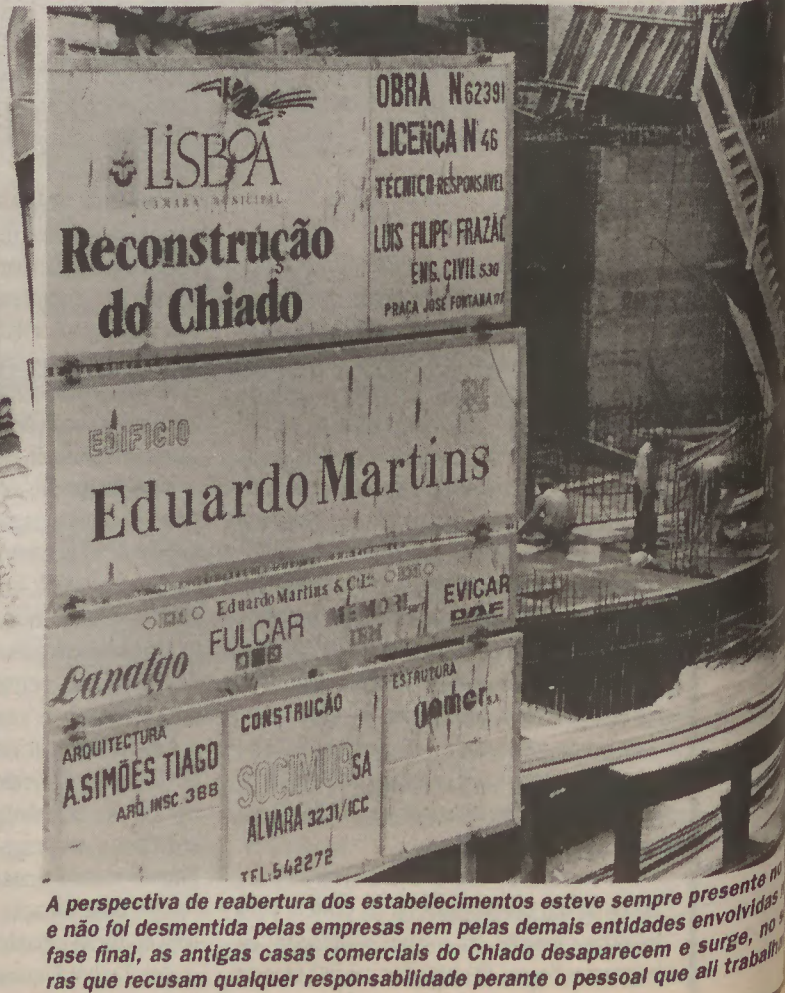
A esperança em retomar o trabalho no Chiado reconstruído tornou-se numa bandeira de luta, sempre brandida pelos representantes dos trabalhadores. Com essa esperança e esse alerta foram encardos os subsídios que por dois ou três anos trouxeram algum rendimento a quem vivia apenas do seu trabalho. Nessa esperança radicam também os motivos para os protestos de hoje.

Reconstrução sem reemprego

Temporariamente, o incêndio impediu os patrões de darem trabalho e a respectiva remuneração aos empregados do comércio da zona atingida. Admitindo este facto, o CESL tem sublinhado que a situação não representa uma perda definitiva do posto de trabalho.

Nos primeiros tempos, havia a esperança da reabertura das lojas. Com o passar dos anos e o acumular de dificuldades, muitos trabalhadores deixaram de acreditar nas promessas, reformaram-se, procuraram outras fontes de rendimento.

O próprio sindicato deu todo o apoio aos que decidiram rescindir os contratos invocando justa causa, à luz da lei sobre salários em



A perspectiva de reabertura dos estabelecimentos esteve sempre presente e não foi desmentida pelas empresas nem pelas demais entidades envolvidas. Na fase final, as antigas casas comerciais do Chiado desaparecem e surge, no entanto, um novo Chiado, com lojas e estabelecimentos que recusam qualquer responsabilidade perante o pessoal que ali trabalhava.

Texto: Domingos Mealha
Fotos: Jorge Caria

o em chamas

atraso. Nos anos que se seguiram ao incêndio, as empresas não accionaram quaisquer mecanismos para definir o vínculo com os seus trabalhadores.

A fase final da reconstrução veio avivar o descontentamento, sobretudo entre as cerca de 300 pessoas que ainda estão sem emprego ou que vivem com pensões ínfimas. Sucede que, nos edifícios reconstruídos das lojas existentes em 1988, estão a abrir agora outros estabelecimentos, que não mostram nenhuma intenção de readmitir o pessoal que ali trabalhava há oito anos.

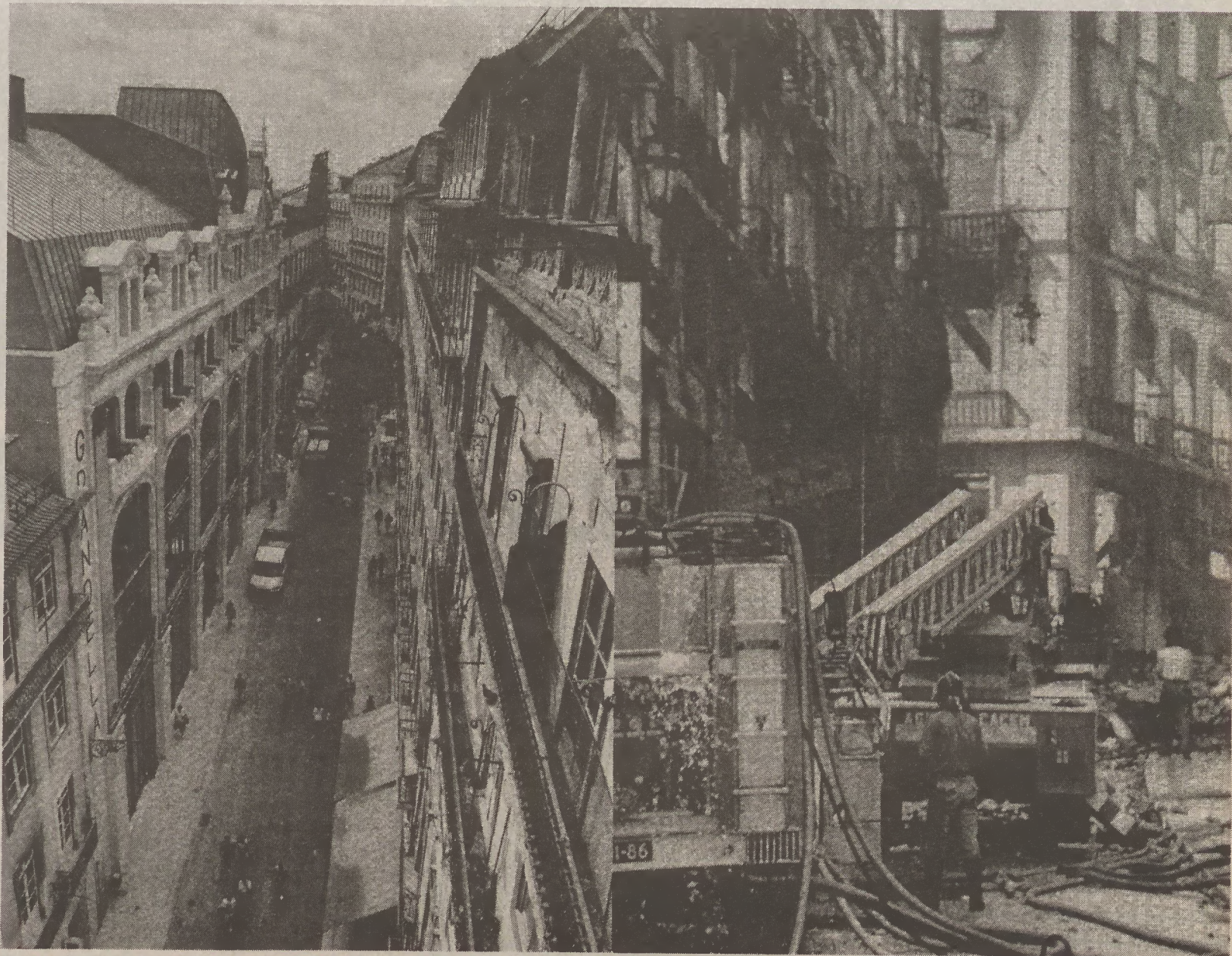
No tribunal de sexta-feira, foram apontados três casos que vieram aumentar as inquietações dos trabalhadores:

— surgiu uma loja da «Zara Portugal» no edifício já reconstruído onde estava antes o «Eduardo Martins»,

— está anunciada a abertura de uma loja «Printemps» no local dos «Estabelecimentos Grandella»

— e não se sabe o que irá suceder nos cerca de 200 metros quadrados que estarão destinados a lojas no edifício onde funcionavam os «Grandes Armazéns do Chiado».

O protesto e a revolta ficaram expressos no documento aprovado na iniciativa da semana passada e que agora será entregue pelo sindicato aos grupos parlamentares, ao Governo e ao presidente da Câmara Municipal de Lisboa: «Apesar da sensibilização que o CESL tem levado a cabo, ninguém cuidou de se preocupar com a readmissão dos trabalhadores da zona incendiada ou, no mínimo, com as respectivas indemnizações.»



Do fogo de há oito anos renasce um novo Chiado. Os trabalhadores é que não estão dispostos a aceitar que os seus direitos se percam nas cinzas

Reivindicações e responsabilidades

No tribunal público de sexta-feira foram aprovadas diversas reivindicações, que vão agora ser apresentadas aos órgãos de poder com responsabilidades políticas no processo e capacidade de intervenção para resolver os graves problemas vividos por cerca de trezentos trabalhadores e suas famílias.

Para que a reabertura plena do Chiado seja acompanhada da resolução dos graves problemas dos empregados do comércio que ali trabalhavam em 1988, o CESL e os trabalhadores exigem, antes de mais, que os órgãos do poder assumam as responsabilidades que lhes competem.

Para o CESL, como realçaram ao «Avante!» os seus dirigentes, este é um ponto de partida para o diálogo com os grupos parlamentares, os ministérios e a Câmara Municipal. As audiências já solicitadas serão importantes para definir as responsabilidades e as acções concretas a desenvolver aos diversos níveis.

O sindicato admite levar o problema até à Procuradoria Geral da República, depois de analisar os resultados desta tentativa de encontrar soluções junto do poder executivo. E continua a apostar na força dos trabalhadores: do tribunal saiu um apelo a que estejam presentes na abertura do «Printemps», anunciada para Setembro, no edifício do antigo «Grandella».

Sublinhando que «a paisagem urbana do Chiado só se deve considerar completa com a integração da sua população activa», no documento aprovado sexta-feira exige-se:

- as empresas devem readmitir, como um direito legítimo, os trabalhadores que antes do incêndio laboravam no Chiado;
- aos trabalhadores que entretanto se reformaram devem ser asseguradas as respectivas indemnizações por antiguidade;
- também devem ser garantidas as indemnizações por antiguidade aos trabalhadores que decidiram procurar outros empregos;
- devem ser alteradas as pensões de reforma, na base de formas de cálculo mais justas;
- nas novas admissões de pessoal para estabelecimentos na zona sinistrada, deve ser garantido um direito de preferência para os trabalhadores que ali trabalhavam antes do incêndio e para os seus filhos, também prejudicados com a quebra dos orçamentos familiares nestes oito anos.

Novos empregos mais exploração

O surgimento de novos espaços comerciais, no Chiado, na baixa lisboeta e nas chamadas grandes superfícies, é acompanhado de fortes alterações no mercado e nas condições de trabalho no comércio. Estas modificações têm merecido a atenção do CESL, como da federação e demais sindicatos do sector, apesar das evidentes dificuldades que defrontam quando tentam lançar o trabalho sindical nos novos estabelecimentos.

No caso do Chiado, salientaram os dirigentes do sindicato de Lisboa à nossa reportagem, é notório que as empresas têm mais interesse em preencher os novos postos de trabalho com trabalhadores contratados a vínculo precário. No lugar das antigas casas, onde havia uma relação estreita entre os clientes e os empregados, surgem grandes espaços, onde o papel do trabalhador está muito mais reduzido, o que se reflecte na relação com os clientes e, também, na menor quantidade de funcionários. Também a propriedade das lojas está a mudar para mãos estrangeiras.

Os sindicalistas, defendendo os trabalhadores das lojas afectadas pelo incêndio de há oito anos, realçam que não estão, de modo algum, contra a criação de novos postos de trabalho. Mas sublinham que há direitos dos trabalhadores que as empresas têm que respeitar, tanto as que existiam em 1988 como as que agora surgem.

Em toda a baixa lisboeta, recordam, houve nos últimos anos grandes levas de despedimentos, com o encerramento de grandes lojas ou fortes reduções de pessoal. Ao contrário do que sucede

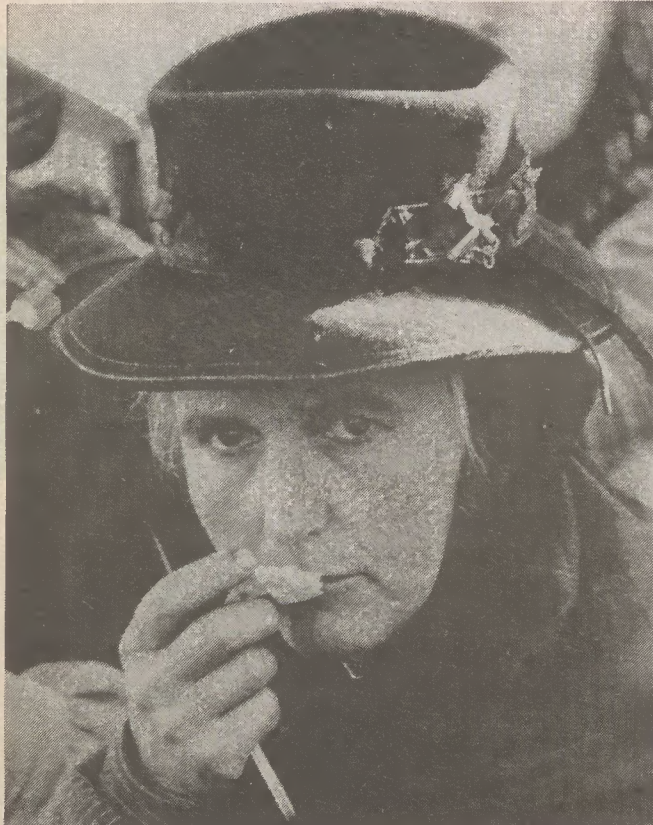
com os números gerais do sector do comércio e serviços, os dirigentes do CESL afirmam que no comércio retalhista tem havido uma efectiva redução dos postos de trabalho - e esta não tem sido colmatada pelos empregos criados nas grandes superfícies.

A grande rotatividade do emprego e a precariedade, são os maiores obstáculos ao desenvolvimento da actividade sindical e à organização dos trabalhadores para a defesa dos seus direitos.

Mas as condições para uma maior exploração da mão-de-obra começam a ser criadas pelos patrões logo quando seleccionam o pessoal para as novas lojas. Os critérios chegam ao conhecimento do CESL através de relatos de trabalhadores (que, ao surgirem problemas, continuam a recorrer ao sindicato) e são confirmados em cada visita a um desses estabelecimentos: as empresas preferem raparigas jovens e bonitas, que não sejam casadas, que não estejam grávidas e declarem não pretender ter filhos; inexperientes na profissão, estas trabalhadoras têm habitualmente como superior hierárquico um homem, pouco mais velho e bem parecido, que desempenha um papel semelhante ao de antigos capatazes; à primeira vista, a instabilidade do emprego tem como moeda de troca uma remuneração superior à definida na contratação colectiva, mas perde-se qualquer noção dessa compensação quando se faz as contas às horas extraordinárias não remuneradas, ao trabalho sem compensação aos domingos e dias feriados, à falta de garantias de progressão numa carreira profissional...



Trabalhadores em construção. Agora, na zona incendiada, firmas estrangeiras



Pobreza no Alentejo

SÃO frequentes as notícias referentes à pobreza no Alentejo. Ainda em recente manchete, citando um estudo do conhecido economista Alfredo Bruto da Costa, o jornal «Expresso» salientava o facto do Alentejo ser a região com a mais elevada taxa de pobres (29,3%) num País que já em si detinha e detém o triste e negro recorde (25,2%) da pobreza da União Europeia, bem longe dos 20,6% da Grécia para não falarmos dos 16,7% da nossa vizinha Espanha e naturalmente dos 3,6% da Dinamarca.

De salientar desde logo o facto das principais causas de pobreza em Portugal serem as «pensões e salários baixos» e ainda que uma fatia de «56 por cento, de todos os pobres do País é ocupada pelos pensionistas e familiares na sua dependência, enquanto uma parcela também significativa de 38 por cento se reporta a agregados de pessoas empregadas».

São indiscutivelmente números com grande significado político, e estes são os mais optimistas, que merecem uma profunda reflexão por parte de todos os portugueses pois eles põem em relevo a hipocrisia, a falsidade e a demagogia dos que no governo nos acenam sistematicamente com a recuperação e êxitos económicos, a modernização do aparelho produtivo, as baixas taxas de inflação e do desemprego, com os aumentos dos salários reais e das reformas, enfim com um sem-número de indicadores e considerações que fazem de Portugal um país de sucesso entre os diversos parceiros da União Europeia.

Só falta dizerem-nos que afinal de contas os trabalhadores, os reformados e outros portugueses que lutam por uma vida melhor não passam de um bando de ingratos e ignorantes que não compreende quantos sacrifícios fazem tão abnegados governantes para que Portugal possa ser hoje um País onde quase 75% dos seus habitantes têm ainda o privilégio de viver acima do limiar da pobreza. Então não é verdade que há países do terceiro mundo que têm taxas de pobreza muito mais elevadas?

Mas voltemos à pobreza no Alentejo já que é em torno desta dramática realidade que, políticos sem escrúpulos, quer do PSD quer do PS, e escribas sem vergonha, que se vendem por

um mísero prato de lentilhas, conduzem, no plano político e ideológico, particularmente em momentos eleitorais, as mais sórdidas campanhas anti-comunistas, procurando fazer crer que as elevadas taxas de pobreza e de desemprego, as mais elevadas do País, o envelhecimento, a desertificação e a estagnação económica que caracterizam a região são o resultado da forte influência dos comunistas na mesma, sobretudo ao nível do Poder Local, ou o resultado inevitável da Reforma Agrária de que os trabalhadores do Alentejo, sempre com o apoio do PCP, foram protagonistas nos anos 70. Alguns, mais moderados na linguagem ou conscientes de que o anticomunismo não dá os frutos desejados e é mesmo contraproducente, consideram que a grave situação que se vive no Alentejo resulta da pobreza da região que, não dispondo de grandes recursos e condenada a uma agricultura de sequeiro extensivo, não pode garantir naturalmente um nível de vida elevado às suas gentes devendo estas resignar-se à sorte madrastra que o destino lhes marcou.

Desta forma descarada se transferem responsabilidades, se branqueiam políticas de autêntico banditismo contra o povo alentejano, se escondem inconfessáveis interesses de classe ao serviço dos grandes proprietários e latifundiários.

A verdade, a verdade fundamentada e comprovada nos números e nos factos, é que a gravíssima situação que se vive no Alentejo é o resultado não só de 45 anos de ditadura fascista, de que os grandes latifundiários eram suporte e beneficiários exclusivos nos campos alentejanos e que impediam qualquer processo de

desenvolvimento, como de 20 anos consecutivos de política de recuperação capitalista e latifundista, 20 anos de política de direita conduzida contra o Portugal de Abril entre 1976 e 1996 por sucessivos governos protagonizados pelo PSD, PS e CDS/PP, partidos que, tendo em comum a defesa dos interesses e privilégios do grande capital e dos grandes proprietários do Sul e do seu sistema de exploração e opressão, o sistema capitalista, sempre se entenderam para formar governos entre si, para criar maiorias parlamentares para rever aspectos essenciais da Constituição de Abril e para aprovar legislação e outras medidas gravosas para os trabalhadores em particular e para todos os portugueses em geral.

A privatização das empresas e sectores mais rentáveis e o desmantelamento do nosso aparelho produtivo, a destruição violenta e criminosa da reforma agrária, o ataque ao direito dos povos aos baldios, os pacotes laborais, os ataques ao serviço nacional de saúde e aos sistemas públicos do ensino e de segurança social, o permanente garrote financeiro do poder local e o boicote à regionalização, o enfeudamento e sacrifício de Portugal aos interesses do grande

capital europeu, o recurso à repressão numa clara negação do direito ao protesto, a alteração das regras de funcionamento democrático visando sempre e sempre diminuir as possibilidades de intervenção do único grande partido que de forma firme e consequente combateu, combate e combaterá a política de direita, o Partido Comunista Português, constituem exemplos gritantes da política que PSD, PS e CDS/PP levaram a cabo nos últimos 20 anos de governação em Portugal.

A verdade é que, se o Alentejo perdeu cerca de 220 mil dos seus habitantes desde 1960, quase um terço da sua população, e destes mais de 40 mil só nos últimos 11 anos, o mesmo fenómeno de desertificação não só foi travado como foi invertido nos anos imediatos ao 25 de Abril de 1974 com a realização da reforma agrária que permitiu o regresso às suas terras de milhares e milhares de alentejanos que haviam sido forçados a emigrar.

A verdade é que, se o desemprego no Alentejo se tornou estrutural a partir dos anos 80 situando-se à volta dos 40 mil trabalhadores pelo menos desde 1988, 41 mil 815 em Março de 1996, 17 a 19% da população activa, sem considerar os mais 40 mil que foram

obrigados a sair, o mesmo não se verificou nos anos da reforma agrária cuja realização criou mais de 50 mil postos de trabalho pondo fim ao flagelo do desemprego em toda a região.

A verdade é que o Plano de Rega do Alentejo, com destaque para o empreendimento de Alqueva, que podia estar a irrigar neste momento mais de 150 mil hectares de terra continua a marcar passo, só não tendo sido completamente abandonado devido à luta determinada dos alentejanos que, como sempre e em tudo o que diz respeito aos seus interesses, contaram a todos os níveis com a intervenção coerente e decidida do PCP em sua defesa.

A verdade é que importantes recursos mineiros como os de Neves Corvo continuam a ser vendidos para o estrangeiro e as Pirites Alentejanas continuam paralisadas em vez de se avançar com a elaboração da carta geológica do Alentejo e para a rentabilização dos seus recursos mineiros através de um plano integrado que equacionasse a sua transformação na região através da instalação das metalurgias do cobre, do estanho e do zinco o que para além de novos postos de trabalho permitiria a criação de mais-valias regionais.



EM FOCO

■ Alexandre Rodrigues

A gaveta

Dia 10 de Maio/96, Maria João Rodrigues, ministra para a Qualidade e Emprego, deslocou-se a Alcáçovas - Viana do Alentejo, para pomposamente anunciar o novo diploma sobre os Programas Ocupacionais (POC's) que à semelhança de anteriores programas, ocuparão no Alentejo 5/6 mil trabalhadores até final do ano de 96.

Questionada sobre o Programa de Emergência para o Alentejo, que António Guterres e o PS não se cansaram de prometer durante a campanha eleitoral, a ministra do (des)emprego não podia ser mais clara: «o Programa de Emergência já não se justifica».

Convenhamos que à semelhança de outras promessas de um passado recente, teve este o mesmo destino: a gaveta; coisa em que o PS é especialista e com grande experiência.

Precisamente no mesmo dia, António Saleiro, Governador Civil de Beja e eleito Presidente da Federação Regional do Baixo Alentejo do PS, declarava taxativamente: «o Plano de Emergência anunciado para o Alentejo desenvolve-se na prossecução dos POC's, compreendendo que a ministra não goste que lhe chamem Plano de Emergência pela carga negativa que ele próprio encerra, e, acrescentando que há muitos falsos e pseudodesempregados».

Tais declarações que consubstanciam políticas de continuidade, não podem naturalmente deixar de defraudar justas expectativas de mudança de que porventura se imbuíram milhares de alentejanos e alentejanas, quando em nome da rosa, o PS e os apologistas da nova maioria, lhes prometeram um futuro em que o direito ao trabalho estava consignado, e hoje lhes continuam a impor o espinho do desemprego e excluídos de elementares direitos de homens e mulheres - Afinal de seres humanos.

Hoje, e quando nesta região, números oficiais são incapazes de negar a existência de mais de 40 mil trabalhadores desempregados, e a que cerca de 27 mil lhes é negada qualquer protecção social, é no mínimo chocante que responsáveis governamentais ousem fazer tais afirmações, sem que correm de vergonha.

Mas, tais políticas não podem deixar de ser esclarecedoras em particular para as mulheres alentejanas que, em tempo de eleições, são alvo preferencial de caça ao voto, sobretudo as quase três dezenas de milhares de mulheres trabalhadoras alentejanas desempregadas.

No Alentejo, é ainda hoje uma evidência que, pela forma de organização familiar, é à mulher que cabe uma parcela significativa das preocupações familiares.

É pois também aqui, neste terreno, que o PS e o seu governo através de demagogos propósitos anuncia a necessidade de que à família seja proporcionada estabilidade social, como pilar fundamental que é da sociedade.

E, quando hoje no Alentejo mais de 20 mil famílias, carregam em si próprias com um ou mais desempregados e se escamoteiam medidas, propostas e fundamentados estudos, tendentes ao desenvolvimento da região (e naturalmente gerador de postos de trabalho) e contrariamente o governo do PS, assumindo a atitude da aves-

truz, perante o encerramento e fraudulentas falências de empresas, numa região já de si, com uma débil estrutura produtiva opta claramente pela convivência ao lado do grande patronato da região.

Tem sido assim desde que o PS é Governo, e parece que assim continuará a ser. Todos os indícios vão nesse sentido.

Tanto assim é, que a administração da Melka em Évora, não encontrou por parte do Governo qualquer atitude de resistência no sentido de contrariar o encerramento da empresa em Agosto próximo, mandando para o desemprego mais 163 trabalhadoras. Assim é

com o anunciado despedimento a curto prazo de 124 trabalhadores da Universidade de Évora. É assim, com o clima de permanente coação psicológica na Siemens de Évora, em que a administração, sentindo que tem um Governo ao seu lado, comete as mais torpes medidas discricionárias e de afronta aos direitos das mais de mil trabalhadoras. A flexibilidade e a polivalência, são nesta empresa já uma prática real. Bem pode a ministra do Emprego afirmar que esta lei ficaria conhecida pela lei das 40 horas. As trabalhadoras da Siemens em Évora, conhecem-na como a lei das 47 horas.

Inibe-se a ministra do Emprego com a carga negativa de um Plano de Emergência para o Alentejo. Devia antes inibir-se, ela, o PS e o Governo, de executarem no país, e em particular no Alentejo, políticas que há 18 anos os alentejanos tão bem conhecem.

Pode este povo alentejano ser de «brandos costumes», mas também sempre foi, e é e continuará a ser de «antes quebrar que torcer».

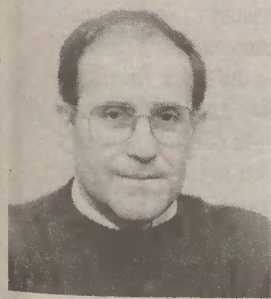
Gerações de homens e mulheres alentejanas houve, que souberam nas «praças de jorna» lutar pelo direito ao emprego no Alentejo.

Homens e mulheres alentejanas ousaram em Maio de 62 exigir a jornada de trabalho de oito horas diárias, quando antes o grande patronato alentejano (os agrários) e o governo fascista a que davam suporte obrigavam ao trabalho de sol-a-sol.

Foram lutas travadas em condições muito difíceis. Mas foram lutas que o tempo provou valerem a pena. Lutas para as quais, reconhecidamente, o PCP desempenhou um papel insubstituível.

Também hoje o Partido deverá à complexidade e diversidade das situações saber encontrar formas novas de organização que nomeadamente considerem a especificidade dos problemas que enfrentam as mulheres trabalhadoras alentejanas e, muito particularmente, as quase 30 mil desempregadas.

Hoje e amanhã há-de valer a pena lutar pelo desenvolvimento do Alentejo, que de uma vez por todas o retire da cauda da estagnação na Europa das regiões. E, nesta luta, como em tantas outras, à mulher trabalhadora alentejana há-de caber um particular papel. Assim aconteceu num passado mais distante ou recente. Assim há-de ser o futuro.



JOSÉ SOEIRO
Membro da Comissão Política

Só falta dizerem-nos que afinal de contas os trabalhadores, os reformados e outros portugueses que lutam por uma vida melhor não passam de um bando de ingratos

A verdade é que importantes infra-estruturas como o Porto de Sines e a Base Aérea de Beja continuam a aguardar as decisões governamentais que permitam a sua potencialização e colocação ao serviço do desenvolvimento regional.

A verdade é que é no Alentejo que a implementação do Plano Rodoviário Nacional está mais atrasado como o testemunham por exemplo o IP2, o IP8, o IC13, o IC33 ou a auto-estrada do Sul.

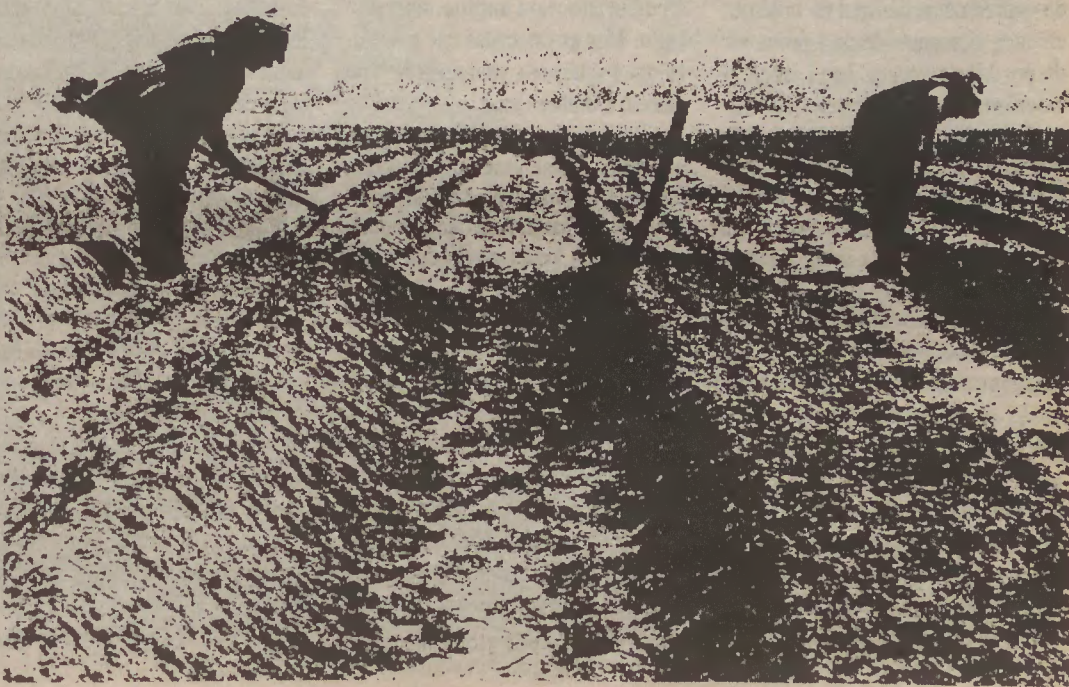
A verdade é que as regiões administrativas, consagradas na Constituição da República há mais de 20 anos, não foram criadas até hoje numa estratégia clara de permitir aos sucessivos governos uma gestão clientelar dos fundos comunitários e uma ingenuidade inaceitável na vida dos municípios democraticamente eleitos pelas populações através de CCR(s) de nomeação governamental. É muito significativo que após mais de 16 anos de existência nem um só plano de desenvolvimento regional tenha sido elaborado pela CCR do Alentejo como é evidente que o PS, seguindo a linha do PSD, não está interessado na criação das regiões administrativas a tempo destas poderem ainda intervir e beneficiar do PDR em curso pois para além dos jobs que a CCRA e os governos civis garantem aos boys há as clientelas a servir e isso seria sempre mais difícil através das regiões administrativas democraticamente eleitas pelas populações.

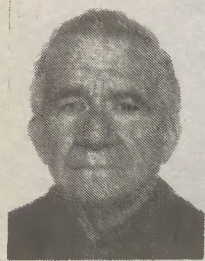
A pobreza no Alentejo tem assim causas e responsáveis bem definidos que importa dar a conhecer a toda a gente. A pobreza no Alentejo não resulta da ausência de recursos ou da falta de propostas concretas para o seu correcto aproveitamento e potencialização como não resulta como é evidente da forte influência que o PCP tem na região nomeadamente no

poder local e cuja obra notável está patente nos indicadores positivos que o Alentejo apresenta comparativamente às regiões onde PS e PSD dominam há mais de 20 anos.

A pobreza no Alentejo não se combate com promessas eleitorais de planos de emergência que um ano depois não existem, nem com POC(s) ou PAO(s) que servem no fundamental para manipular as estatísticas do desemprego, nem com rendimentos mínimos selectivos e insuficientes para quem deles necessita, nem com o encerramento das poucas empresas que ainda subsistem na região como a Melka ou as Pirites Alentejanas, nem com orçamentos de Estado enfeudados aos critérios de Maastricht e que apontando para a redução do investimento público e para a degradação dos salários, particularmente na administração pública, irão contribuir para agravar ainda mais a situação existente. Este é o caminho para alargar a pobreza no Alentejo.

Os Alentejanos têm disto consciência e por isso há muito que lutam por uma nova política, uma política democrática e de esquerda, uma política que o PCP há muito protagoniza e sem a qual não há saída para a grave crise económica e social que se vive no Alentejo e de que a pobreza é apenas um dos muitos indicadores. A forte influência do PCP no Alentejo é testemunho dessa consciência. O problema é que é necessário e fundamental que também no resto do País os trabalhadores e o povo em geral compreendam que é dando mais força política, eleitoral e orgânica ao PCP que melhor podem contribuir para combater a pobreza, resolver os seus problemas e contribuir para uma vida melhor para todos os portugueses. Está nas mãos de todos e de cada um de nós contribuir para que assim seja.





■ Miguel
Urbano
Rodrigues

Vargas Llosa teólogo do mercado e camaleão da cultura

Mário Vargas Llosa já recebeu os dois grandes prémios literários da Espanha, o Cervantes e o Príncipe das Astúrias.

É também membro da Real Academia. Faltava-lhe algo que expressasse a gratidão do Poder. Chegou agora. José Maria Aznar chamou-o ao Palácio da Moncloa para lhe oferecer um alto cargo na área da Cultura.

Vargas Llosa é um dos mais importantes e talentosos escritores vivos de língua castelhana. Ninguém lhe nega os méritos de criador literário e mestre do idioma de Cervantes e Quevedo. Mas a gratidão da direita espanhola tem motivações que transcendem o talento do autor da *Guerra del Fin del Mundo*.

O que o chefe do PP agradeceu a Vargas Llosa foi, antes de mais, a sua obra de ideólogo do capitalismo, ou, mais exactamente, a sua militância, esforçada, como escritor, na propaganda e defesa do capitalismo. Não existe, a nível mundial, hoje, outro escritor de prestígio que se bata com tanto empenho e entusiasmo pela causa do ultraliberalismo.

Vargas Llosa tem actuado no campo das letras como um cruzado das oligarquias que erigiram em dogma a sacralização do mercado. Infatigável, por vezes frenético, corre o planeta, de simpósio em conferência, de fórum em seminário, para fazer a apologia da globalização e sustentar que o neoliberalismo é o sistema político-económico que melhor responde às exigências do moderno humanismo.

Nesse cansativo batalhar, o escritor comporta-se como uma autêntica *call girl da Cultura*, na acepção emprestada à expressão por Arthur Koestler.

Poucos países, na Europa, na Ásia, na África, na América Latina, onde nasceu, escapam ao seu zelo de missionário da teologia do mercado.

Portugal já o viu passar, esvoaçante, como supervedeta de um ciclo de conferências de final de milénio, em mau momento ideado e promovido por Mário Soares. Em Lisboa, o sacerdote laico do liberalismo, rodeado de escritores entontecidos, entoou o seu cântico à desregulamentação dos mercados, aqui repetiu o sermão condenatório do papel do Estado e a doce homilia da praxe sobre a necessidade de os muito ricos terem as mãos livres para multiplicarem as suas fortunas, pois quanto maior for a riqueza por eles criada mais amplas serão as perspectivas de bem-estar para os pobres, pois haverá mais coisas a repartir...

De acordo com a definição gramsciana do termo, é justo reconhecer que Vargas Llosa se destaca entre os escritores do nosso tempo como o exemplo mais perfeito do intelectual orgânico das oligarquias

ao serviço de Sua Majestade o Capital.

Registo que a Portugal somente têm chegado débeis ecos de polémicas internacionais em que Vargas Llosa se envolveu e das quais saiu desplumado em confronto com escritores progressistas. Mário Benedetti e García Marquez arrancaram-lhe a

toma conhecimento das estatísticas que lhe desmentem o discurso sobre o papel filantrópico do neoliberalismo. Insiste, por exemplo, em apresentar o Estado na América Latina como um monstro tentacular cuja dimensão colossal impede o progresso dos povos. Mente mais uma vez. Na América Latina, com excepção de Cuba, o peso do Estado é menor do que na Europa, oscilando a sua participação no PIB entre 10 e 20%. No sector público faltam, escolas e hospitais, faltam estradas e caminhos-de-ferro, e até as telecomunicações e os portos são predominantemente privados, bem como a produção de electricidade...

*
* *

A travessia da vida não é nunca linear. Na corrida breve que é a existência humana, as mutações são permanentes.

Não se contesta o direito de Vargas Llosa a mudar, distanciando-se da sua anterior mundividência. O mal nele é a falta de lógica, a incoerência das metamorfoses.

Não há pontes entre o novelista de *La Ciudad de Los Perros*, que nos anos 60 fazia a inflamada defesa da Revolução cubana, e o intelectual orgânico da direita, alvo das comovidas homenagens de José Maria Azar.

dos EUA em aceitar a *exclusão cultural* relativamente ao audiovisual nos Acordos da Organização Internacional do Comércio – definiu com muita clareza a sua posição perante a defesa de valores nacionais. Qualificou, então, os conceitos de nação e pátria de resquícios de mentalidades tribais. Como apóstolo da globalização, repudia os sentimentos a eles ligados. Demonstra assim ignorar a relação íntima e dialéctica, fascinante, entre o particular e o universal.

Vargas Llosa confirmou nesses debates identificar-se com a postura de actual Secretário do Comércio dos EUA, Mike Kantor (amigo pessoal de Clinton), para o qual a Cultura deve, na Organização Internacional do Comércio,



máscara e transformaram-lhe o sorriso de aristocrata andino num feio esgar. Mas as estocadas que o derrubaram, gaguejante, vieram da pena do alemão Gunther Grass.

Foi positivo. Mas naturalmente ele refez-se das vergonhas por que passou, e retomou mundo afora a pregação da ladainha de teólogo do mercado global. Tem consciência de que mente ao afirmar que a riqueza se reparte melhor à medida que o capital a gera em maiores quantidades. É suficiente lembrar que em 1960, segundo o Programa da ONU para o Desenvolvimento –, PNUD os 20% mais ricos do mundo dispunham de rendimentos trinta vezes superiores aos 20% mais pobres; actualmente a diferença duplicou. No mesmo período, o total de meninos de rua saltou de «escassos» milhões para mais de 100 milhões.

Vargas Llosa, obviamente, não

Mas as evidências não contam para o autor de *El Habrador* quando lhe ridicularizam as catilinárias anti-latino-americanas e sobretudo a apologia das bondades da vida nos EUA, país, cujo sistema, na teoria e na prática, lhe aparece como o modelo a ser imitado pelos povos do mundo que aspiram à felicidade possível.

Fiel a esse dogma, Vargas Llosa considera dever indeclinável somar ao discurso apologético do capital uma pregação irada contra Cuba e a sua Revolução. O seu comprometimento pessoal nas campanhas anticubanas é tão marcado pelo ódio ao socialismo que perde a fluência literária e até a prosa se lhe torna opaca. O texto cai na irracionalidade. Significativamente, um dos seus filhos é o editor de um jornal publicado nos Estados Unidos por contra-revolucionários cubanos.

Vargas Llosa nasceu no Peru, estudou na Bolívia, participou de lutas importantes dos povos latino-americanos contra a tutela imperial norte-americana. Apresentava-se com marxista e revolucionário. Depois, de num abrir e fechar de olhos, tornou-se um inimigo irreconciliável do socialismo. E não consegue explicar a sua passagem a bispo sem investidura da teologia do mercado. Tribuno brilhante, sentiu, no fim dos anos 80, ambição política, depois de conquistar a glória literária. Foi candidato em 1990 à presidência do seu país, o Peru. Perdeu a eleição.

Presentemente, é cidadão do Reino de Espanha. Na Europa, alegou, levantam muitos entraves burocráticos a quem viaja com passaporte latino-americano... o motivo que o fez trocar de nacionalidade é, porém, outro. Ele próprio – em depoimento divulgado durante as polémicas suscitadas na Europa pela recusa

ser tratada como qualquer outra mercadoria...

O autor da *Casa Verde*, na fidelidade ao carácter sagrado do mercado, não hesitou então em desembainhar a pena para proclamar a sua solidariedade com o governo de Washington na campanha montada contra a cláusula da *exclusão cultural*.

Por uma vez foi coerente, Vargas Llosa não se sente peruano. Sempre desprezou o povo do Incário, sem o qual o Peru não existiria. Escreveu já que os Incas e a civilização por eles criada lhe inspiram repugnância. O desabafo é daqueles que iluminam a personalidade do autor. Facilita a compreensão das muitas metamorfoses de Mário Vargas Llosa, por mais difícil que seja interpretá-las.

Na evolução das espécies, continua a ser enorme a distância que separa o homem, mamífero e primata, do camaleão, réptil da ordem dos saúrios.

A festa do Baltazar

Há muitos, muitos anos, um velho ditador, que gostava de festas e homenagens e de prodigalizar "safanões a tempo" aos que não iam em grupos, congeminou uma "grandiosa manifestação de desagravo" e marcou-a para o Terreiro do Paço. A coisa foi bem organizada, com gente a ganhar 20 paus (que era dinheiro!) e uma viagem até à capital, vinda das berças de todo o País, a maior parte sem saber ao que ia. A comunicação da época, veneradora ou obrigada,

foi cobrir o acontecimento, e um repórter, certamente para dar alguma cor ao seu trabalho, teve o descaramento de perguntar, "ao vivo", a uma velhota se sabia ao que tinha vindo. Respondeu a mulher que estava ali para ver o Baltazar...

Trata-se de uma história verídica, com uns trinta anos de idade. Há dias, numa festa do "emigrante", em Celorico, com febras, sardinhada e copos, e um palco montado com música do "Bicho" e um "verdadeiro artista" a cantar que "o Marcelo é o maior", houve um repórter que se atreveu a perguntar aos emigrantes presentes

PONTOS CARDEAIS

se sabiam quem era o tal Marcelo. Que não, disseram eles. Que só tinham vindo à festa...

Ingratidão

Jardim mostra-se zangado. As coisas não lhe correm bem e até parece temer as próximas eleições regionais. Felizmente para o truculento político madeirense que dispõe de uma página inteira de "O Diabo", onde semanalmente desabafa. Desta vez queixa-se de

quase toda a gente e acusa o actual governo de todos os males.

Antes, com o PSD, os governos "reduziam o desemprego e aumentavam os salários reais e as reformas", escreveu, enquanto "as centrais sindicais por tudo e por nada barafustavam, poluíam a estabilidade democrática, zaragateavam, vinham para a rua, blasfemavam"... Com uma memória destas, não é de admirar que Jardim ache que é no presente que "o desem-



PONTOS NATURAIS

O jogo das sete pedrinhas

Cada instante é uma fábrica da História.

Carrega a espingarda com o teu coração.

Alma é profunda, o corpo é móvel.

A televisão é a vida em diferido.

O amor é a contrapartida do resto.

Minha voz seja sempre a nossa voz.

Quem o inimigo poupa, não se poupa.

De quantas histórias se faz a História!

Perdoar é sempre uma forma de doar.

Todo o jornalista tem a sua pista.

Sapatos da terra, as asas dos céus.

O corpo nu sempre esconde um vestido.

Os nossos espelhos nunca são nossos cúmplices.

Os medíocres consideram a fama um valor.

Dialoga com todos, mas só ouve alguns.

Direito a férias? As férias do Direito.

Quem nega as classes, não tem classificação.

Posso usar o autocarro; guiá-lo, não deixam.

Jornais têm dono? Tem dono a informação.

Mata melhor quem nos mata a memória.

Televisão devia ser só com receita médica.

Comes mais do que deves? Mais deves.

Sê como o luar, alumia sem queimar.

Homem de partido é um homem inteiro.

Quem dá a educação, dá o pão.

Demagogia é a doença infantil do oportunismo.

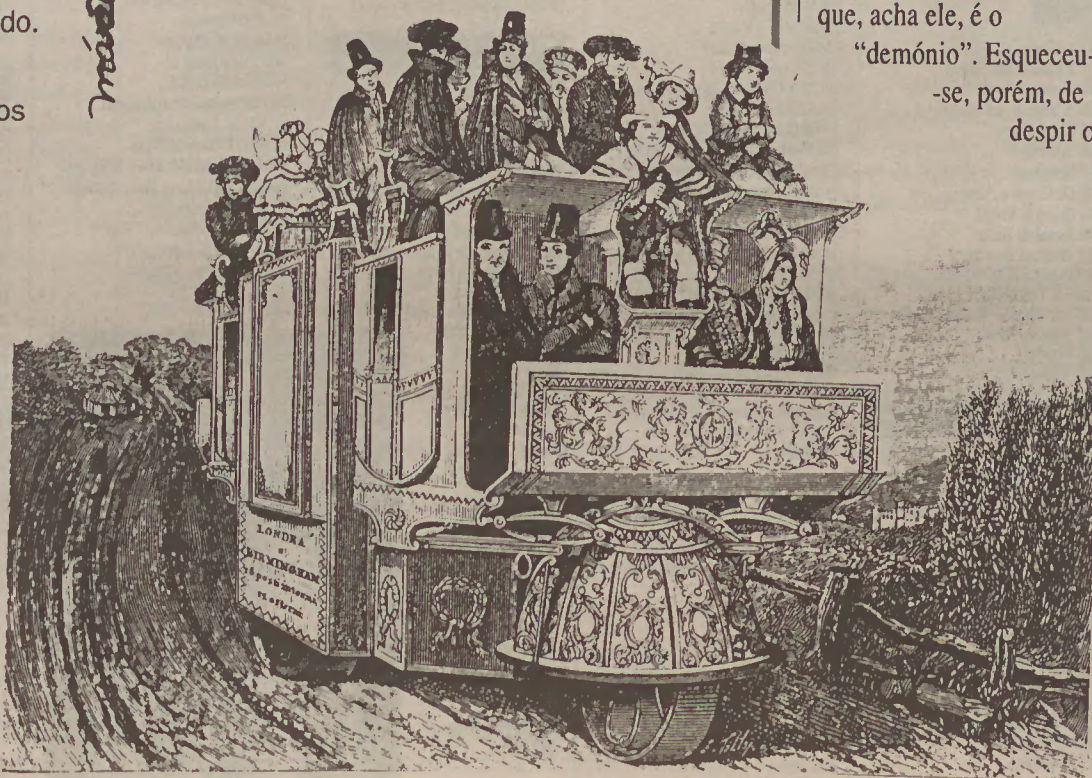
Avançar, recuar, avançar: assim respiramos, assim lutamos.

Quem se trai, melhor trai os outros.

Os futuros escravos são hoje os indiferentes.

No sistema capitalista, amar é ser subversivo.

Mário Castro



prego aumenta", que "as reformas estão como estão" e que "os salários reais é o que se vê". Hoje, para Jardim, as centrais sindicais "parecem uns cordeirinhos" e a esquerda está no poder...

O homem é de um rigor a toda a prova! Aquela de "as reformas estão como estão e os salários reais é o que se vê" é um verdadeiro mimo de retórica. O facto é que as reformas estão cada vez menos e os salários reais é vê-los... à lupa. Está tudo pior e Jardim devia congratular-se.

Exorcismos

Mas na Madeira não é só Jardim que se atormenta com o andar das coisas. Outro atormentado mostrou ser o bispo do Funchal, que veio a público alertar contra o "dragão do comunismo" que, acha ele, é o "demónio". Esqueceu-se, porém, de despir o

hábito de bispo antes de partir ao combate contra os demónios que adivinha não só nos comunistas mas naqueles que com eles partilham os ideais da fraternidade e a luta em favor dos oprimidos.

O candidato independente da CDU, Edgar Silva, que é padre mas interrompeu o ministério para concorrer à batalha política das eleições regionais, deu uma bela resposta à arrogância do chefe do clero madeirense, quando, comentando o exorcismo do bispo, preferiu "mudar para a bola" e dizer que quem deve ter ficado aborrecido com aquela do dragão, foi... Pinto da Costa. É que há coisas tão sérias que... só a brincar!

Pêras doces

Mas há coisas que nem a brincar. Por exemplo, aquela proposta de Manuel Monteiro, no comício em que decidiu, simultaneamente, confessar ter dado "pêras doces" a Guterres e ameaçar não tornar a fazê-lo. Monteiro propôs ao Governo a criação de uma polícia só para guardar as escolas e os jovens - sobretudo os menores - da insegurança e dos malfeitores.

É uma ideia que, em si mesma, se arrisca a ser considerada popular. O pior é que, vinda de quem vem, se fica apreensivo. Serviria essa polícia para afastar os criminosos ou para prender os estudantes?

TELEVISÃO

Quinta, 29

RTP 1

- 09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Cinzas
10.30 Meu Verão Secreto
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
14.45 Infantil / Juvenil
15.45 Herman Total
16.45 Azul
17.30 Malha de Intrigas
19.10 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 Reformado e Mal Pago
21.30 Primeiro Amor

Sexta, 30

RTP 1

- 09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Cinzas
10.30 Meu Verão Secreto
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
14.45 Infantil / Juvenil
15.45 Quem É o Quê?
16.45 Futebol: Arménia-Portugal (Sub-21)
19.00 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.55 80-60-86
21.35 Primeiro Amor

Sábado, 31

RTP 1

- 08.00 Sempre a Abrir
12.30 Jogos de Praia
13.00 Jornal da Tarde
13.20 Top +
14.35 Beverly Hills 90210
15.35 Emoções Fortes
16.10 Jovens Cowboys
16.45 Futebol: Arménia-Portugal (Seleções A)
18.45 O Careca
19.25 Clube dos Totalistas
20.00 Telejornal
21.00 Primeiro Amor
22.15 Parabéns Júnior
00.15 24 Horas
00.30 A Sombra do Lobo (de Jacques Dorfmann, Fr./Can.-1992, com Lou Diamond Philips, Oshiro Mifune, Jennifer Till,

Domingo, 1

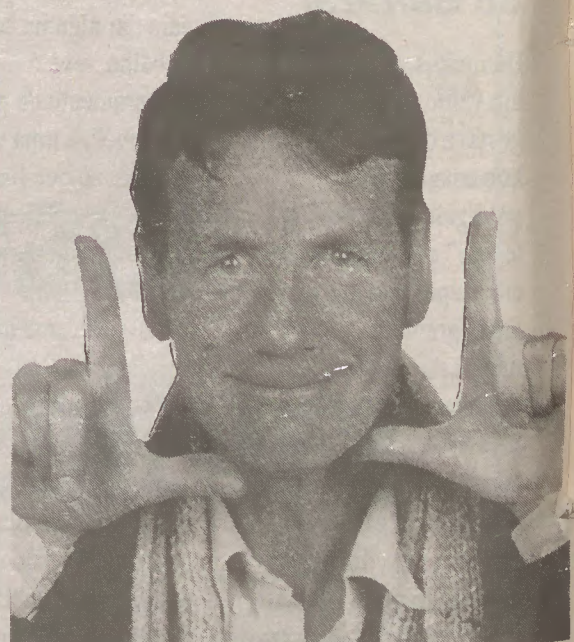
RTP 1

- 08.00 Sempre a Abrir
10.30 Jogos Sem Fronteiras
12.00 Sem Limites
12.25 Jornal da Tarde
12.45 Motociclismo
14.05 Made in Portugal
15.15 Alta Voltagem
15.50 A Lei de Burke
16.45 Desenhos Animados
17.20 100% Natural
18.15 Portugal ao Desafio
19.15 Casa Cheia
20.00 Telejornal
21.00 Enviado Especial
21.55 Jet 7
22.30 Primeiro Amor
23.15 Domingo Desportivo
00.45 24 Horas
01.05 Profissão: Mercenário

Segunda, 2

RTP 1

- 09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Cinzas
10.30 Meu Verão Secreto
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
15.10 Infantil / Juvenil
16.10 Marco Paulo
17.20 Azul
18.15 Malha de Intrigas
19.10 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 Queeridas e Maduras
21.20 Primeiro Amor



Através da Irlanda com Michael Palin, um dos 'Monty Python', em 'Grandes Viagens de Comboio'



Os documentos e testemunhos recolhidos pela produção de 'JFK' para a elaboração do filme sobre o assassinato de Kennedy num documentário a passar terça à noite na SIC



- 23.00 Passa por Mim no Rossio (II)
24.00 24 Horas
00.15 RTP/Financial Times
00.30 Perigo e Paixão no Extremo Oriente (de John Duigan, Austrália-1982, com Brian Brown, Helen Morse, John Bell, Raina McKeon. «Thriller»)

RTP 2

- 17.00 Notícias
17.10 Infantil / Juvenil
19.00 A Par e Passu
19.35 Ovnis e Fenómenos Paranormais
20.35 TV Nostalgia - «5ª Dimensão»
22.00 Jornal 2
22.45 Chegou a Tua Hora (de Harry Keller, EUA-1952, com Jack Buetel, Mala Powers, Bill Williams. «Western»)
00.30 Planeta Música - «Tito Puentes» (II)

SIC

- 09.00 Os Conquistadores
09.30 Buêrére
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia

- 22.30 A Família Adams (de Barry Sonnenfeld, EUA-1991, com Anjelica Huston, Raul Julia, Christopher Loyd. Ver Destaque)
00.10 24 Horas
00.25 RTP/Financial Times
00.40 Nas Trevas da Noite (de Bernard Rose, Gr.-Br.-1988, com Charlotte Burke, Jane Bertish, Samantha Cahill. Fantástico)

RTP 2

- 17.00 Notícias
17.10 Infantil / Juvenil
19.05 Máquinas
19.35 Grandes Viagens de Comboio
20.35 TV Nostalgia - 5ª Dimensão (últ. episódio)
21.45 Remate
22.00 Jornal 2
22.45 Alamo (de John Wayne, EUA-1960, com John Wayne, Richard Widmark, Laurence Harvey, Richard Boone. Ver Destaque)
00.55 Planeta Música: The Boston Pops Orchestra

SIC

- 09.00 Buêrére
11.00 Olimpíadas Radicais

- Donald Sutherland. Drama / Aventuras)
02.20 Tomboy (de Herb Freed, EUA-1985, com Betsy Russell, Jerry Dinome, Krisit Somers. Aventuras)

RTP 2

- 12.00 Documentário: «Os Assassinos de 100 Punhais»
12.50 Vida por Vida
13.00 Euronews
13.55 Nas Nossas Mãos
14.25 Um Homem em Casa
15.00 Desporto 2
16.50 Musical: «Bruce Springsteen - Blood Brothers»
19.00 O Sol da Noite (de Paolo e Vittorio Taviani, It./Fr./Ale.-1990, com Julian Sands, Charlotte Gainsbourg, Nastassja Kinski. Ver Destaque)
21.00 Semana ao Sábado
22.05 Lendas e Narrativas
22.35 A Promessa (de António de Macedo, Port.-1972, Guida Maria, Sínde Filipe, João Mota, Luís Santos. Ver Destaque)
00.20 Fogo Cruzado

SIC

- 08.30 Buêrére
12.00 O Mundo dos Animais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Passo a Passo
14.10 Portugal Radical
16.10 Justiça Negra
17.10 Médicos Sem Fronteiras
18.10 A Super Patrulha (de E. B. Clucher, 1980, com Terence Hill, Bud Spencer. Aventuras)
20.00 Jornal da Noite
20.50 Clube VIP
21.20 Vira Lata
22.30 Big Show Sic
01.05 Último Jornal
01.25 Missão: Areais Escaldantes (de Alfonso Brescia, 1987, com Howard Ross. Aventuras)

TVI

- 09.40 Animação
12.00 Novos Ventos
13.00 Contra-Ataque
14.15 Troféu Carina
14.30 A Odisseia Submarina
15.30 Ténis
16.00 O Estranho Misterioso (de Peter Hunt, EUA-1982, com Chris Makepeace, Bernard Wiki, Fred Gwynne. Fantástico)
17.45 Proezas de Hollywood
18.10 California Dreams
18.40 Os Novos Intocáveis
19.30 Telejornal
20.30 Futebol: Jogo da Liga Espanhola
22.15 Vidas Perdidas
24.00 Últimas Notícias
00.20 A Árvore da Vida (de Edward Dmytryk, EUA-1957, com Montgomery Clift, Elizabeth Taylor, Eva Marie Saint. Ver Destaque)

- (de Deran Sarfian, EUA/Méx.-1993, com Christopher Lambert, Sally Kirkland. Aventuras)

RTP 2

- 09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
11.25 O Homem e a Cidade - «Odemira»
12.00 Euronews
12.45 Coleção Platinum
13.30 Droga, Máscara e Realidade
14.05 Desporto 2
18.50 Bom Bordo
19.20 Abraço Mortal (de George Cukor, EUA-1948, com Ronald Coleman, Signe Asso, Edmond O'Brien, Shelley Winters. Ver Destaque)
21.00 Artes e Letras - «A verdadeira História de Artaud, Le Momo»
22.05 O Filme da Minha Vida: «Johnny Guitar» (de Nicholas Ray, EUA-1958, com Joan Crawford, Ernest Borgnine, Sterling Hayden, Scott Brady. Ver Destaque)

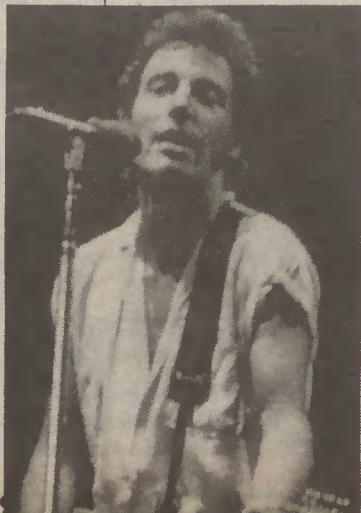
SIC

- 08.30 Buêrére
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Assuntos de Família
14.40 Malhação
15.50 Guerra dos Mundos
16.50 Walker, o Ranger do Texas
18.00 O Diabo Desceu à Lua (de Teixeira da Fonseca, Port.-1980, com Gizela, Carlos Veríssimo, Maria Helena Matos, Ribeirinho. Comédia)
20.00 Jornal da Noite
20.50 Vira Lata
22.00 Pecados Mortais (de Bradford May, EUA-1992, com Christopher Reeves, Roxanne Biggs. «Thriller»)
00.25 Último Jornal
00.45 Brutalidade (de Jules Dassin, EUA-1947, com Burt Lancaster, Hume Cronyn, Charles Bickford. Ver Destaque)

TVI

- 09.40 Clube da Manhã
12.00 Missa
13.30 O 8º Dia
14.00 Automobilismo
16.00 Não Venhas Tarde (de Giorgio Bianchi, Itália-1955, com Alberto Sordi, Giulietta Massina. Comédia)
18.00 Toques de Magia
18.35 Adultos à Força
19.30 Telejornal
20.15 Confissões de Adolescente
20.50 Melrose Place
22.45 Toda Uma Vida (de Claude Lelouch, Fr.-1974, com Marthe Keller, André Dussolier, Charles Denner. Ver Destaque)
00.25 Últimas Notícias

Springsteen em palco com «Blood Brothers»: sábado na RTP2



«Missão Impossível», que existiu até esgotar a paciência, regressa à RTP2...

- 11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Cosby Show
15.00 Buêrére
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Trapalhões
21.20 História de Amor
22.30 Circo
23.30 Grande Reportagem
00.35 Último Jornal
00.50 Contos Eróticos
01.50 Vibrações

TVI

- 10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 A Balada de Hill Street
21.30 Martin
22.00 Vidas Perdidas
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Picket Fences

- 11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Cosby Show
15.00 Buêrére
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Malucos do Riso
21.20 História de Amor
22.30 All You Need Is Love
23.30 Top Model - Karen Mulder
01.05 Último Jornal
01.25 Playboy
02.25 Vibrações

TVI

- 10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 O Poder da Lei
21.30 Doido por Ti
22.00 Vidas Perdidas
23.50 TVI Jornal
00.20 Fora de Jogo
00.30 Booker

Terça, 3

RTP 1

- 09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Cinzas
10.30 Meu Verão Secreto
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
14.45 Infantil / Juvenil
15.45 Todos ao Palco
17.00 Azul
18.05 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 De Par em Par
21.20 Primeiro Amor
22.25 Jogos Sem Fronteiras
00.20 24 Horas
01.00 O Último a Rir

RTP 2

- 17.10 Infantil / Juvenil
19.10 Rumo à Lua
19.40 Civilizações Perdidas
21.35 Missão Impossível
22.00 Jornal 2
22.45 Alguém Anda a Matar os Grandes Chefes da Europa (de Ted Kotcheff, EUA-1978, com George Segal, Jacqueline Bisset, Robert Morley, Jean-Pierre Cassell. Ver Destaque)
00.40 Planeta Música

SIC

- 09.00 Os Conquistadores
09.30 Buêrére
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Cosby Show
15.00 Buêrére
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Jasmim
21.20 História de Amor + O Rei do Gado
22.30 Cantigas da Rua
23.30 Testemunha Silenciosa
00.35 Último Jornal
00.50 Kennedy - A Conspiração (Documentário)
02.50 Vibrações

TVI

- 10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 Os Julgamentos de Rosie O'Neill
21.30 Frasier
22.00 Gunsmoke, o Regresso do Pistoleiro (de Jerry Jameson, EUA-1993, com James Amess, James Brolin, Amy Stock-Poynton. «Thriller»)
23.50 TVI Jornal
00.35 Fora de Jogo
00.50 Os Mistérios de Bill Cosby

Quarta, 4

RTP 1

- 09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Cinzas
10.30 Meu Verão Secreto
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
15.35 Infantil / Juvenil
16.30 Ligações Perigosas
17.45 Azul
18.05 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
19.45 Vamos Jogar no Totobola
20.50 As Lições do Tonecas
21.20 Primeiro Amor
22.00 Grande Noite do Fado (II)
23.40 24 Horas
00.15 RTP / Financial Times
00.20 O Último a Rir

RTP 2

- 17.10 Infantil / Juvenil
19.05 Rotações
19.45 Missão Impossível
20.40 Sinais do Tempo
22.00 Jornal 2
22.45 A Festa de Babette (de Gabriel Axel, Din.-1987, com Stéphane Audran, Jean-Philippe Lafond. Ver Destaque)
00.15 Planeta Música

SIC

- 09.00 Os Conquistadores
09.30 Buêrére
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buêrére
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Pensão Estrela
21.20 História de Amor + O Rei do Gado
22.30 Comédia da Vida Privada
23.30 Guerra de Irmãos
00.35 Último Jornal
00.50 Toda a Verdade
01.50 Vibrações

TVI

- 10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Uma
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
22.00 Moonlighting (de Jerzy Skolimowsky, Gr.-Br.-1982, com Jeremy Irons, Eugene Liproski, Jiri Stanislav. Ver Destaque)
23.50 TVI Jornal
00.35 Fora de Jogo
00.50 Quase Modelo, Quase Detective

TELEVISÃO

Por isto e por aquilo...

A Família Adams

(Sexta, 22.30, RTP1)

Inspirado na banda desenhada criada nos anos 30 pelo desenhador Charles Adams para a revista «The New Yorker», sucessivamente recriada noutros meios e obviamente em séries para televisão, este A Família Adams voltou a ser um grande êxito. Em particular nos Estados Unidos, é claro, que têm a tradição deste tipo de humor truculento e fantasmagórico, com bruxas, fantasmas e monstros inseridos no quotidiano da gente normal ou sendo mesmo, eles próprios, gente normal. O desastre que tantas vezes tem sido a transposição destes universos da BD para o cinema não acontece aqui. Com base numa adaptação coerente e imaginativa e o recurso a sofisticados efeitos especiais que o cinema de hoje permite, bom gosto e uma segura direcção de actores, Barry Sonnenfeld (que era já, aliás, um reputado fotógrafo de cinema, da chamada "geração universitária") criou neste seu filme de estreia como realizador um espectáculo divertidíssimo. Mesmo para públicos como nós - ou sobretudo para nós, que não temos a desdita de ter uma mansão ensombrada em cada bairro nem andamos a tropeçar em bruxas ou fantasmas do além... "A Família Adams" é pois uma excelente alternativa, nesta sexta-feira à noite, aos filmes "de terror" idiotas e feitos a martelo que as nossas televisões servem habitualmente.

Alamo

(Sexta, 22.45, RTP2)

John Wayne também do outro lado da câmara, dirigindo pela única vez com sucesso (a outra vez diz-se que é verdadeiramente



Montgomery Clift e Elizabeth Taylor em «A Árvore da Vida»

para esquecer...), com preocupações de pormenor na referência histórica, o episódio do Forte de El Alamo, em 1835, na luta de mexicanos contra americanos pelo território do Texas, e que se saldou numa carnificina. Vitima desse muito exaltado momento da História americana foi também David Crockett, personagem que Wayne escolheu para si próprio. São cerca de 2 horas e meia de filme (na versão original que está anunciada) e uma sequência por que vale a pena esperar: a do ataque final, considerada um grande momento cinematográfico. Notável ainda a banda sonora, mais uma vez de Dimitri Tiomkin, e um tema que ficou - "The Green Leaves of Summer"

Sol da Noite

(Sábado, 19.00, RTP2)

Desta vez os irmãos Taviani encontraram num conto de Tolstoi inspiração para mais uma das suas fascinantes incursões pelos domínios da procura do equilíbrio entre a vida material e espiritual. A história é a de um jovem nobre italiano do séc. XVIII que foge de um faustoso porém hipócrita casamento que o próprio rei lhe propusera para assumir por si um novo destino, em busca do despojamento e da perfeição pessoal. Neste Sol da Noite encontramos a habitual coerência narrativa dos autores e o clima de poética magia em que sempre conseguem envolver as suas personagens e os seus espectadores.

A Promessa

(Sábado, 22.35, RTP2)

António Macedo é o mais prolífico e talvez o mais profissional dos cineastas portugueses da geração de 60, com uma actividade quase cons-

tante até ao fim dos anos 80, com uma técnica rodada na televisão e na publicidade e uma procura de "eficácia industrial" que o aproximam de um perfil inetrnacional como nenhum outro dos cineastas da sua geração. Dessas mesmas qualidades se ressentirá negativamente o seu trabalho, de tal ordem diversificado em temas e estilos que difícil parece falar numa obra. Quanto a obras, a que hoje se exhibe (rodada em 72 e estreada no início de 74 - portanto, no período final do marcelismo) será dos títulos mais vistos do Cinema Novo português, mas é também dos mais discutidos. A actualidade transparece, sim, na escolha do autor - Santareno, então um autor maldito - e num arriscado conjunto de elementos filmicos e de colaboradores como Michel Giacometti, cujas recolhas de música popular foram seleccionadas como banda sonora. Três grandes interpretações, as de Guida Maria, João Mota e Luís Santos ou ainda a fotografia de Elso Roque - nada disso conseguiu ligar no aplauso os críticos de então. Como será, visto ou revisto hoje?

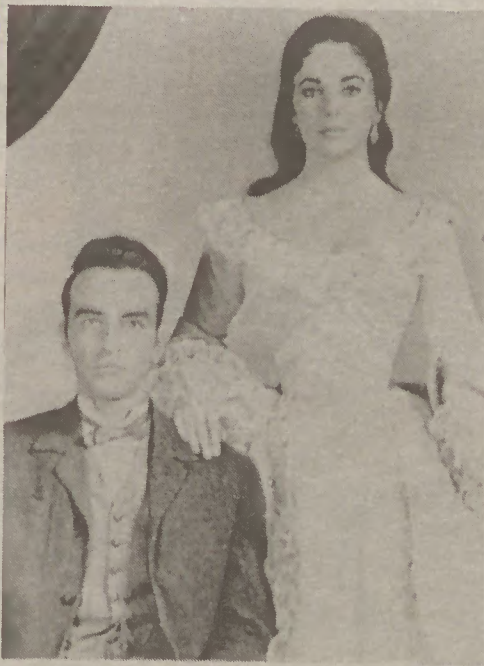
A Árvore da Vida

(Sábado, 00.20, TVI)

Um filme de Edward Dmytryk não é nunca uma obra menor, mas este melodrama não está seguramente entre os seus melhores títulos: acção longamente arrastada perseguindo as desventuras de uma família sulista em meados do século XIX, dilacerada por conflitos amorosos e de identidade. Montgomery Clift sofreu durante a rodagem o acidente (fatal a breve prazo para a sua carreira e a própria vida) que o desfiguraria, e todo o filme, diz-se, se ressentiu desse infortúnio. Notável é a banda sonora, assinada por Johnny Green.



Ronald Colman, intérprete de «Abraço Mortal»



Um fotograma de «Johnny Guitar»

Abraço Mortal

(Domingo, 19.20, RTP2)

Um actor obcecado pela personagem de Othello, com o qual acaba por se identificar, suspeita da infidelidade da sua mulher, embora também esteja ligado sentimentalmente a uma empregadita que irá estrangular num acesso de demência. Mas é um jornalista que descobre a dupla personalidade do actor e assim o confronta com o crime cometido, provocando, como consequência, o suicídio daquele em pleno palco durante uma representação. Um filme em que George Cukor opta por uma extrema sobriedade de encenação, como forma de melhor poder transmitir ao espectador o retrato desse homem de dupla personalidade, desse actor que só é capaz se reconhecer na sua própria verdade através da personagem lendária saída de um texto teatral.

A atmosfera teatral ("muito nova-iorquina") que rescende de todo o filme será, aliás, "o seu perfume", a impregnar também cada gesto e cada fala de Ronald Colman, galardoado com um Oscar por este seu trabalho. Igualmente galardoado foi Miklos Rozsa, pela banda sonora (as bandas sonoras em alta, nesta nossa semana televisiva!).

Johnny Guitar

(Domingo, 22.05, RTP2)

Clássico entre os clássicos, este western de culto de Nicholas Ray é de visão, mais uma vez, imprescindível. Tudo nele é singu-

lar, desde as cores cruas e brutais, ao fantasmagórico saloon vazio em meio de um cenário barroco e irrealista, até à caracterização psicológica dos cowboys, para terminar num «duelo» entre as duas principais protagonistas femininas. Como diria mais tarde Truffaut, Johnny Guitar é um filme de acção «em que os cowboys como que desaparecem e morrem com a graça de bailarinas». Com uma espantosa Joan Crawford. E uma música que fica no assombio.

Toda uma Vida

(Domingo, 22.45, TVI)

Pela mão de Lauro António tem hoje início na TVI um ciclo dominical dedicado durante todo o mês de Setembro a Claude Lelouch, um cineasta de muitos filmes (perto de meia centena) e alguns grandes êxitos de público - designadamente Um Homem e uma Mulher, um dos mais lucrativos filmes da história do cinema francês. É um autor controverso, que alguns acusam de superficialidade e ligeireza (técnica, estética, ideológica) e outros apreciam pela espontaneidade que aparenta.

Não será porém esse estilo "ligeiro" ou aparentemente ligeiro de reportagem que melhor caracterizará este primeiro filme do ciclo - um



«A Família Adams»

drama de 1975, interpretado por Marthe Keller e André Dussolier, acompanhando o percurso de uma família ao longo de três gerações durante quase todo o século XX, confrontada com a guerra, o racismo, a fome, a publicidade, o amor, os problemas da hereditariedade... Um drama "extravagante", diz-se (e parece!).

Brutalidade

(Domingo, 00.45, SIC)

Este é um dos mais poderosos e impressionantes filmes sobre a brutalidade da repressão. Conta-nos da brutalidade do universo prisional americano, o terror, o sadismo, os denunciadores - e os que não se vergam, por mais certo que seja o seu castigo final.

Na penitenciária de Westgate, Joe Collins (Burt Lancaster) sonha com a evasão e associa-se para isso com o chefe de uma célula vizinha, mas é denunciado por um outro preso e cruelmente castigado. Os presos acabarão por amotinar-se perante o terror exercido por Munsy, o chefe dos guardas. No fim do filme, Joe Collins acabará por matá-lo, mas ele próprio não escapará.

"Contar" desta maneira o argumento não retira nada à impressão que o filme provoca, porque aquele desfilar de sequências terríveis é que lhe dá consistência e sentido. Como se diz, "só visto". Jules Dassin e Richard Brooks, realizador e autor do argumento - e, diz-se, decisivamente, o produtor Mark Hellinger - quiseram sublinhar em Brutalidade os contornos manifestamente nazis do regime prisional americano, no imediato pós-guerra em que o filme foi feito, cumulando-o de cenas fortíssimas num clima irrespirável. Hoje, 50 anos depois, como o fariam? As penitenciárias (as americanas e muitas outras) continuam a ser reinos de terror, quadros por excelência de exercício da Lei onde a Lei e os direitos são permanentemente violados.

A Grande Farra

(Segunda, 22.45, RTP2)

Marco Ferreri regressa esta semana à RTP2 dando início a um novo ciclo - sem nome que tenha sido indicado, fica-lhe talvez bem A Gula, perfeitamente adequado quer a A Grande Farra, no qual quatro amigos (extraordinários Mastroianni, Tognazi, Piccoli, Noiret!) se reúnem para um banquete que ficará como um suicídio colectivo. Uma sátira delirante e trágica, em tom bem diferente do filme que se segue - Alguém Anda a Matar os Grandes Chefes (de cozinha) da Europa, uma comédia policial em forma de sátira muito mais "digestiva".

O terceiro filme, a exibir quarta-feira, também se passa em grande parte à mesa mas não aponta para a gula ou outras "perversões" que se lhe possam associar - aponta, bem ao contrário, ao prazer da mesa e à celebração da alegria. Chama-se A Festa de Babette, foi realizado pelo dinamarquês Gabriel Axel e é uma pequena obra-prima de delicadeza, um festim de humanidade que aqui vivamente se recomenda.

■ Correia da Fonseca

Emmanuelle

Leu no «Avante!» que faleceu uma camarada que, nascida em 1925, recebeu o nome de França. Isso mesmo: não foi Maria de Lurdes (então adoptava-se a forma «Lourdes»), nem de Fátima, e muito menos foi Vanessa Carina, o que teria sido claramente precursor da actualidade: foi França, nome de um país, e não de um país qualquer. Deito-me a adivinhar e julgo saber que a camarada agora desaparecida se chamou França como outras se chamaram Liberdade, que aliás é uma palavra linda. O caso é que para muitos portugueses, ao longo de décadas, França e Liberdade foram quase sinónimas. E não apenas para os portugueses. Lembro um texto de Vercors, esplêndido e creio que esquecido, «La Marche à l'Étoile», que fala do fascínio que a França exerceu durante cerca de século e meio, pelo menos, sobre os que na Europa tinham fome e sede de justiça. A França foi, durante todo esse tempo e porventura mais algum, uma espécie de estrela polar de quantos queriam caminhar para a libertação. Mas Vercors conta também, já então, como foi verdadeiramente trágica a decepção que alguns desses colheram. Porque, ao longo da História, sempre a França foi um pouco como a Lua, que tem uma face eternamente negra que está lá, embora oculta.

Talvez a grande diferença entre a França e a Lua seja que a face negra da França é visível, e por vezes surge como o seu rosto dominante. Foi assim agora, com os acontecimentos da igreja de Saint-Bénard: três centenas de trabalhadores estrangeiros (negros, mas podiam ser portugueses de há trinta anos, também eles indocumentados, pobres e, aliás, muito morenos), alguns deles em greve de fome; e depois o assalto da polícia com arrombamento da porta, façanha que nem na Idade Média o poder se permitia. Em imagem da TV francesa, via cabo, pude assistir à reacção acabrunhada do pároco do Saint-Bénard: «Tenho vergonha por todos nós!», disse ele. Foi também no decurso dessa breve reportagem que pela primeira vez dei conta de Emmanuelle: loura e esguia, era conduzida para um dos carros da polícia por uma agente que a segurava firmemente por um braço, não fosse ela esca-

porém, que tratando-se de um acontecimento que ocorria em França, e tivesse sintonizado por várias vezes o canal por onde me chega a Televisão francesa. Foi por ele que, horas depois do assalto policial à igreja, voltei a ver Emmanuelle, e dessa segunda vez também a ouvi-la. Porque aquela Emmanuelle não era, digamos, uma Emmanuelle qualquer. Não era, sequer a «Emmanuelle» com aspas que foi título de romance erótico e, depois, de filme não menos erótico que teve prolongamentos até à terceira geração (quanto a esta segunda possibilidade espero que não tenha havido muitos equívocos, eventualmente suscitados pelo título desta crónica, possíveis até porque o filme «Emmanuelle» foi transmitido há dias pela TV2). Aquela Emmanuelle era Emmanuelle Béart, actriz francesa que eu mal conhecia apesar de estar agora a ser muito mediatizada pela promoção publicitária de um filme americano que por sinal deve ser bem mauzinho: a versão cinematográfica da velha série da TV «Missão Impossível» que, como se sabe, contava as proezas de uma equipa da CIA em luta contra o Império do Mal.

Nos estúdios da TV francesa, entrevistada pouco depois de ter saído da esquadra para quando fora conduzida, Emmanuelle Béart não tinha nada a ver, naturalmente, com «Claire», esposa do «Comandante Phelps» do filme «Missão Impossível»: era uma cidadã que se sentira tocada pelo vírus da solidariedade, que nessa qualidade e na de mãe de dois filhos decidira juntar-se aos da igreja de Saint-Bénard para ali tentar evitar a deportação brutal de outras mães, de outras crianças, apenas diferentes dela e dos seus pela cor da pele e a enorme desigualdade social. Não estou a inventar nada, não estou sequer a supor apenas; estou a repetir por palavras minhas, mas fiéis, o que Emmanuelle Béart explicou à França inteira e, via satélite, ao mundo, enquanto lágrimas lhe regressavam aos olhos no rosto ainda compreensivelmente tenso porque, enfim, resistir à polícia, ser presa, não faz parte do quotidiano habitual de uma vedeta.

e nos próximos tempos não parece que os imigrantes africanos que trabalham a construir-nos as casas mas não têm documentos tenham de refugiar-se na igreja de Alcântara para evitarem ser expulsos. Contudo, não se suspire de alívio com muita indiferença perante Saint-Bénard, e sobretudo não se suspire muito profundamente. Não invoco a chamada mundialização dos problemas económico-sociais, versão pós-moderna e patronal do nosso tão bem conhecido internacionalismo, para lembrar que o mundo é só um e, mais ainda, que a França da OE já se confunde um pouco, mesmo formalmente, com o nosso país. Recordo, isso sim, que a invasão da igreja de Saint-Bénard pela polícia é um característico acto da política de direita, e mesmo de extrema-direita, hoje adoptada em França, amanhã não sabemos onde, sabendo-se contudo que a extrema-direita tem uma estratégia transnacional com vínculos e tentáculos que saltam as fronteiras hoje aliás diluídas. Sublinho, sim, que o nosso tão apregoado não-racismo tem vindo a enfrentar embaraçosos desmentidos pontuais. E, inevitavelmente, tropeço com um facto que a Televisão portuguesa divulgou pelos seus quatro canais: o caso dos ciganos de Oleiros.

Caso aparentemente difícil. É mais que provável que muitos cidadãos de etnia cigana se dediquem aos tráficos que motivaram a quase sublevação das gentes de Oleiros. Mas todos eles, até as crianças que as câmaras nos mostraram? E serão apenas eles? E o gravíssimo problema da droga, no País e no mundo, será da responsabilidade exclusiva ou mesmo dominante da etnia cigana? Pelo menos quanto a esta última questão, a resposta é conhecidamente negativa: o que sabemos os mais informados, pelo menos esses, é que os grandes patrões da droga no mundo estão sediados nos Estados Unidos. Contudo, não vejo (e ainda bem) que se levantem vozes, surjam movimentos populares, a reclamarem a expulsão de todos os cidadãos norte-americanos do território nacional, o que seria tresloucado mas também injusto. Então, porquê os ciganos? Porque são os suspeitos óbvios, mas também os vulneráveis, os minoritários, os socialmente demarcados, os visivelmente empobrecidos, ou diferentes (temos a convicção ingénuo de que somos fisicamente mais parecidos com os norte-americanos brancos que com os ciganos, mas receio que os alemães não tenham a mesma opinião). Contudo, devo confessar que o



Foto de Francine Bagande em L'Humanité

par-se, e o doirado dos cabelos destacava-se entre o bronze-negro dos africanos e o azul forte dos fardamentos policiais.

Assim surgia Emmanuelle como o rosto da França que durante sucessivas gerações se mitificou como lugar da luta pela liberdade e pela justiça social.

A vedeta e o vírus

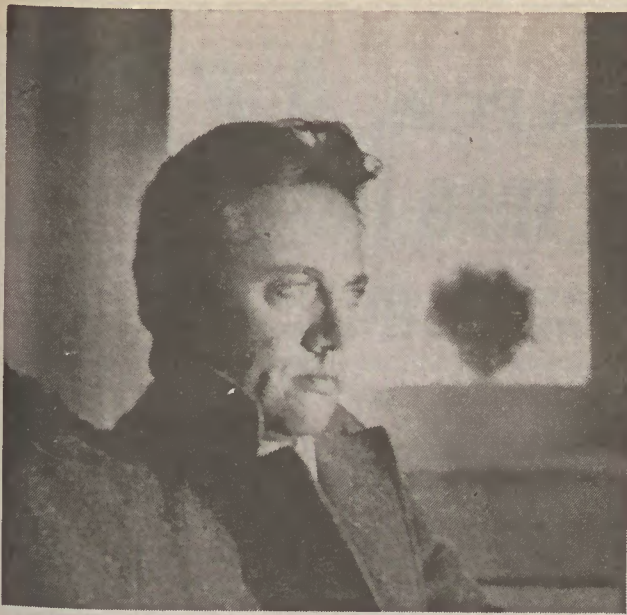
Não é que as estações portuguesas de TV não tenham dado notícias do que se passou em Saint-Bénard: deram. Sem grandes desenvolvimentos, sem a convocação para os estúdios dos comentadores políticos do costume, mas deram. Entender-se-á,

Um pequeno réptil

Tudo isto vi eu na TV, mas não na portuguesa, e poderá pensar-se que nada disto tem a ver com a nossa realidade: por agora

que mais me impressiona neste furor anticigano de Oleiros é que, com manifes to exagero me traz à memória os ciganos da Alemanha nazi que, seguramente, não eram traficantes de droga. Mas que, mesmo assim, morreram aos milhares nas câmaras de gás, misturados com judeus, comunistas e antifascistas de várias origens e nacionalidades. Entenda-se: o que me preocupa é que a gente vê um réptil a agitar-se, parece pequeno e limitado, mas nunca sabe até onde vai crescer. Nem quem, oculto, pode vir a utilizá-lo.

ESCAPARATE



TEATRO

Perry encena Shakespeare

João Perry dirige um espectáculo sobre um texto de Shakespeare para ver no Teatro da Trindade, em Lisboa, numa curta série de espectáculos, a partir de hoje. Em ensaios há dois meses e meio, a peça «Sonho de uma Noite de Verão» fica em palco no Teatro da Trindade, em Lisboa, até 22 de Setembro, impreterivelmente.

DISCOS

Beatles outra vez

O terceiro volume da série «Anthology», dos Beatles, tem edição prevista para 7 de Outubro, sem canções novas, mas com 49 raridades do último período da carreira dos «quatro de Liverpool», entre 1968 e 1970.

Antes, a 23 de Setembro, é editada a série de oito vídeos do projecto, com duas cassetes por quinzena, num total de 10 horas de imagens, na sua grande maioria inéditas. Em Portu-

gal, os vídeos têm legendas em português.

As raridades do CD provêm de sessões de gravações dos Beatles na mansão de George Harrison, «Kinfauns», em

Esher, Surrey, e nos estúdios de Abbey Road durante as gravações do chamado «álbum branco», do abortado álbum «Get Back» e ainda de «Abbey Road».

Colectânea de Patti Smith

A mítica figura do rock feminino Patti Smith reeditou esta semana a sua obra, constituída por cinco álbuns, remasterizando-os, juntando canções extra em cada um deles e acrescentando um álbum com «canções seleccionadas».

O resultado é uma caixa de seis CD, intitulada «The Patti Smith Masters – The Collective Works», especialmente dirigida a fãs e coleccionadores. Contém um total de mais de quatro horas e meia de música.

O primeiro CD, «Horses», de 1975, contém como faixa extra uma versão, sem censura, ao vivo de «My Generation», dos Who, gravada num concerto de 1976, e o segundo, «Radio Ethiopia», de 1976, inclui o inédito «Chiklets».

O terceiro álbum, «Easter», de 1978, contém «Godspeed», o quarto, «Wave», de 1979, inclui «Fire of Unknown Origin» e «54321/Wave» e o quinto, «Dream Of Life», de 1988, apresenta como canções novas «As The Night Goes By» e «Wild Leaves», todas da autoria de Patti Smith.

O sexto álbum, «Selected Songs», é uma espécie de colectânea, com canções escolhidas dos cinco álbuns anteriores e mais duas do seu novo disco, «Gone Again», editado há cerca de um mês.

O renascimento da figura de Patti Smith, um dos símbolos do rock alternativo norte-americano do final da década de 70, surge no seguimento do novo álbum da artista e da sua participação no novo single dos REM, «E-Bow The Letter».

EVENTO

Prémio José Afonso

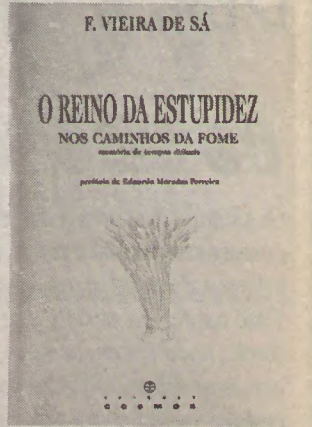
O IX Festival de Música Popular Portuguesa/Prémio José Afonso decorre nos dias 13 e 14 de Setembro e 4 de Outubro no Parque Central da Amadora e no Cine-Teatro Municipal D. João V.

Integrado no programa das comemorações do 17.º aniversário do Município e Cidade da Amadora, o Festival conta com as participações da Brigada Victor Jara e Sons da Lusofonia (dia 13), Sons da Fala (dia 14) e Maio Maduro Maio (dia 4).

O Prémio José Afonso, galardão atribuído ao melhor álbum nacional de música popular editado no ano anterior ao da realização do festival, será entregue na ocasião aos autores de «Maio Maduro Maio»: José Mário Branco, João Afonso e Amélia Muge.



LIVROS



O Reino da Estupidez

Com um título assim, alguns leitores sentir-se-ão tentados a folhear este livro, a ver se lhes será proposta uma revisão de alguns programas televisivos onde imperam as figuras da ribalta política. Mas o livro, da autoria de F. Vieira de Sá, editado pela Cosmos, apresenta-se com subtítulos mais esclarecedores - *Nos Caminhos da Fome, Memórias de tempos difíceis*. O que, reportando-nos ao passado, porventura nos abrirá outras expectativas. A fome no mundo, que contraditoriamente grassa paralelamente a uma indústria agro-alimentar cujo objectivo não é nem o desenvolvimento económico nem a alimentação dos povos, é o tema desta obra de Vieira de Sá, apresentada com um prefácio inacabado da autoria de Eduardo Moradas Ferreira, entretanto falecido. O livro, interessantíssimo, organiza uma série de trabalhos do autor, que é um prestigiado investigador cuja actividade se desenvolveu não apenas no âmbito nacional mas integrou os quadros da FAO e se alargou a vários países do mundo.

A Desventura do Sentido

Sauda-se aqui a estreia de um poeta e, ao mesmo tempo, a iniciativa e a aventura que é a edição de poesia nestes tempos magros. O livrinho, numa como sempre cuidada edição da *Campo das Letras*, é da autoria de António Teixeira e Castro, um autor natural do Porto, cujos trabalhos anteriores se têm dispersado em publicações várias. São "poemas breves de inquietação e busca, palavras, brumas, consciência magoadada da vida no *trájecto impossível da alegria*", como se afirma na contracapa? Para o autor, cujo trajecto começa aqui na letra e na forma de um livro, a alegria, que é sempre um caminho a fazer, dá um passo em frente.

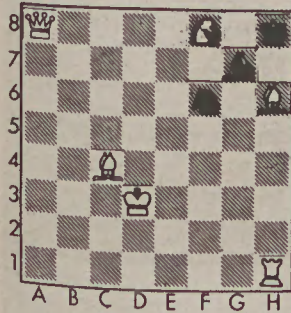
A Desventura do Sentido

António Teixeira e Castro

XADREZ

DLXXV - 29 DE AGOSTO DE 1996
PROPOSIÇÃO Nº 1996X036
Por: MIROSLAV HAVEL
1.º Prémio Norsk Shack, 1916

Pr.: [3]: Cf6 - Bg7 - Rh8
Br.: [6]: Cf8 - Bs. ç4, h6 - Th1 - Da8 - Rd3



Mate em 2 [dois] lances

SOLUÇÃO DO Nº DLXXV

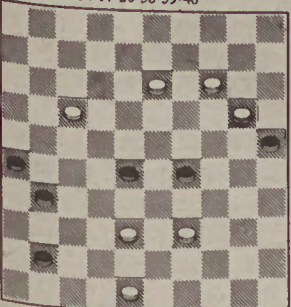
Nº 1996X036 [M.H.]: 1. Dall; 1. B:h6; 2. D:f6#; 1. B:f8; 2. B:f8#; 1. Ch5; 2. B:g7#

A. de M. M.

DAMAS

DLXXV - 29 DE AGOSTO DE 1996
PROPOSIÇÃO Nº 1996D036
Por: LOUIS DALMAN
Combat Dans L'Arène [333/30c].
Nimes, 1976

Pr.: [6]: 25-26-28-29-31-41
Br.: [7]: 13-14-17-20-38-39-48

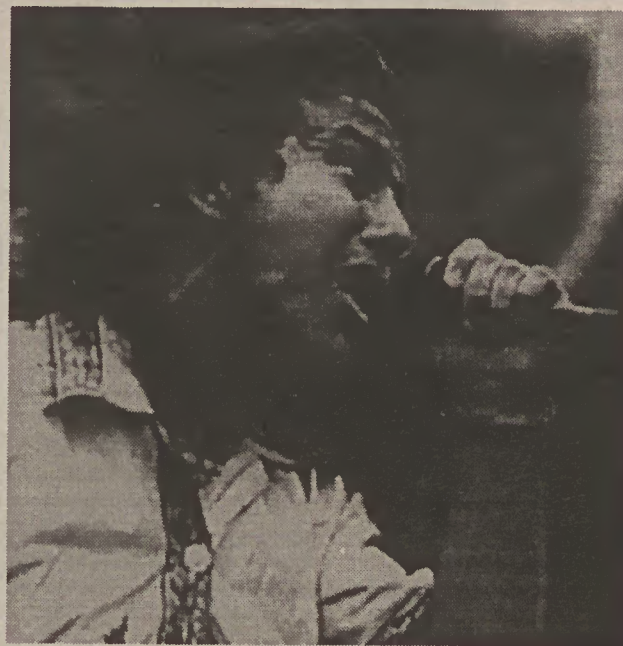
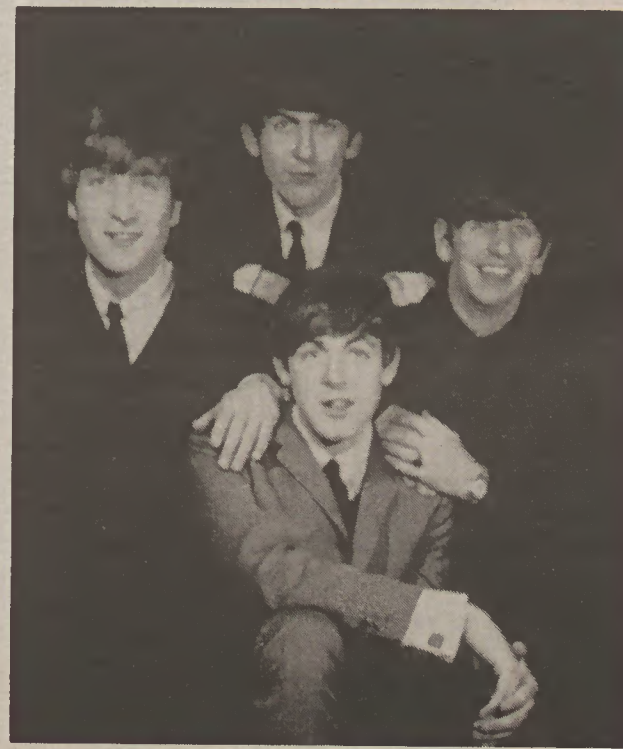


Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO Nº DLXXV

Nº 1996D036 [L.D.]: 1. 46-41!, (37x46-D); 2. 45-40, (46x14*); 3. 38-32, (x); 4. 15-10, (x); 5. 29-23, (x); 6. 40-34 (x); 7. 35x2-D

A. de M. M.



Novo dos Pearl Jam

Um novo álbum dos Pearl Jam, com o título «No Code», foi lançado ontem em Portugal, três meses antes de o grupo se apresentar ao vivo, por duas vezes, em Cascais. Produzido por Brendan O'Brien e pelos próprios Pearl Jam, o álbum contém 13 novas canções da banda, considerada a sucessora dos Nirvana na «chama» de Seattle. A 16 de Setembro, precisamente em Seattle, os Pearl Jam iniciam uma digressão mundial para promoção do álbum, a qual termina no Pavilhão de Cascais com dois concertos nos dias 24 e 25 de Novembro.

AR LIVRE

Passeios em Serralves

A Fundação de Serralves promove hoje uma visita guiada ao seu parque, durante a qual serão analisados os animais que nele vivem e o modo como interactivam. A visita, inserida no programa «Passeios no Parque», destina-se

principalmente a famílias, contando com a orientação de monitores especializados. O objectivo deste programa, que integra visitas semanais a diferentes temáticas ambientais, é efectuar uma abordagem lúdica do conhecimento.



ÚLTIMAS

ATALHE DE FOICE

Os mesmos

Os últimos dias de Agosto têm mostrado à maioria dos portugueses, submetidos ao bombardeamento da informação política, uma decepcionante realidade. Tudo parece na mesma, e os discursos, do Algarve ao Norte, nada trazem de novo, o partido do Governo e os que se perfilam à sua direita baralham e dão as mesmas cartas. Para que a imagem não sofra distorções e reflita apenas a realidade virtual em que a comunicação de massas pretende que os portugueses vivam, afastam-se mesmo as notas discordantes que foram as palavras de Carlos Carvalhas em Mértola. Pontal e Pontinha, festa do "emigrante" em Celorico, ou Vila Praia de Âncora foram os cenários onde os partidos que defendem a mesma política, a cozinham com molhos vários, como quem canta o mesmo fado e dedilha variações diversas.

O jogo é fraco e Guterres surge como que a seguir o trunfo ditado pelo concorrente, os últimos de Marcelo não põem em perigo a jogada do Governo, Monteiro verga-se à "estratégia" de Paulo Portas e revela finalmente as pêsas doces que ofereceu ao PS, e tudo acaba num empate. O certo é que, neste jogo chamado Maastricht, o verdadeiro adversário não estava lá...

Esta prática do fingimento não é de hoje. Desde sempre que as políticas que visam a exploração dos trabalhadores e dos povos contam, ou com a repressão para que estes se amoldem às regras, ou com o adormecimento e a diversão, numa anestesia que procura fazer-se passar por consentimento. Esta prática não é de hoje nem é exclusivamente portuguesa. Entre a cenoura e o pau, milhões de pessoas suam e trabalham para encherem os bolsos de alguns poucos. E às vezes sorriem. Muitas vezes lutam. Certas vezes saem vitoriosas dessa luta. Os tempos de hoje não se revelam favoráveis, mundo fora, aos que persistem na luta. O que não lhes retira razão, mas lhes dificulta temporariamente os resultados, e entretanto lhes acrescenta motivos à persistência.

As lutas de hoje parecem, neste mundo virtual de informação ao domicílio, desenrolarem-se apenas entre os que, com diferentes estilos e camisolas diversas, pretendem que o produto do trabalho continue a ser dividido em largas fatias pelos mesmos de sempre. Entre os que cedem migalhas e os que arrecadam tudo, os que distribuem esmolas e os que sugam o último suor.

Ainda há dias, o presidente Clinton, o democrata cuja carreira de cerca de quatro anos na Casa Branca ficou já manchada pela continuação, no fundamental, da mesma política dos seus antecessores, assinou (pretendendo assim assegurar a permanência no cargo, com as eleições à porta) uma lei elaborada pelos seus adversários conservadores e republicanos que parece destoar nas tradições do partido democrático. A lei assinada por Bill Clinton, que momentos antes se mostrava acompanhado de Edward Kennedy, destrói em boa parte o sistema de segurança social, já tão precário, dos Estados Unidos, e que fora criado nos tempos de Roosevelt, face à crise económica e ao perigo que constituíam então as massas de trabalhadores revoltados com a miséria dos anos 30. Dias depois, Jaime Gama, que fora aos EUA encontrar-se com emigrantes portugueses, ameaçados estes pela nova legislação, descansava-os com declarações de senadores democratas. Edward Kennedy também lá estava, a debitar demagogia para caçar votos.

Por essa altura, preparava-se, em Chicago, a Convenção democrática, destinada a fazer a festa e a deitar foguetes por Clinton. Alguns milhões de dólares haviam já sido gastos para limpar o terreno de indesejáveis, no bairro pobre, verdadeiro ghetto, escolhido para terreiro da festarola. Os discursos, esses, eram certamente a favor dos mais desfavorecidos. Eles dizem todos o mesmo.

■ LM

Acórdão do TC e contas do PCP Os pontos nos iis

Face às notícias surgidas no *Independente* e no *Expresso* sobre as contas dos partidos, que misturam num saco comum de pretensas irregularidades e ilegalidades as contas do PCP e as contas de outros partidos, impõe-se um esclarecimento. É que, também nesta matéria, como o próprio acórdão do Tribunal Constitucional demonstra, os partidos não são todos iguais, não sendo legítimo nem aceitável uma tal mistura.

Na carta de esclarecimento que escreveu ao *Expresso*, a propósito da afirmação daquele semanário de que «nenhuma das forças políticas cumpriu as regras impostas pela nova lei de financiamento dos partidos», o PCP «honra-se de ter respeitado a legislação vigente nas contas que apresentou», não legitimando o texto do acórdão do Tribu-

nal Constitucional qualquer opinião contrária. Há que distinguir - diz o PCP - «opiniões e recomendações deste Tribunal quanto à organização da contabilidade dos partidos e quanto a insuficiências técnicas registadas, de ilegalidades que não são demonstradas nem imputadas ao PCP no acórdão proferido».

O PCP diz ainda ter sido, segundo o Tribunal Constitucional, o único dos grandes partidos que apresentou «contas consolidadas» e «abrangendo o universo de todas as estruturas e de toda a actividade partidária», cumprindo assim «nesse ponto primário e fundamental o que o Tribunal entende ser exigência da lei». Isto é tanto mais de salientar quanto é certo que, como sublinha o Tribunal Constitucional, só com uma conta consolidada «será viável aferir do res-

peito pelos limites quantitativos que, no tocante ao financiamento dos partidos políticos, constam dos artigos 4º e 5º desse diploma legal».

Quanto a uma outra afirmação do *Expresso*, de que «todos incorrem, também, na falta de inventário anual dos bens», o PCP refuta-a firmemente, assegurando que dos mesmos apresentou um inventário discriminado, como o acórdão reconhece, tendo considerado cumprida a exigência legal quanto à totalidade do seu património com a apresentação do Balanço das «imobilizações corpóreas».

No que respeita ao artigo do *Independente*, que refere que «os representantes do Ministério Público junto do Tribunal Constitucional vão requerer a aplicação de uma coima ao PCP» porque «não tomou pública toda a

riqueza que possui em património imobiliário, e este era o item mais esperado», esclarece o PCP em carta ao referido semanário que «é o próprio acórdão do Tribunal Constitucional que desmente por inteiro tal afirmação, ao reconhecer textualmente que o inventário anual do património que o PCP apresentou abrange «os imóveis e terrenos de sua propriedade»».

Contrariamente, pois, àquilo que se poderia inferir das notícias vindas a público nestes dois semanários, e de acordo com o conteúdo do acórdão produzido pelo Tribunal Constitucional, na parte respeitante ao PCP em tudo o que é essencial, o que se confirma é que as suas contas foram elaboradas e apresentadas de modo rigoroso e responsável e respeitando a legislação aplicável.

Assim vai a justiça fiscal

O Organismo de Direcção da Função Pública do PCP, em nota à imprensa de terça-feira passada, denuncia o comprometimento do processo de criação das Regiões Administrativas provocado pelos acordos entre PS e PSD em sede de revisão constitucional, o desprezo pela voz e vontade dos municípios democraticamente eleitos e o afastamento dos cidadãos na definição dos critérios, formas e medidas de fomento do desenvolvimento. Não é assim de espantar, diz o PCP, que «uma das medidas que estejam a ser equacionadas

«como instrumentos visando a correcção das assimetrias regionais» seja a isenção de impostos sobre os lucros (IRC) às empresas que se venham a instalar nessas regiões».

Quando quase 60 por cento das empresas já não pagam IRC, quando as suas dívidas à Segurança Social são perdoadas por um «Plano Mateus», surge ao Governo PS a ideia de «racionalizar» o conjunto de benefícios que têm sido criados, entendendo essa «racionalização», não como uma maneira de pôr fim a privilégios de todo injustificados mas

sim de estender esses mesmos privilégios. Bem «pode o Governo falar em justiça fiscal» - consideram os comunis-

tas - que «ao pretender criar verdadeiros paraísos fiscais para as empresas, a justiça não passa de pura retórica».

Carlos Carvalhas na Festa das Vindimas

Acompanhado de autarcas e dirigentes do Partido, o Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, visita, no próximo domingo, dia 1 de Setembro, as Festas das Vindimas, em Palmela.

A visita inicia-se às 15.30 horas, a partir do edifício da Câmara Municipal de Palmela.

Reunião de Quadros em Lisboa

Alargada a todos os camaradas membros de Comissões de Freguesia, células e outras comissões, realiza-se, no próximo dia 3, às 21.00 horas, no Centro de Trabalho Vitória, uma reunião do Organismo de Direcção da Organização da Zona Oriental de Lisboa, para discutir o relançamento da actividade do Partido e a Festa do Avante.

Amanhã, em solidariedade com imigrantes

Vigília na Embaixada de França

A Frente Anti-Racista convocou para amanhã, sexta-feira, entre as 20.00 e as 24.00 horas, uma vigília à porta da Embaixada de França, na Rua de Santos-o-Velho, nº 5, Lisboa. Esta acção, que conta com o apoio de associações de imigrantes e do movimento sindical, surge em protesto contra a actuação do governo francês no processo que envolve centenas de imigrantes sobre os quais impende ordem de expulsão.

O que vem sucedendo em França, no entender da Frente Anti-Racista - que recorda a intervenção policial que desalojou 300 imigrantes africanos da Igreja de S. Bernard, em Paris -, constitui uma «clara violação dos direitos humanos», levando-a a interrogar-se sobre «o que aconteceu aos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade».

«São muitos aqueles que estão com os olhos em França e cada vez mais revoltados com a falta de diálogo», observa ainda a Frente Anti-Racista, que reclama «medidas justas para os imigrantes clandestinos».



Albano Nunes e Domingos Lopes, do PCP, encontram-se com delegação do Partido Socialista da Holanda



20 anos Festa! / *Avante!*

Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO Nº 8
29 de Agosto de 1996
Não pode ser vendido
separadamente

AMORA-SEIXAL
6, 7 e 8 SETEMBRO



Para a semana há Festa



Compra a tua EP

 ENTRADA Festa <i>Avante!</i> 6 SEXTA	 ENTRADA Festa <i>Avante!</i> 7 SÁBADO	 ENTRADA Festa <i>Avante!</i> 8 DOMINGO	 Festa <i>Avante!</i> 6,7 e 8 SETEMBRO ATALAIA-AMORA-SEIXAL
---	--	---	---

Excursões para a Festa

Foz

Partida na sexta-feira, dia 6 às 8.00 horas, da Foz com passagem pelo CT de Boavista. Regresso na segunda-feira, dia 9, à 1.30 hora. Preço: 3.000\$00. Inscrições nos CT's do PCP.

Paranhos

Partida no sábado, dia 7 às 6.00 horas, de Paranhos. Regresso no domingo, dia 8, às 19.00 horas. Preço 3.000\$00. Inscrições nos CT's do PCP.

Gaia

Sexta-feira, às 24 horas, partida das principais freguesias. Regresso no domingo, dia 8, às 22.00 horas. Preço: 4.500\$00 (com EP). Inscrições nos CT's de Vila Nova de Gaia (telef. 379 43 45) e Oliveira do Douro (telef. 782 0683).

Lavre/Matosinhos

Partida na sexta-feira, dia 6 às 8.00 horas, de Lavre com passagem pelo CT de Matosinhos. Regresso no domingo, dia 8, às 22.00 horas. Preço 5.300\$00 (com EP). Inscrições no CT de Matosinhos (telef. 937 57 73).

Vilarinho (Santo Tirso)

Partida sexta-feira, às 24 horas, do Largo 25 de Abril. Preço - 3.500\$00. Inscrições junto dos camaradas Billita, Neca Couto, Catalino e António Castro.

Santo Tirso

Partida no sábado, dia 7 às 6.00 horas, de Santo Tirso, junto ao Café «Estrela Foral». Preço: 2.800 00. Inscrições pelos telefones 52097/856234/0936830988.

Campo (Valongo)

Partida no sábado, dia 7 às 2.00 horas, do CT de Campo com passagem pelo CT de Ermesinde. Regresso na segunda-feira, dia 9, à 1.00 hora. Preço: 5.000\$00 (com EP). Inscrições nos CT's de Campo (telef. 4113951) e Ermesinde (telef. 9715885).

Comboio da Juventude

Partida na sexta-feira, dia 6 às 10.30 horas, da Estação da CP de Campanhã com paragem em Gala (Devesas), Espinho e Aveiro. Regresso na segunda-feira, dia 9, às 2.00 horas da Estação da CP de Santa Apolónia (Lisboa). Preço 3.400\$00, (inclui ligação em autocarro à Festa). Inscrições nos CT's do PCP.

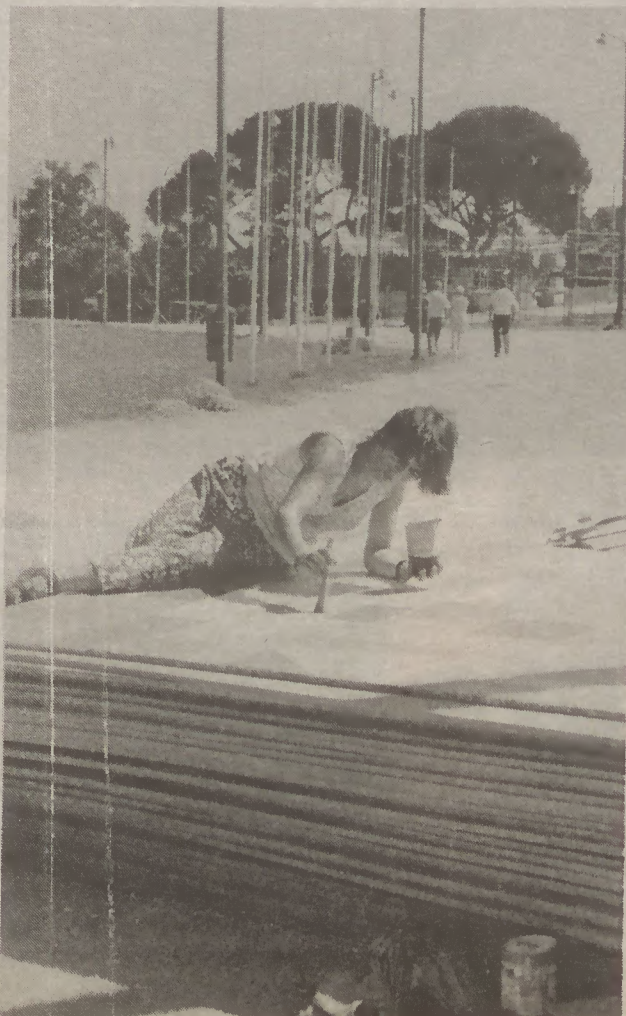
Noite em Loures

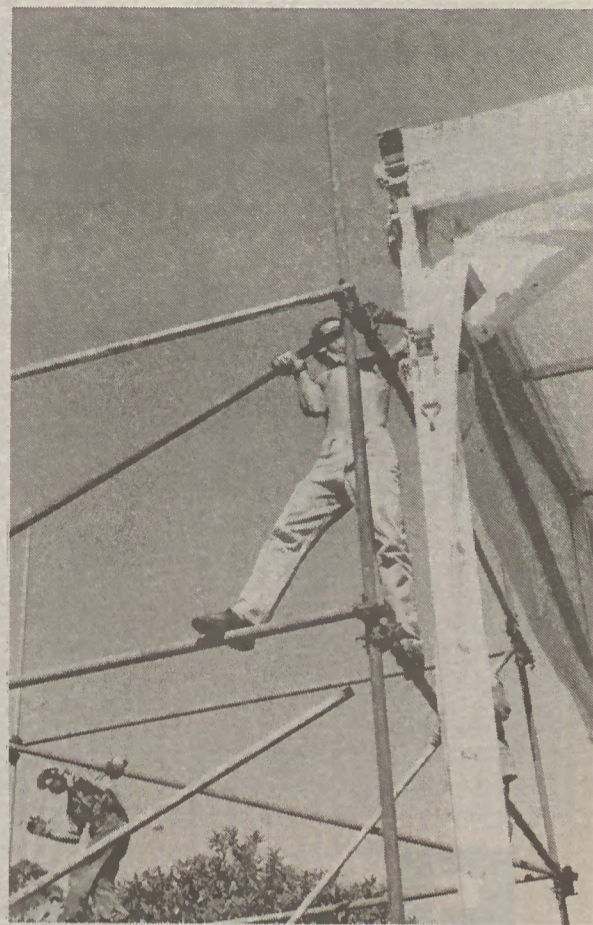
Amanhã, sexta-feira, pelas 21 horas, na Esplanada do Centro de Trabalho de Loures, é promovida uma noite de convívio que conta com a actuação do grupo 3 de Abril.

Petiscos, cocktails e muita animação é o que a concelhia promete neste iniciativa que se insere na divulgação e promoção da Festa do «Avante!». Se ainda não tens a EP, é uma boa oportunidade para a adquirir.



Oito camaradas meteram-se à estrada e fizeram quase 600 quilómetros de Bragança até à Atalala. Construíram o pavilhão numa semana árdua de trabalho, contando sempre com a ajuda de muitos transmontanos aqui residentes. No passado domingo, marcaram um almoço-convívio onde não faltaram sardinhas, alheiras, o chouriço, o bom vinho regional, animação e a alegria de velhos amigos

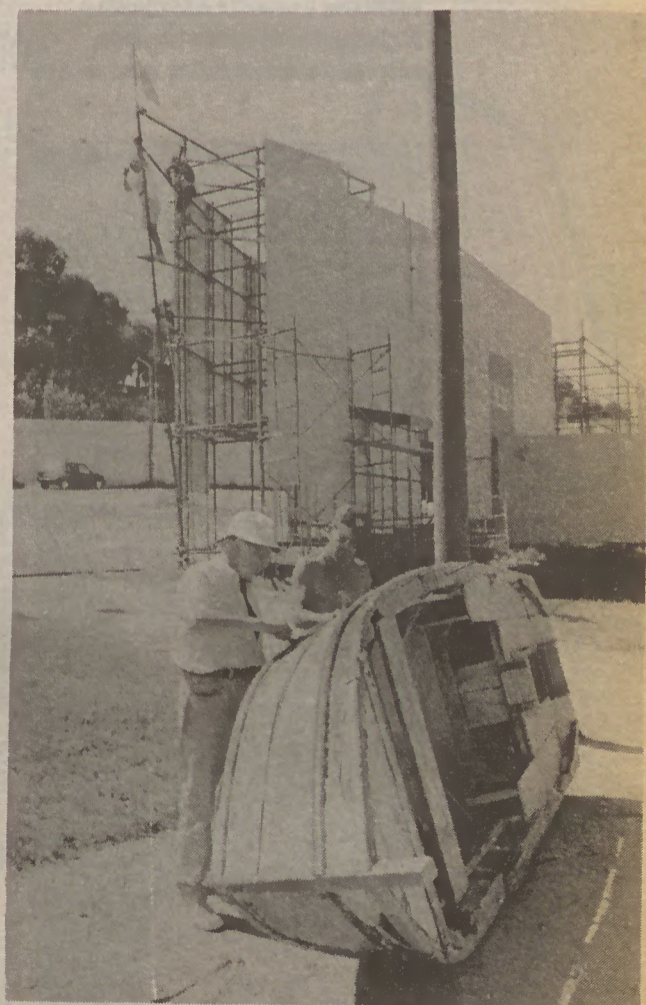
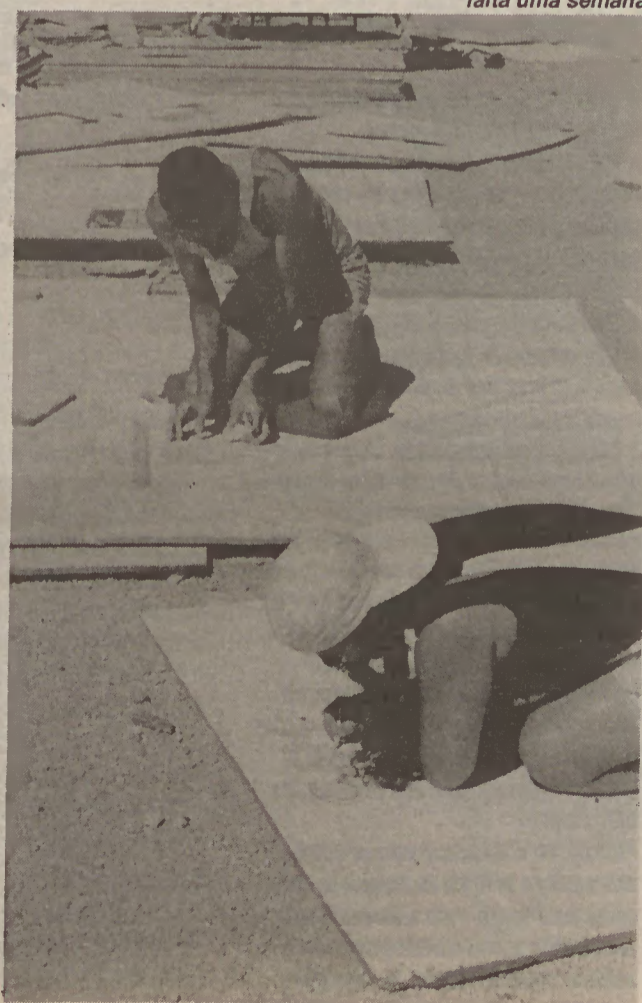




Um dia na Atalaia



Com um lago para repousar a vista e gozar a brisa marítima, a Quinta da Atalala parece outra. Ali, na zona ribeirinha, está a ser montado o Avanteatro, bem como bares e outras pequenas instalações. Cá em cima, do Alto da Medideira, já se vislumbra a cidade que abrirá as suas portas no dia 6 de Setembro. Mas ainda há muito trabalho para fazer e só falta uma semana



No passado domingo, o terreno estava cheio de gente a trabalhar. Vimos dezenas de camaradas em vários pavilhões e anotámos a presença numerosos de jovens (e as fotos testemunham) participando na construção e decoração dos pavilhões das diferentes organizações do Partido



Eles apoiam a Corrida

A realização da 9ª Corrida da Festa do «Avante!» continua receber o apoio de atletas e personalidades ligadas ao desporto, conforme testemunham os depoimentos que têm chegado à nossa Redacção e que aqui divulgamos

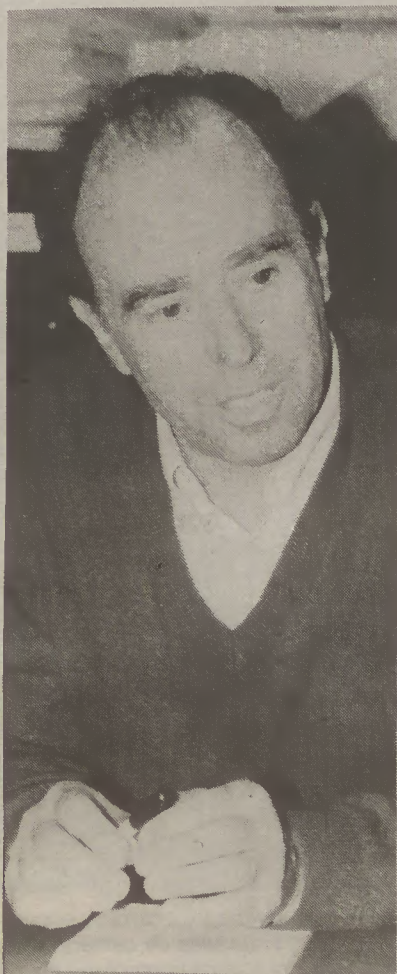
António Vilela

«Uma prova aberta»

O depoimento do Director da 9ª Corrida da Festa do «Avante!», António Vilela, fala-nos da prova e dos seus objectivos.

«A Corrida da Festa do Avante! consta de uma prova de corrida, realizada essencialmente em estrada, que integra um vasto programa desportivo da Festa do Avante! Esta corrida, que se realiza anualmente, é uma prova aberta, de participação voluntária e gratuita e destinada a participantes de ambos os sexos, representantes de clubes federados ou

não, ou a atletas individuais. A corrida da Festa do Avante! é organizada por uma comissão organizadora que avalia e ajusta anualmente a novas situações, considerando o resultado da sua própria análise e os contributos, comentários e sugestões expressos, por quantos, de qualquer forma, a ela se encontram ligados.



António Vilela

Objectivos

São os seguintes os objectivos da Corrida da Festa do Avante!:

- Proporcionar através da prática desportiva oportunidades de convívio, de confraternização e de solidariedade perante as contingências dos resultados da competição desportiva.
- Proporcionar situações para a compreensão do fenómeno desportivo e para a defesa dos direitos dos cidadãos à prática do desporto.
- Defender os valores do desporto quer como fenómeno de integração, quaisquer que sejam as origens sociais ou convicções políticas ou religiosas dos praticantes, quer como contributo para a melhoria das suas condições de vida.
- Divulgar a prática do desporto, e particularmente da corrida, como elemento essencial para a formação física das crianças e dos jovens, e para a manutenção da saúde e do normal equilíbrio psicológico dos praticantes de idade adulta.
- Integrar e valorizar uma proposta alargada de prática do desporto num programa vasto, rico e diversificado de um grande acontecimento cultural e político como é a Festa do Avante!»

Fernando Mota

Presidente da Federação Portuguesa de Atletismo

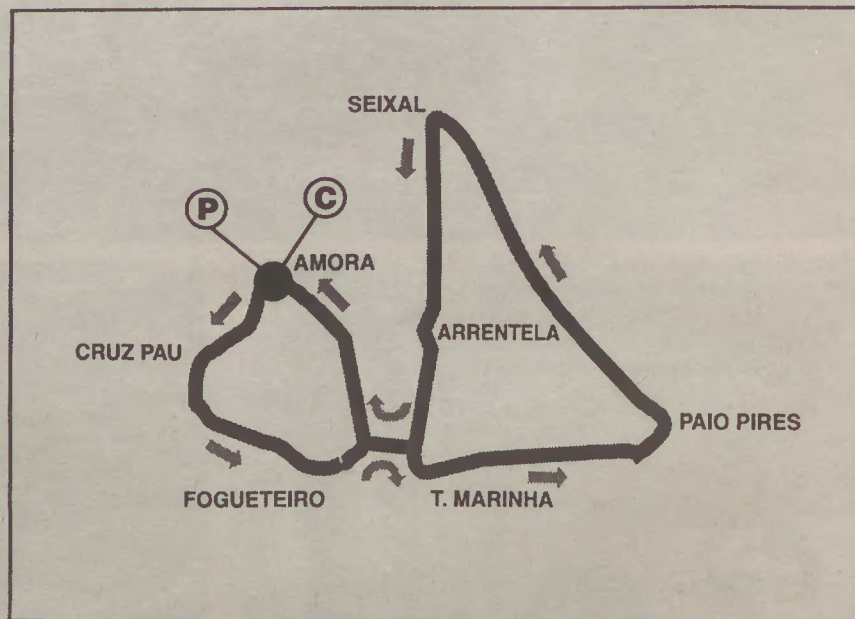
«A realização pela nona vez consecutiva da Corrida da Festa do Avante! faz emergir algumas situações que pelo seu carácter exemplar gostaríamos de realçar. Primeiro, a consciência cívica que anima os organizadores no desejo altruísta de procurar despertar o interesse pelos jovens e da população, em geral, para as vantagens e para o prazer da prática da corrida. Segundo, o estímulo, o prazer e a referência de carreira desportiva que

organizadores desta importante manifestação atlética, formulando votos de sucesso desportivo e antecipando com segurança que o atletismo constituirá o pretexto certo para um domingo festivo em ambiente de fraterna convivialidade».

Albertina Dias

Atleta Olímpica e Campeã Mundial de Cross

«Cá estou novamente na Corrida da Festa. É sempre com enorme prazer que participo, pois aqui há um grande convívio entre os participantes. Gostaria que outros atletas de alta



representa para muitos jovens a possibilidade de contacto e convívio estreito com alguns dos melhores atletas nacionais como é o caso, e a título de exemplo, da grande campeã Albertina Dias. Terceiro, a atitude lúcida dos organizadores desta importante iniciativa não a reduzindo a um fim em si próprio, mas procurando integrá-la na moldura de animação social e cultural que é o programa da Festa do Avante!, uma referência cívica e cultural no nosso país. Por último, em meu nome pessoal e da Direcção da Federação Portuguesa de Atletismo, aproveito para saudar todos os participantes e

competição participassem na corrida. Parabéns a todos que fazem com que a corrida esteja cada vez mais viva».

Bernardino Pereira

Treinador da atleta Albertina Dias

«A Corrida da Festa do Avante - um dos assinaláveis acontecimentos nacionais - junta mais uma vez atletas de ambos os sexos. Alguns para fazer a competição de fim-de-semana e outros para confraternizarem com o imenso pelotão que espero que cada vez seja mais longo. Faço daqui um apelo para que outros atletas de alta competição participem, pois seria um



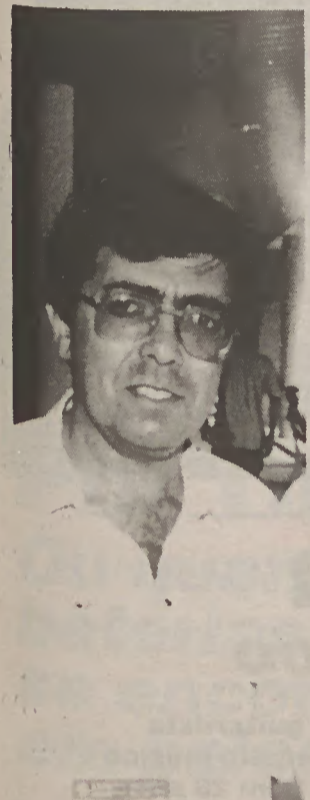
1000 atletas e 100 clubes inscritos

Mais de mil atletas e 100 clubes confirmaram já a sua participação na 9ª edição da Corrida da Festa, número que traduz bem o êxito da iniciativa que percorrerá as ruas da Amora e Seixal no próximo dia 8 de Setembro.

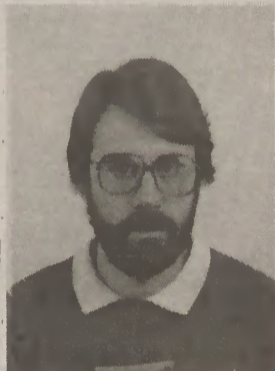
Irão alinhar na partida nomes famosos do atletismo português, entre os quais se destacam a atleta olímpica e campeã mundial, Albertina Dias, bem como Fernando Fernandes, ex-atleta do Benfica e director das primeira e segunda edições da Corrida da Festa. A Corrida conta ainda com o atleta do SCP, Armando Aldegalega, que ainda em Julho passado obteve a medalha de ouro nos 10 mil metros e a de bronze nos 5 mil nos campeonatos da Europa de veteranos, em Malmo, na Suécia.

O percurso

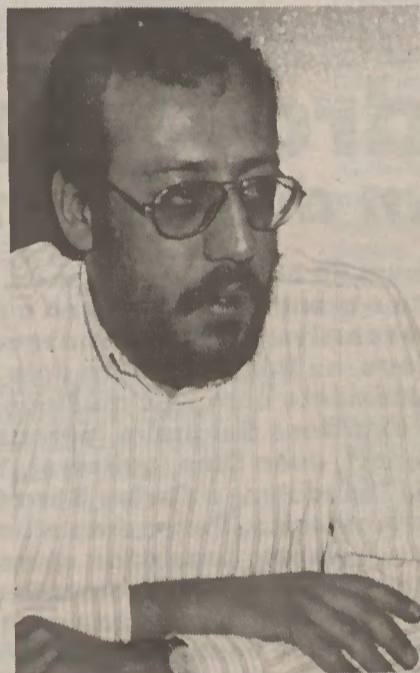
Com partida pelas 9.30 horas de domingo, dia 8 de Setembro, junto às Bombas da Cipol, a prova passa pela Quinta da Medideira, Fábrica da Resina, Rua 1ª de Maio, Cruzeiro, Rua 25 de Abril, EN 10, Fogueteiro, EN 328, Rotunda da Torre da Marinha, EN 10-2, Farinheiras, Av. General H. Delgado, Paio Pires, Cruzamento do Seixal, Av. dos Metalúrgicos, Av. Vasco da Gama, Largo dos Restauradores, Av. D. Nuno Álvares Pereira, Praça 1ª de Maio, Av. da República na Arrentela, Rua MFA, Av. Silva Gomes, Rua dos Lobatos, Largo Manuel da Costa, Rua da Fonte de Prata, Quinta da Medideira e Campo do Amora, onde estará a linha de chegada.



Fernando Mota



Bernardino Pereira



Alfredo Monteiro

Albertina Dias

personalidades do atletismo, e primado pela qualidade organizativa, sendo hoje uma das provas de estrada de maior prestígio de abertura da época desportiva. Estou convicto que a 20ª Edição irá ser uma vez mais uma grande festa do Desporto para

Todos com a participação de centenas de atletas e a adesão da população do Concelho, num percurso com o belo enquadramento da Baía Natural do Seixal.

No concelho do Seixal, o atletismo tem fortes tradições e enorme expressão na actividade desportiva, sendo disso um símbolo a atleta olímpica Carla Sacramento, que nasceu para a modalidade numa prova da "Seixalfada". Não posso por isso deixar de referir que o Complexo de Atletismo irá ser uma realidade no curto prazo, com uma importância fundamental para o desenvolvimento desta modalidade no concelho e na região, dependente apenas da concretização do necessário apoio do Governo.

Expresso à organização da Corrida da Festa do Avante o desejo de que a prova deste ano constitua novamente um grande êxito desportivo e transmito, desde já, as boas-vindas ao concelho do Seixal a todos os participantes».

grande estímulo para os participantes anónimos. Parabéns mais uma vez à organização e lá estarei no dia 8, às 9.30 horas».

Alfredo Monteiro

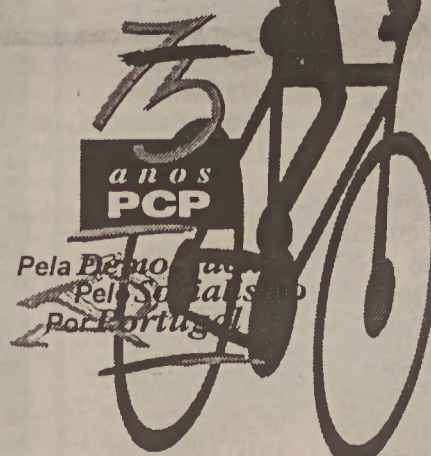
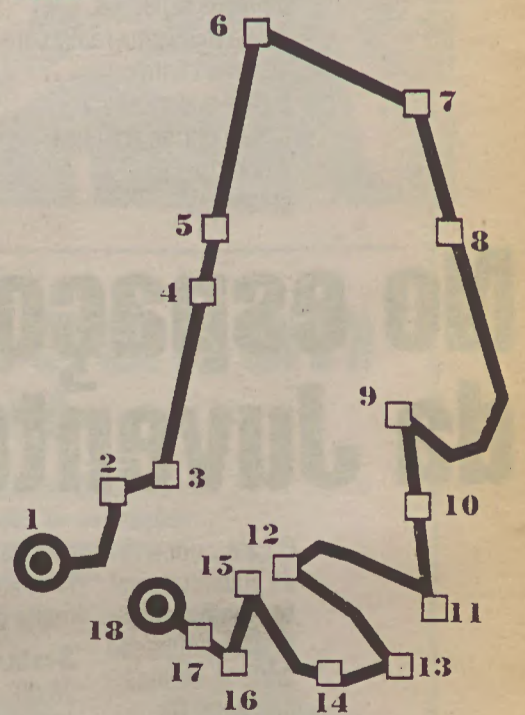
Vereador do Pelouro da Educação, Cultura, Desporto e Juventude da Câmara Municipal do Seixal

«A Festa do Avante!, este ano na 20ª Edição, é, pelas suas características, diversidade e qualidade de programação e enorme adesão popular, a mais significativa iniciativa cultural que se realiza no País. O desporto tem estado sempre presente e a Corrida da Festa do Avante!, desde há muito que constitui um momento alto do Programa Desportivo.

Nas 19 edições já realizadas, a Corrida da Festa tem contado com a participação e o apoio de muitos dos melhores atletas nacionais e de

Raid Cicloturista Integrado nas comemorações do 20º Aniversário da Festa do Avante!

- | | |
|---|---|
| 1- FIL (Av. de Brasília) | 9- Alcochete (Centro) |
| 2- Lisboa- Av. 24 Julho- Pç. Comércio - R.Prata - Rossio - Av.Liberdade - Marquês do Pombal - Saldanha - C.Pequeno - C.Grande - 2ª Circular | 10- Montijo - Centro (Paragem Para Almoço) |
| 3- Sacavém | 11- Moita -Centro |
| 4- Alverca | 12- Barreiro - Marginal |
| 5- Alhandra | 13- Coina |
| 6- VF Xira | 14- Paio Pires |
| 7- Porto Alto | 15- Seixal |
| 8- Infantado | 16- Arrentela |
| | 17- Paivas - Amora |
| | 18- Chegada - Junto à Qta. da Atalaia (Festa do Avante) |



75 anos PCP Pela Democracia Pela Socialismo Por Portugal

DIA 1 DE SETEMBRO '96

Concentração às 8.00h. e partida da Av. Brasília junto à FIL - Lisboa às 9.00h. Chegada junto à Qta. da Atalaia - Amora - Seixal

Inscrições até 29 de Agosto Tel. - 275 27 77 / 275 39 39

Apoio Técnico da Federação Portuguesa de Cicloturismo

Café-Concerto no Espaço de Lisboa

Servido por dois bares, o café-concerto do Sector Intelectual de Lisboa apresenta uma programação diversificada e atraente para os três dias da Festa.

Sexta-feira:

20.30 - José Neto - Música popular e animação
21.30 - José Eduardo Moreira e grupo
22.30 - Paulo Brissos
23.30 - Econadis

Sábado:

14.00 - Teresa Hespanha
15.00 - Leonor e o seu acordeão
15.30 - Grupo cubano
16.30 - In Oxe
17.30 - Quinteto de jazz
18.30 - Homenagem a Carlos Paredes, com a presença de

Alfredo Flores, Francisco Pinto, Luísa Amaro, Maria do Rosário Leitão, Mísia, Paulo Rocha, Jorge Lima Barreto, José Casanova. Projecção de vídeo e diaporama.
21.00 - Pedro Jóia
22.00 - Marisa Santos e Fernando Porta (Argentina)
23.30 - A Longa Caminhada

Domingo:

14.00 - Danças e Cantares da Galiza
15.00 - José Neto
18.30 - Open House
19.30 - Doze Canções Revolucionárias da Guerra Civil de Espanha e das Brigadas Internacionais na voz de João Queirós, António Tavares, Marta e Maria João.
21.00 - Les Elephants Terribles

No Centro do Disco À conversa com...

Organizado pela primeira vez, no centro de discos da Festa vai existir um espaço de convívio entre visitantes e artistas.

«À conversa com...» é pois um ponto de encontro servido com um pequeno bar onde é possível trocar impressões, ou solicitar autógrafos a vários artistas conhecidos. Para além dos milhares de discos disponíveis de todo o tipo de música, a preços especiais, esta é mais uma razão para visitar o centro. E para que não haja desencontros aqui fica o horário das presenças:

Sexta-feira:

21.00 - Flood
22.00 - Janita
22.30 - Rui Júnior
23.00 - Cool Hipnoise

Sábado:

14.00 - Primitive Reason
15.00 - Pedro Jóia
16.00 - Ritual Tejo
17.00 - Clá
18.00 - Quinta do Bill
19.00 - Danças Ocultas
20.00 - Gaiteiros de Lisboa

Domingo:

14.00 - Rui Veloso
15.00 - Vozes da Rádio
15.30 - Mísia
16.00 - Delfins
19.00 - Brigada Victor Jara
20.00 - Harvestwood
21.00 - Kussondulola

No espaço da Juventude

O café-concerto da Juventude vai ser um ponto de grande animação durante os dias da Festa. Da música ao teatro, passando pelo debate de temas que preocupam os jovens, como é o caso da Educação ou a interrupção voluntária da gravidez, o programa é

diversificado e bem ao gosto da malta nova.

Sexta-feira

20.00 - Oga It
21.30 - 100 Dúvida (unplugged)
23.00 - Teatro - Grupo de Performance

24.00 - The Astonishing Urbana Fall

Sábado

14.00 - Debate sobre a

Interrupção da Gravidez
16.15 - Capio
18.00 - Debate sobre Questões de Solidariedade
20.30 - 3 P'ó Chá
22.00 - Tédio Boys
23.30 - Antes P'lo Contrário

Domingo

14.00 - Debate sobre Questões de Educação
19.00 - Banda de jazz
20.30 - The Foe

Mais artistas na Festa

Ritual Tejo Com novo espectáculo

Apresentando o seu segundo e novíssimo disco de originais, também os **Ritual Tejo** regressam este ano à Festa com o seu som rock. Marcado pelo quotidiano e os problemas que os jovens se deparam em 1996, «História de Amor e Mar» vai ao encontro «daquilo que é ser português», hoje e ontem. Os vencedores do 5.º Concurso Rock Rende: -Vous, com a experiência de três anos de digressão, possuem um poder e uma energia em palco que contagiam imediatamente a plateia. A assistência da Festa do **Avante!** também irá saltar e cantar em coro as suas músicas.



Pedro Jóia O som do flamenco

Com a edição do seu álbum de estreia «Guadiano», o guitarrista **Pedro Jóia** surge perante o grande público como o primeiro músico português a dedicar-se exclusivamente ao flamenco. Com 26 anos de idade, nascido em Liège, na Bélgica, Pedro Jóia apresenta em palco o resultado do cruzamento com seis músicos tão diferentes quanto excelentes. São eles José Salgueiro (percussões), Perico Sambeat (flauta e sax tenor), João Dias (guitarra), Yiuri Daniel (baixo), Eduardo Miranda (bandolim) e Carlos Barreto (contrabaixo). Com formação de guitarra clássica, Pedro Jóia afirma que «esqueceu» o curso e que hoje não toca nada clássico.

«Desde o princípio, sempre me relacionei com o flamenco mais moderno, porque é o que mais gosto, nomeadamente o flamenco jazz (...). Ao mesmo tempo sempre tive vontade de tocar com pessoas do jazz», diz Pedro Jóia que descreve assim os músicos que o

acompanham: «O Perico Sambeat nem é andaluz, é valenciano, mas conhece muito bem a linguagem do flamenco porque, além de espanhol, interessa-se muito pelo assunto. Os outros não tinham qualquer contacto com o flamenco, como é o caso do Carlos Barreto. Dele quis o lado jazzístico, assim como do Yuri. Do Eduardo Miranda queria a sonoridade brasileira e a tradição do chorinho, João Dias é um companheiro de toda a evolução desta formação e Salgueiro a versatilidade.»



Delfins Pela terceira vez na Festa

Os Delfins vão estar novamente na Festa do **Avante!**. Depois dos memoráveis espectáculos de 1991 e 1993, o grupo do multifacetado Miguel Ângelo promete voltar a empolgar o público da Festa. O sucesso da sua última colectânea, «O Caminho da Felicidade», com inúmeras semanas de

permanência no primeiro lugar do top nacional de vendas, reflecte a popularidade que os Delfins têm entre nós. De «A Baía de Cascais» a «Sou como um Rio», os Delfins acompanham permanentemente as tendências internacionais do campo musical, passando da pop a uma fase mais sinfónica. A sua carreira foi

marcada por várias canções intervencionistas, reflectindo o contexto social em que se inserem. Quem não conhece o «Nasce Selvagem» ou «Aquele Inverno»? Quanto a perspectivas de futuro, esperam lançar o seu próximo disco de originais no estrangeiro. Para quando, é que ainda não sabem.



Viviana y sus muchachas del son

«Viviana y sus muchachas del son» é o nome de um agrupamento proveniente de Cuba, que vai actuar em diversos momentos e espaços da Festa do «Avante!». Advogando-se de uma pureza e de uma fidelidade rigorosa aos cânones da música tradicional cubana, a formação exclusivamente feminina adopta uma instrumentação exclusivamente acústica, o que não impede a transmissão inevitável do

contágio dançante que os ritmos sul-americanos sempre proporcionam. Guitarra, contrabaixo, flauta, percussões e vozes - todos os elementos do grupo cantam - constituem a base em cima da qual trabalha este agrupamento. Instrumentação a que não falta os elementos percussivos indispensáveis a este tipo de música como as maracas ou os reco-reco.

A particularidade de a solista e a própria constituição do grupo ser exclusivamente feminina, quebra o habitual costume da formação deste tipo de grupos ser maioritariamente masculina, atribuindo-se normalmente às mulheres o mero papel de dançarinas e coristas. Por outro lado, o facto de «Viviana y sus muchachas del son» ser um grupo de música cubana

exclusivamente feminino acaba por reforçar a componente sensual sempre associada a este tipo de música, até porque além de excelentes músicas, as protagonistas desta banda são exímias dançarinas dos ritmos tradicionais das suas Ilhas. Momento a não perder na 20.ª edição da Festa do «Avante!» é esta representação original e digna da música cubana.



Tim Tim Por Tim Tum Ou quando cinco baterias se encontram em palco

É o nome de um projecto iniciado em 1996, após um workshop na Fundação Calouste Gulbenkian, com Max Roach, um músico americano responsável por elevar o seu instrumento favorito, a bateria, à categoria de instrumento completo, explorando as suas capacidades rítmicas e melódicas. Cinco baterias em palco é por si só fascinante eo universo a descobrir é tão vasto como a imaginação que as toca. No entanto, não é só das baterias que vive o «Tim Tim Por Tim Tum», já que a filosofia deste grupo é que qualquer corpo ou objecto que produza som pode ser usada para fazer música. Comunicar é o objectivo deste projecto, seja por sons, ritmos ou expressão corporal. Despertar emoções e contagiar os espectadores é a finalidade do «Tim Tim Por Tim Tum», que é constituído por José Salgueiro, Acácio Salero, Alexandre Frazão, Marco Franco e André Sousa Machado.



Primitive Reason Do reggae ao metal

Formaram-se em Cascais e incluem membros de várias nacionalidades. Os Primitive Reason são Brian Jackson (vocalista) Guillermo de Liera (baixista e vocalista), Jorge Felizardo (baterista) Mark Calne (saxofonista) e Mikas (guitarrista). Brian nasceu nos Estados Unidos, tendo vivido, antes de chegar a Portugal, nas Filipinas, México e Camarões; Guillermo é espanhol; Jorge nasceu na Suíça, mas o pai é português;

Mark é Inglês e Mikas é o único que nasceu em Portugal filho de pais portugueses. As diferentes origens e referências culturais dos membros dos Primitive Reason reflecte-se no som que produzem, onde o objectivo é misturar géneros. Do ska, ao reggae, passando pelo funk, jazz, trash, metal, groove, rap, hardcore... Uma viagem pelos sons que marcam os anos noventa. Como eles próprios definem: «Esta não é uma

música pura, tem um pouco de tudo, de toda a actualidade do que se está a passar. A mesma música pode ser calma, violenta, saudosista, melancólica, depois eufórica e outra vez calma e

violenta. Sempre a mudar de sensações numa renovação constante.»

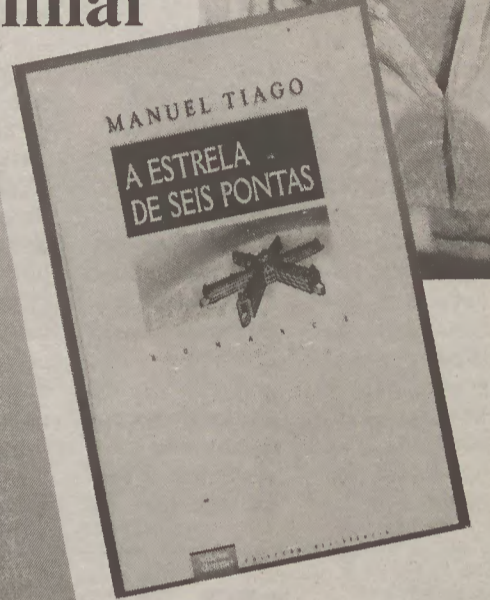
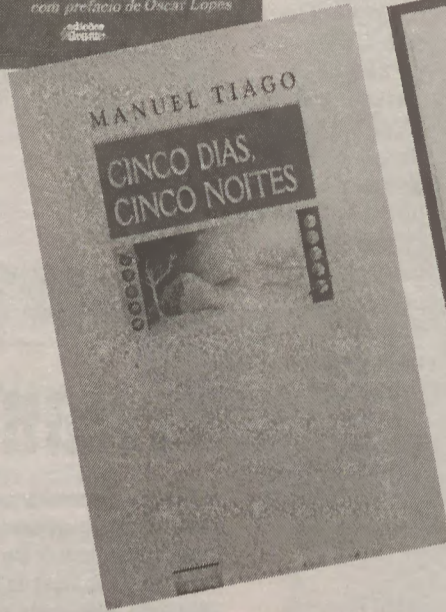
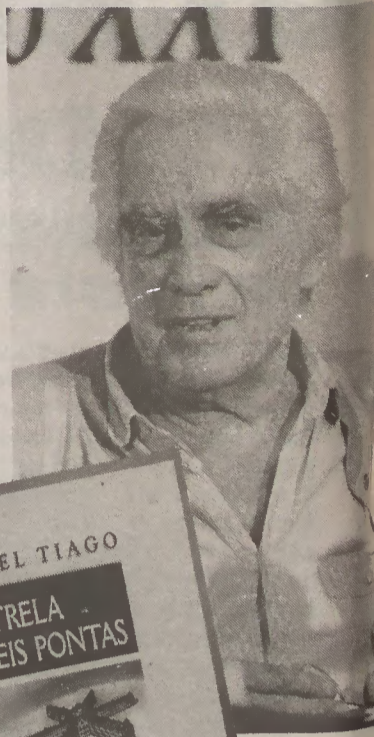
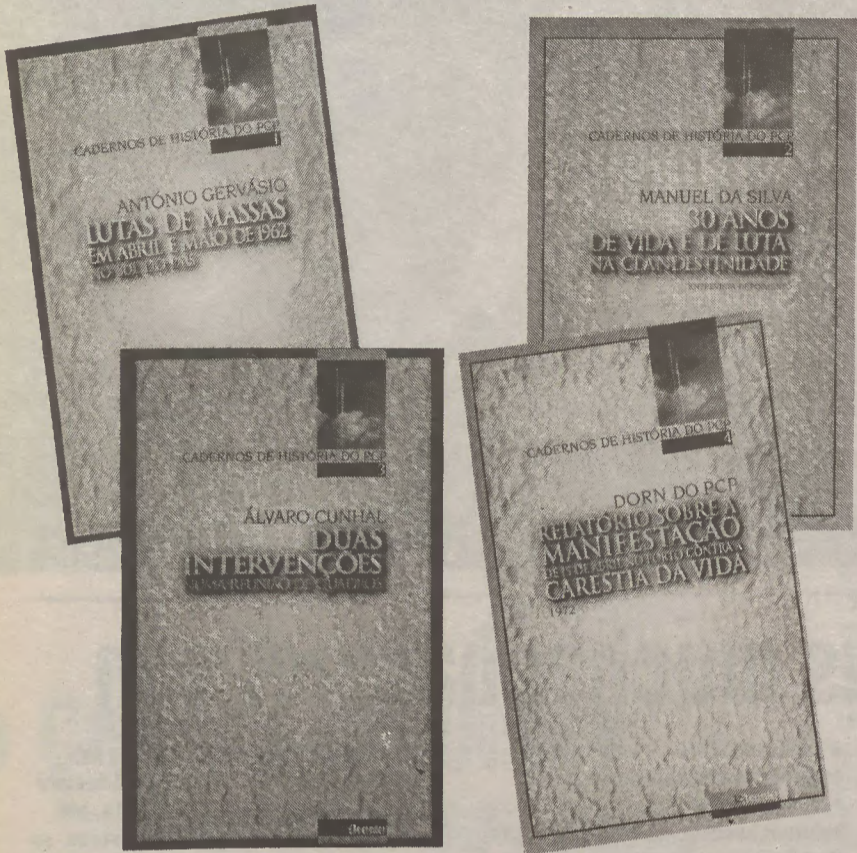




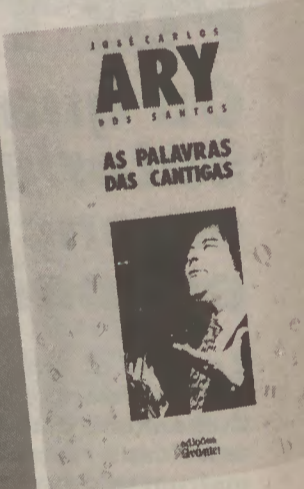
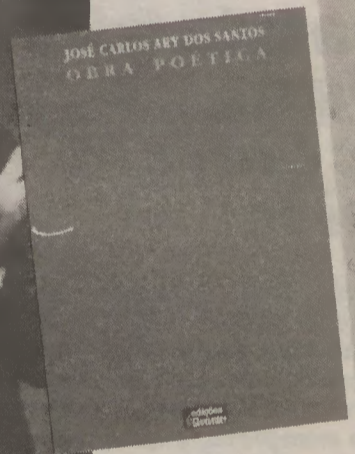
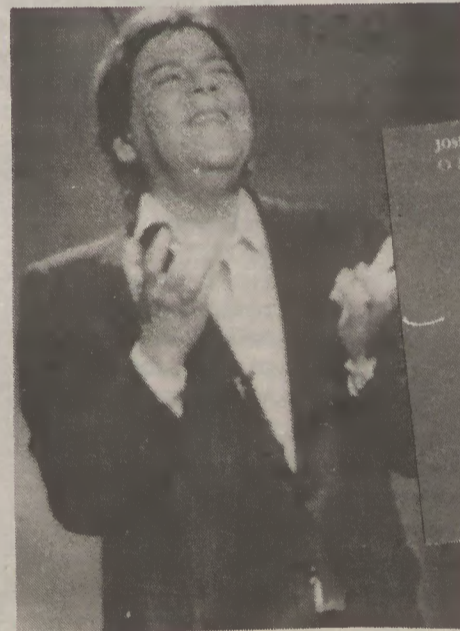
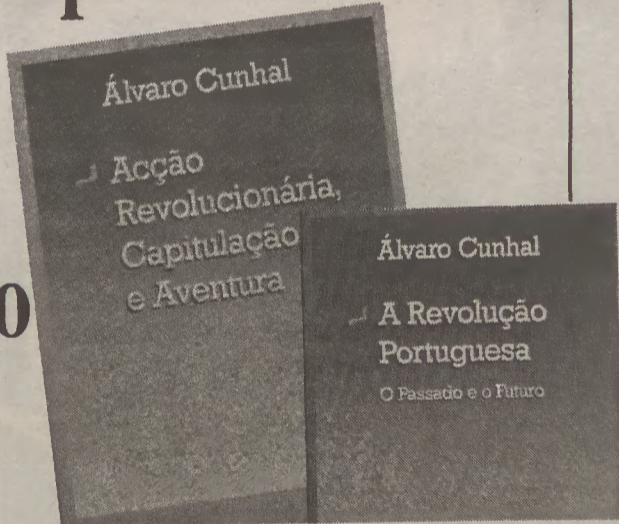
FESTA DO LIVRO E DO DISCO

40º de desconto em todos os livros da Editorial «Avante!»

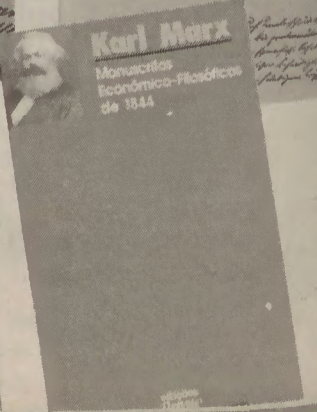
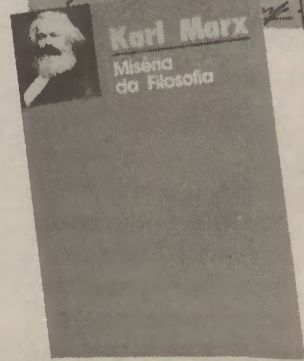
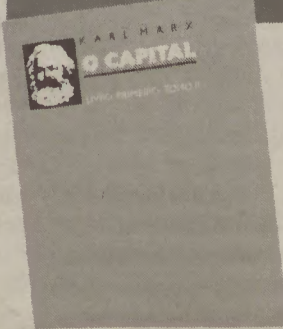
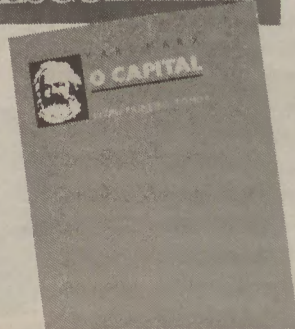
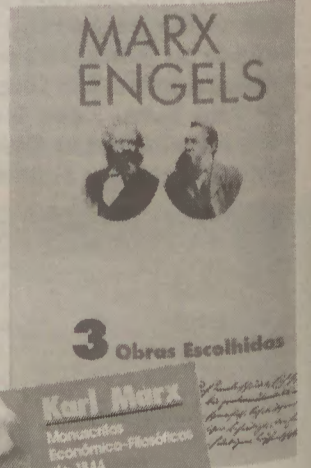
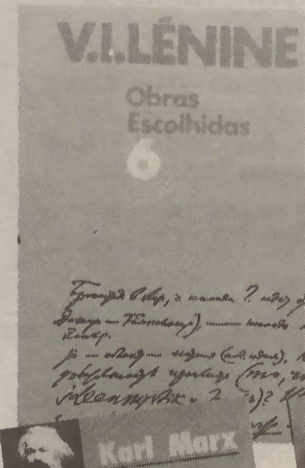
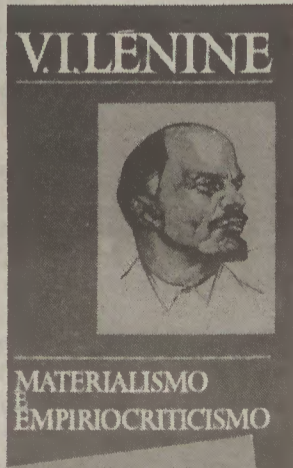
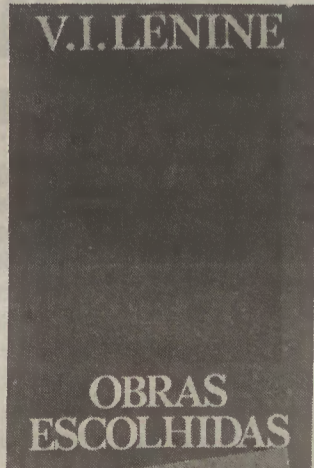
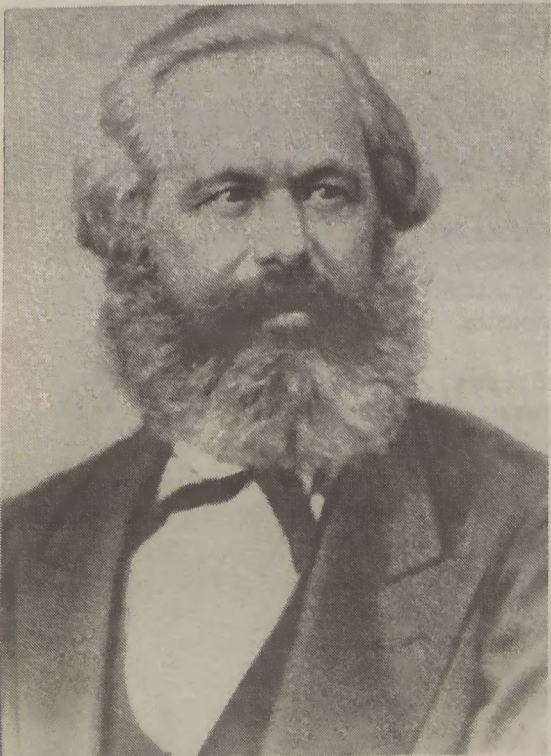
obras de Manuel Tiago pseudónimo de Alvaro Cunhal



Duas obras fundamentais para a compreensão do processo da Revolução de Abril



Clássicos do Marxismo-Leninismo



Saldos Fins de Edição a 350\$00 – 600\$00 – 800\$00 – 1000\$00 – 1500\$00

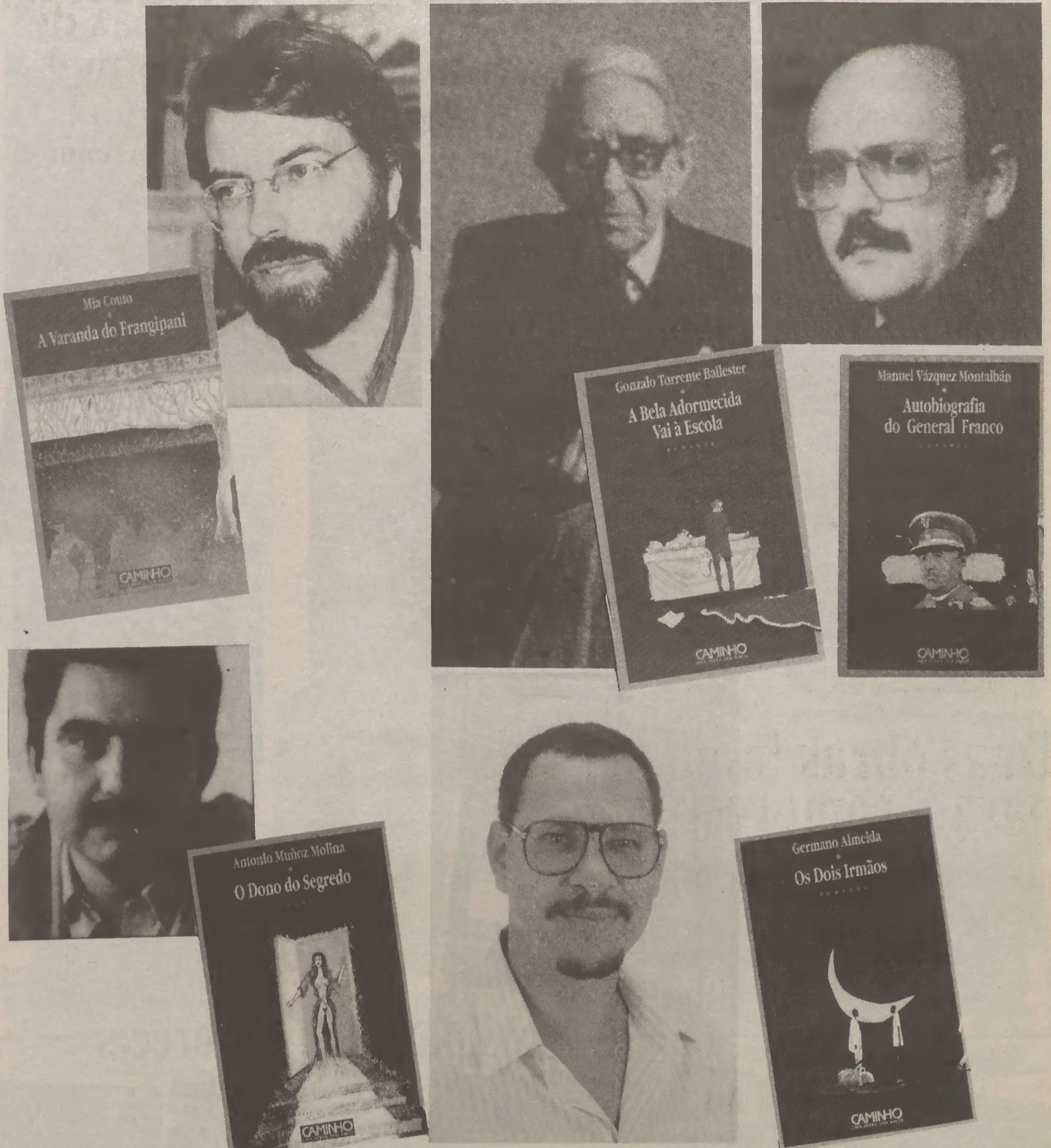


20
anos

C
A
M
I
N
H
O

40%
desconto

A melhor literatura de todo o mundo



Questões do mundo contemporâneo



Saldos Fins de Edição a 350\$00 – 600\$00 – 800\$00 – 1000\$00 – 1500\$00

FESTA DO LIVRO E DO DISCO

A palavra aos autores portugueses

20 anos

C A M I N H O

40% desconto



Livros para ter e oferecer



Saldos Fins de Edição a 350\$00 – 600\$00 – 800\$00 – 1000\$00 – 1500\$00

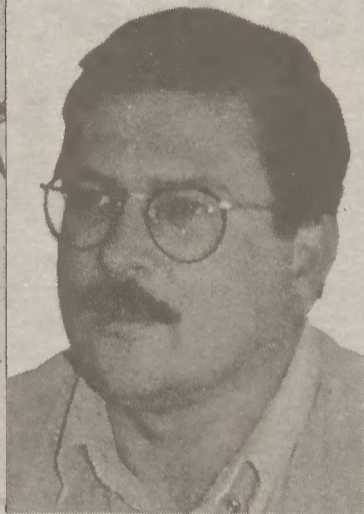
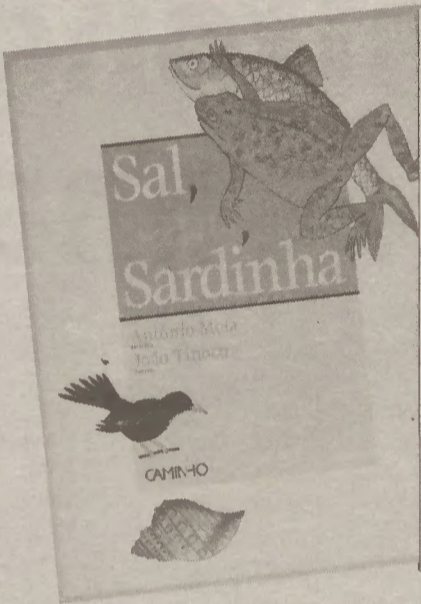
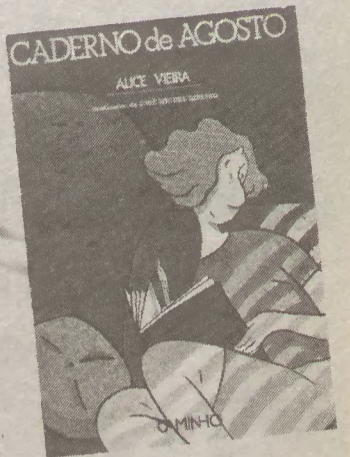


20
anos

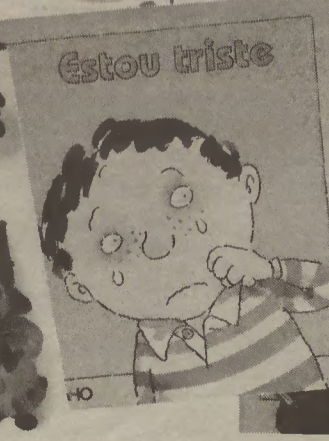
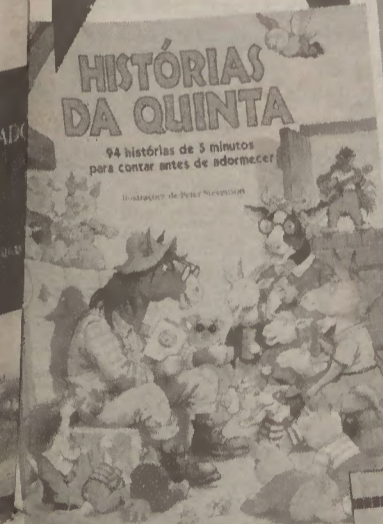
C
A
M
I
N
H
O

40%
desconto

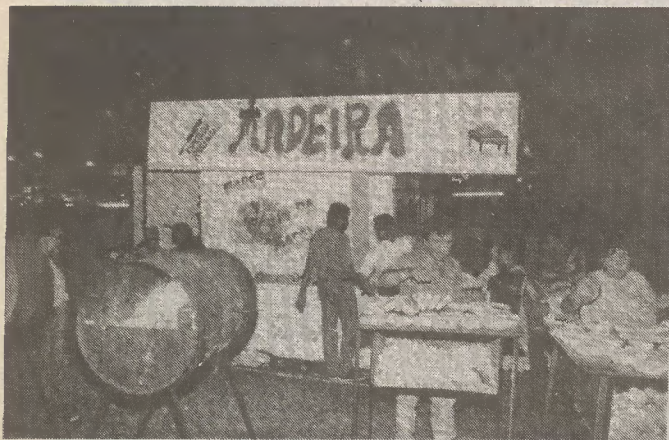
os melhores livros para os mais novos



os mais belos livros para os mais novos



Mais de 3 dezenas de editoras representadas com as últimas novidades com 25% de desconto



Açores, Castelo Branco e Guarda, Madeira, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu

A realidade regional a gastronomia o artesanato

Com um resumo do que vai ser a participação dos Açores, de Castelo Branco e Guarda, Madeira, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu finalizamos nesta edição o roteiro das organizações regionais do PCP na Festa do «Avante!».

Açores

Com a aproximação das eleições para a Assembleia Legislativa Regional, o pavilhão dos comunistas açorianos relata a actividade e as propostas do PCP para um futuro melhor na região autónoma.

Cast. Branco e Guarda

Mais uma vez os distritos de Castelo Branco e Guarda estão representados em conjunto na Festa e dão realce aos aspectos da sua realidade política, económica e social. Uma exposição política relata os principais momentos da actividade do Partido e movimentações sociais, salientando-se a luta dos trabalhadores têxteis da Corda da Serra da Estrela (Covilhã, Tortosendo, Gouveia, Manteigas). A animação cultural está a cargo de artistas locais, que têm à sua disposição um pequeno palco. O visitante pode ainda ver um artesão a trabalhar a madeira fazendo peças em talha.

A Beira interior traz à Atalaia uma Taberna regional. Como novidade, há chervovias, especialidade da Cova da Beira, e pastéis de molho, muito apreciados na Covilhã. Serve-se feijoada à moda da Guarda, arroz de bacalhau, orelha de vinagrete e caldo verde. Vinhos da região. Na Churrasqueira, há frango assado. A Cervejaria serve bebidas várias e sandes de presunto beirão. Na Garrafeira podem encontrar-se vinhos das adegas de Foz Côa, Freixo de Numão, Mêda, Pinhel, Vila Franca das Naves, Figueira de Castelo Rodrigo, Vila Nova de Tazém, São Paio, Covilhã e Fundão. Venda de produtos regionais - presunto e queijo da Serra, enchidos caseiros, pão de centeio, broa, mel.

Madeira

Esta organização está fortemente

empenhada nas próximas eleições regionais, acontecimento que naturalmente se reflecte na sua presença na Festa. A exposição política dá conta da actividade dos comunistas na Madeira, sempre ao lado dos trabalhadores e das populações, como foi o caso da revolta do leite. Além do artesanato típico da Região Autónoma, há o bar com bebidas regionais - vinho da Madeira a copo, poncha e outras bebidas licorosas. Bolos e broas de mel.

Viana do Castelo

Uma pavilhão bem recheado de bons manjares e belas peças de artesanato, Viana do Castelo dá ainda a conhecer a luta dos trabalhadores e das populações do distrito. Aqui pode ser adquirida uma colecção de doze «Avantes» clandestinos fac-

-similados, editada pela Organização Regional que relata as lutas travadas na região de Alto-Minho, ocultadas pela censura fascista e por isso desconhecidas do público. Também para os coleccionadores, e não só, está à venda uma peça alusiva à 20ª Festa do «Avante!». Para petiscar, salpicão, chouriço caseiro, "sanguinha", bacalhau frito, pataniscas, rojões. Acompanhados com broa de milho e azeitonas. As refeições - rojões à moda do Minho, arroz de sarrabulho à Ponte do Lima. Bacalhau frito (cura de Viana) ou pataniscas com arroz de feijão malandro. Ou sardinhas assadas com salada de feijão frade. Vinho verde. Vinho branco à pressão. Em garrafa, o Alvarinho e o Muralhas, brancos. Tintos os das adegas de Ponte do

Lima e Ponte da Barca. Doces regionais - manjericos e oritas de Viana, pão-de-ló do Soajo, doces de romaria de Arcos de Valdevez e de Ponte da Barca. Pode adquirir-se para levar de recordação... broa de milho, salpicão e sanguinhas. Há um pavilhão de artesanato.

Vila Real

Para além dos melhores produtos do Douro e Trás-os-Montes, os comunistas de Vila Real aproveitam a Festa também para divulgarem a sua actividade e propostas para a região. Para comer, propomos guizote de javali, canelos, salpicão, caldo de cebola. O melhor vinho da região do Douro e Trás-os-Montes. Para a sobremesa, cristas-de-galo e cavacórios, acompanhados de Moscatel de Faveiros ou de

vinho fino tratado no lavrador (o vinho do Porto sem misturas...). Ou ainda a aguardente da região.

Viseu

Este ano com nova localização, o pavilhão de Viseu continua a garantir autênticos produtos regionais, excelente artesanato e uma exposição política sobre a actividade do PCP na região. Esta organização oferece ao visitante o salpicão de Cinfães e a morcela das terras de Azurara, presunto da Beira, chouriço caseiro e o já célebre javali. O vinho do Dão, também a copo, e o Terras do Demo. Fêveras à beirão e morcela frita em vinho - tudo no Bar «O Escondidinho das Beiras». Existe ainda um espaço reservado ao artesanato, com Barro Negro de Modelos, Tondela, e peças típicas, como a secular Bilha do Segredo.

Lutas e conquistas do povo de Setúbal

A exposição da DORS aborda a acção e a luta dos comunistas e mobilização dos trabalhadores e das populações tendo em conta dois períodos. O primeiro dominado pela luta contra o fascismo e pelas liberdades. O segundo caracterizado pelo empenho na transformação revolucionária da sociedade portuguesa após o 25 Abril. A resistência à restauração do capitalismo monopolista e à destruição da reforma agrária. A luta contra o encerramento de empresas, pelo direito ao trabalho, em defesa dos direitos alcançados com a Revolução de Abril.

A política de direita dos últimos anos e a seguida pelo actual Governo PS é outro vector desta exposição que relata a luta dos trabalhadores e do povo do distrito de Setúbal por uma política diferente e de esquerda. O visitante pode igualmente tomar contacto com os principais aspectos do trabalho e obra dos comunistas no poder local, em prol do aumento da qualidade de vida e do desenvolvimento de um distrito onde a CDU é maioritária em 12 das 13 câmaras municipais.

Por último, a DORS dá especial relevo ao reforço do Partido, à sua acção e intervenção, às principais propostas para uma vida melhor e ao seu projecto de democracia e socialismo para Portugal.

Para além de 12 painéis, estes temas são ainda tratados em imagens vídeo. Neste espaço funcionará ainda uma banca com materiais editados pelo PCP.

No exterior, em complemento da exposição, serão colocados peças de arte plástica sobre o Partido, os trabalhadores, a juventude, o poder local, a Democracia e a Festa, bem como um «monumento» representado a força da unidade e apelando à adesão ao PCP.

